


# **The New Testament miracles: A corrective study for application in the Brazilian Reformed Calvinist churches**

**C Marques**

 **orcid.org 0000-0002-2610-687X**

Dissertation accepted in fulfilment of the requirements for the degree *Master of Theology* in *Dogmatics* at the North West University

Supervisor: Dr Marilda A de Oliveira  
Co-supervisor: Dr Stefan Kürle

Graduation ceremony: May 2020

Student number: 29928354

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Deus Pai que se revelou com mão poderosa sinais e prodígios a Israel, ao Deus Filho que se revelou com autoridade sobre todas as coisas e ao Deus Espírito que nos tem ensinado a guardar a Palavra revelada.

À NWU pela bolsa de estudo e pela oportunidade que me proporcionou de fazer esse trabalho.

Aos meus orientadores Dr<sup>a</sup> Marilda A de Oliveira e Dr Stefan Kürle por tanta dedicação e empenho.

À minha esposa Fernanda Pelegrini e minhas filhas Rebeca e Lavínia por muitas vezes em que precisei de silêncio.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a todos aqueles que pregam o Evangelho genuíno no Brasil. A todos os irmãos que confiam que a Bíblia é suficiente e que não comprometem os seus valores por nenhum benefício transitório.

## RESUMO

Aquilo que não pode ser conhecido pelas leis naturais ou foge ao comum é chamado de sobrenatural ou extraordinário. Esses elementos sempre foram reivindicados à história do ser humano e fazem parte da sua formação social, seja pela religiosidade ou não. Dentro da religião judaico-cristã, o milagre exerce um papel fundamental na construção daquilo que veio a ser denominado como teologia cristã, bem como a doutrina do milagre. Berkhof (1990:176) afirma que “Foi mediante milagre que Deus nos deu a Sua revelação especial e verbal na Escritura, bem como a Sua revelação suprema e fatural em Jesus Cristo”. De acordo com Calvino (2006:423), os milagres tiveram seu tempo, mas cessaram após o estabelecimento da revelação bíblica. No entanto, sua continuidade ainda é fortemente ensinada no contexto pentecostal e neopentecostal brasileiros.

Mariano (2004) demonstra que o Pentecostalismo e o Neopentecostalismo brasileiros no séc. XX alcançaram um elevado nível de crescimento, tendo a mídia como sua principal ferramenta de expansão e a promessa do milagre como atrativo.

Portanto, o presente trabalho visa examinar o ensino teológico de atos milagrosos registrados no Novo Testamento em paralelo ao conceito do milagre na teologia reformada, pentecostal e neopentecostal brasileira. Por fim, será verificada a coerência desse ensino com o Novo Testamento e como tem sido a sua aplicação no contexto da igreja evangélica brasileira. Assim será possível propor um ensino da doutrina do milagre coerente com as Escrituras para a igreja reformada calvinista brasileira.

**Palavras-chave:** Milagres; Novo Testamento; Pentecostalismo Brasileiro; Igreja Calvinista Brasileira.

## **ABSTRACT**

What cannot be explained by natural laws or considered unusual is called supernatural or extraordinary. These elements were always related to the human history and became part of mankind social formation, whether religious or not. Within the Judeo-Christian religion, miracles play a fundamental role in building up what has become the Christian theology and the miracle doctrine. Berkhof (1990: 176) states that, "God gave us His special revelation through miracles and the verbal one in the Scriptures, as well as His supreme and tangible one in Jesus Christ". According to Calvino (2006: 423) miracles had their time, but ceased after the establishment of the biblical revelation. However, in the Pentecostal and Neo-Pentecostal contexts miracles are taught and maintained.

Mariano (2004) shows that Brazilian Pentecostalism and Neo-Pentecostalism reached a high growth in the 20th century, using the media as their main tool to spread and the promise of a miracle as an attraction.

Therefore, this work aims to examine the theological teaching of miraculous acts in the New Testament together with the concept of miracle in the Reformed, Brazilian Pentecostal and Neo-Pentecostal theologies. Finally, the coherence of this teaching with the New Testament and the manner in which it has been applied in the Brazilian Evangelical Church will be verified. This way it will be possible to propose a teaching of the doctrine of the miracle consistent with the Scriptures for the Brazilian Calvinist Reformed Church.

**Key words:** Miracles, New Testament, Brazilian Pentecostalism, Brazilian Calvinist Church.

## CONTEÚDO

AGRADECIMENTOS.....	i
DEDICATÓRIA.....	ii
RESUMO.....	iii
ABSTRACT.....	iv
<b>CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>1.1. Contexto e Afirmação Problemática.....</b>	<b>1</b>
1.1.1. Contexto.....	1
1.1.2. Afirmação Problemática.....	1
<b>1.3. Estudo Bibliográfico Preliminar.....</b>	<b>2</b>
<b>1.4. O Alvo e os Objetivos.....</b>	<b>3</b>
1.4.1. Alvo.....	3
1.4.2. Objetivos.....	3
<b>1.5. O Argumento Teorético Central.....</b>	<b>4</b>
<b>1.6. Metodologia.....</b>	<b>4</b>
1.7. Introdução.....	4
<b>1.8. Considerações Éticas.....</b>	<b>4</b>
<b>1.9. Classificação Provisória dos Capítulos.....</b>	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO 2: DEFINIÇÃO E O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO RELIGIOSO DA DOCTRINA DO MILAGRE.....</b>	<b>6</b>
<b>2.1. Do mito à religião.....</b>	<b>11</b>

2.1.1. Os egípcios .....	11
2.1.2. Os judeus.....	13
2.1.3. Os gregos .....	16
2.1.4. O hinduísmo.....	17
2.1.5. O Budismo .....	17
2.1.6. Os cristãos do primeiro século.....	18
2.1.7. O Espiritismo.....	21
2.1.8. A ciência .....	23
2.1.9. A cultura indígena brasileira .....	24
<b>2.2. O milagre na pós-modernidade.....</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO 3: O PROPÓSITO DO MILAGRE NO NOVO</b>	
<b>TESTAMENTO.....</b>	<b>28</b>
<b>3.1. Os milagres no ministério de Jesus Cristo.....</b>	<b>32</b>
<b>3.2. Os milagres dos apóstolos .....</b>	<b>40</b>
<b>3.3. O milagre da ressurreição.....</b>	<b>44</b>
<b>CAPÍTULO 4: O PONTO DE VISTA REFORMADO SOBRE A</b>	
<b>MANIFESTAÇÃO DOS MILAGRES .....</b>	<b>47</b>
<b>4.1. A teologia católica e a Reforma Protestante.....</b>	<b>47</b>
<b>4.2. A tradição reformada no mundo moderno.....</b>	<b>51</b>
<b>4.3. A tradição reformada, o naturalismo e o liberalismo.....</b>	<b>52</b>

<b>4.4. Milagre e providência .....</b>	<b>56</b>
<b>4.5. A possibilidade do milagre, expressão do senhorio de Deus.....</b>	<b>59</b>
<b>4.6. A teologia reformada e os milagres hoje .....</b>	<b>61</b>
<b>CAPÍTULO 5: UMA AVALIAÇÃO DOS MILAGRES DIVULGADOS NAS DENOMINAÇÕES PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS BRASILEIRA .....</b>	<b>66</b>
<b>5.1. Da chegada do protestantismo ao pentecostalismo .....</b>	<b>66</b>
<b>5.2. O milagre do crescimento pentecostal brasileiro .....</b>	<b>71</b>
<b>5.3. Do pentecostalismo ao neopentecostalismo .....</b>	<b>73</b>
<b>5.4. Milagres na TV.....</b>	<b>77</b>
<b>5.5. Os milagres no pentecostalismo e a herança sincretista brasileira.....</b>	<b>79</b>
<b>CAPÍTULO 6: UMA PROPOSTA DE ENSINO DA DOCTRINA DO MILAGRE COERENTE COM AS ESCRITURAS PARA A IGREJA REFORMADA CALVINISTA BRASILEIRA .....</b>	<b>86</b>
<b>6.1. O desafio de pregar sobre os milagres no século XXI.....</b>	<b>86</b>
<b>6.2. O papel do Espírito Santo no ensino da Palavra.....</b>	<b>88</b>
<b>6.3. Extraindo a mensagem através da exegese bíblica .....</b>	<b>90</b>
6.3.1. Contexto cultural.....	95
6.3.2. O contexto histórico geral.....	95
6.3.3. Contexto literário .....	95
6.3.4. Análise de palavras importantes .....	98

6.3.5. Contexto histórico particular .....	98
6.3.6. Comentários bíblicos .....	99
<b>6.4. Pregação expositiva .....</b>	<b>99</b>
<b>6.5. Aplicação correta .....</b>	<b>100</b>
<b>CAPÍTULO 7: SUMÁRIO E CONCLUSÃO .....</b>	<b>103</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>107</b>

# **CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO**

## ***1.1. Contexto e Afirmação Problemática***

### ***1.1.1. Contexto***

Há consenso entre os teólogos sobre a importância do milagre na construção da fé cristã. Grudem (2009:567) diz que “um dos propósitos dos milagres é certamente autenticar a mensagem do evangelho”. Para Geisler (2010:39) “a teologia evangélica está edificada sobre o sobrenatural”. Desde os primeiros sinais relatados no Êxodo e mais tarde a concepção misteriosa de Cristo, seus atos prodigiosos e ressurreição contribuíram para que a fé judaico-cristã tivesse forte ênfase no extraordinário, ou seja, naquilo que foge ao comum. No entanto, os milagres não estão destituídos de significado, eles revelam as grandezas de Deus. “Os milagres não são eventos extraordinários que acontecem por acaso e sem alvo. Eles têm um propósito teológico que é apoiar e confirmar a verdade das proposições reveladas sobre Deus e sua obra de salvação” (Myatt & Ferreira, 2002:28).

Dessa forma, o presente trabalho que tem perspectiva teológica reformada, procurou expor o propósito dos milagres no Novo Testamento em comparação com os milagres propagados no contexto da igreja evangélica brasileira atual.

### ***1.1.2. Afirmação Problemática***

O crescimento do evangelicalismo brasileiro em muito se deve à propaganda do milagre nos meios de comunicação, vistos a qualquer hora do dia ou da noite em vários canais da TV aberta ou fechada. Um grande exemplo da expansão neopentecostal no Brasil é a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada por Edir Bezerra Macedo em 1977.

Diferentemente das igrejas cujos programas enfatizam a difusão do ensino doutrinário, ou transmitem preponderantemente sermões ou preleções teológicas, a [igreja] Universal destaca o poder

transformador de Deus na vida dos homens, exibindo testemunhos propagandísticos de curas, milagres, intervenções e bênçãos divinas de toda espécie (Mariano, 2004).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2010) revelou que a igreja evangélica brasileira cresceu no país nos últimos anos enquanto o número de católicos entrou em declínio. De acordo com Ritto (2012), nos últimos quarenta anos o número de evangélicos saltou de 5,2% para 22,2% e em trinta anos católicos e evangélicos estarão empatados em número na população brasileira. Esse número foi acrescido pelas igrejas pentecostais e neopentecostais que dão grande ênfase aos atos extraordinários e miraculosos como algo ordinário, resultado apenas de um ato de fé. Sendo assim, faz-se necessário um exame pormenorizado que relacione os atos miraculosos do Novo Testamento com o influente ensino do milagre na igreja evangélica brasileira atual. Por isso é importante responder à seguinte pergunta: **Como abordar os milagres do Novo Testamento para que contribua para um crescimento saudável das igrejas reformadas no contexto brasileiro?** Para responder a essa pergunta é preciso, antes, investigar a doutrina do milagre de maneira mais ampla.

- a) Qual é a definição de milagre e seu desenvolvimento histórico religioso?
- b) Qual é o propósito dos milagres no Novo Testamento?
- c) Qual é o ponto de vista da teologia reformada sobre a manifestação dos milagres?
- d) Como avaliar os milagres amplamente divulgados nas denominações pentecostais e neopentecostais brasileiras?
- e) Como abordar escrituralmente os milagres de modo a contribuir para um ensino coerente no contexto da igreja reformada brasileira?

### **1.3. Estudo Bibliográfico Preliminar**

A fim de definir o milagre e os seus significados além da religião cristã foram selecionados os seguintes autores: Domezi (2013); Strong (2003); Funari *et al*

(2009); Geisler (2010); Humphreys (2004); Huxley (1977); Kardec (2013); Civita (1973); Ritto (2012).

Para falar sobre o propósito dos milagres no Novo Testamento foram selecionados: Agostinho (1994); De Lima (2006); O'Donovan (1999); Rienecker e Rogers (1995), Chantry, (1990), Sproul (2014).

Para expor o ponto de vista reformado sobre a manifestação dos milagres os seguintes autores serão considerados: Bavink (2012), Berkhof (1990), Calvino (1985). Para falar sobre os milagres amplamente divulgados nas denominações pentecostais e neopentecostais brasileiras foram escolhidos: Graham (2009), Grudem (2009), MacArthur (1992), Mariano (2004) e para falar sobre os milagres no contexto da igreja evangélica brasileira de modo a contribuir para um ensino coerente com as Escrituras foram selecionados: Frame (2013), Hodge (2001), Packer (2004) e Bruce (1990).

#### **1.4. O Alvo e os Objetivos**

##### **1.4.1. Alvo**

O alvo desse trabalho é fazer um estudo dos milagres no Novo Testamento para que seja aplicado com coerência, contribuindo assim para o crescimento saudável da igreja reformada no contexto brasileiro.

##### **1.4.2. Objetivos**

Os objetivos específicos do estudo são:

- a) Analisar e apresentar a definição de milagre e o seu desenvolvimento histórico religioso.
- b) Analisar e expor o propósito dos milagres realizados no Novo Testamento.
- c) Apresentar o ponto de vista da teologia reformada sobre a manifestação dos milagres.
- d) Avaliar os milagres amplamente divulgados nas denominações pentecostais e neopentecostais brasileiras.

- e) Abordar os milagres a partir das Escrituras de modo a contribuir para um ensino coerente na igreja reformada brasileira.

### **1.5. O Argumento Teorético Central**

O argumento teorético central desse estudo é que somente a partir de uma compreensão do ensinamento dos milagres no Novo Testamento será possível aplicá-lo de maneira coerente e contribuir para um crescimento saudável da igreja reformada brasileira.

### **1.6. Metodologia**

#### **1.7. Introdução**

O estudo gramático-teológico será feito na perspectiva da tradição reformada. Para realização do trabalho, a seguinte metodologia foi usada:

- a) Para apresentar a definição de milagre e o seu desenvolvimento histórico religioso, foi feita uma pesquisa na literatura secular e teológica.
- b) Para expor o propósito dos milagres realizados no Novo Testamento uma pesquisa literária foi feita.
- c) Para apresentar o ponto de vista da teologia reformada sobre a manifestação dos milagres foi feita uma análise literária.
- d) Para falar sobre os milagres amplamente divulgados nas denominações pentecostais e neopentecostais brasileiras, foi feita uma pesquisa literária do assunto.
- e) Para abordar os milagres nas Escrituras com o fim de aplicá-lo coerentemente na igreja reformada brasileira, os dados coletados foram analisados e métodos de estudo e aplicação bíblico-teológico foram propostos.

### **1.8. Considerações Éticas**

O estudo está comprometido com os requerimentos éticos do Departamento de Educação e da North-West University, no que se refere às fontes bibliográficas. Não há risco quanto ao que se refere às implicações éticas.

### **1.9. Classificação Provisória dos Capítulos**

- a) CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO
- b) CAPÍTULO II - DEFINIÇÃO E O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO RELIGIOSO DA DOCTRINA DO MILAGRE
- c) CAPÍTULO III - O PROPÓSITO DO MILAGRE NO NOVO TESTAMENTO
- d) CAPÍTULO IV - O PONTO DE VISTA REFORMADO SOBRE A MANIFESTAÇÃO DOS MILAGRES
- e) CAPÍTULO V - UMA AVALIAÇÃO DOS MILAGRES DIVULGADOS NAS DENOMINAÇÕES PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS BRASILEIRAS
- f) CAPÍTULO VI - UMA PROPOSTA DE ENSINO DA DOCTRINA DO MILAGRE COERENTE COM AS ESCRITURAS PARA A IGREJA REFORMADA CALVINISTA BRASILEIRA
- g) CAPÍTULO VII - SUMÁRIO E CONCLUSÃO

## **CAPÍTULO 2: DEFINIÇÃO E O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO RELIGIOSO DA DOCTRINA DO MILAGRE**

Nas suas experiências religiosas desde os primórdios, o ser humano se encantou com o sobrenatural e ainda hoje luta para compreender os acontecimentos que fogem à ordem natural. É possível que, em algum lugar no passado, quando o cometa Halley foi visto pela primeira vez, tenha sido considerado algo sobrenatural, pavoroso, um milagre. Algum povoado isolado pode ter entendido como sendo obra dos deuses o surgimento de uma ilha no meio do oceano, resultante de um vulcão. A Aurora Boreal no hemisfério Norte, sem a explicação científica é confundida com um fenômeno extraordinário de alguma divindade. Wilkinson (2001:96) diz que esse fenômeno para o povo Koyukon, do Alasca Central, é interpretado como a garantia de uma boa caça, pois “os Homens das Luzes Polares estão atirando flechas pelo céu ao mesmo tempo em que os espíritos dos mortos dançam”.

Geisler (2010:39) afirma que qualquer evento natural que não tivesse explicação imediata poderia ter sido visto como milagre em alguma época da história. Com isso, muitos fatos que foram considerados como sobrenaturais no passado foram desvendados como fatos naturais, conforme a ciência foi avançando e o ser humano ampliando os seus conhecimentos. Mesmo assim, nem todos os mistérios foram desvendados e a sociedade moderna ainda continua crendo nas coisas sobrenaturais, sobretudo no milagre.

A palavra milagre é um termo muito popular no vocabulário brasileiro, é uma herança religiosa. Sobre qualquer acontecimento trivial é possível ouvir uma sonora exclamação: “Foi um milagre!”. O fato de o Brasil ser o maior país católico do mundo segundo o *Annuarium Statisticum Ecclesiae* do Vaticano 2018, o país passou ainda por um processo de pentecostalização na segunda metade do século XX em que foi dada grande ênfase nos atos de milagres. Mariano (2004), ao falar da expansão pentecostal no Brasil, especificamente no caso da Igreja Universal do Reino de Deus, observou um fato importante; dá-se muita prioridade na exibição no rádio e na TV de testemunhos de fiéis sobre bênçãos e milagres, o

que ele chamou de “soluções mágico religiosas, de cunho terapêutico e taumatúrgico”. Sproul (2014:177) completa dizendo que a expectativa de se receber um milagre atualmente é tão grande que as livrarias vendem cartazes que adornam gabinetes pastorais com a seguinte promessa: “Espere um milagre!”.

É importante lembrar que isso faz parte de um processo histórico, não só no que se refere ao desenvolvimento da doutrina do milagre, mas também da sua própria definição.

Milagre pode ser considerado apenas como “um acontecimento que não se explica por causas naturais, atribuído à ação de um poder divino”, Milagre (Anon., 1995:68). Essa definição obviamente é descomprometida de qualquer confissão de fé, simplesmente define o termo por ele fazer parte da história humana. A definição secular não se ocupa da apologética, como faz a teologia cristã porque não tem a função de dizer se está certo ou errado. Por outro lado, a teologia cristã entende o milagre somente com um propósito religioso, impossível de ser explicado senão pela ação de Deus (Strong, 2003:183-184). A diferença é que a definição secular se estende a qualquer poder considerado divino enquanto a definição cristã de milagre se restringe ao Deus da Bíblia. Segundo o Dicionário Bíblico Strong (2002:1801), uma das palavras no Novo Testamento que define milagre é *σημειον* (semeion), “sinal, marca, símbolo [...] pelos quais Deus confirma as pessoas enviadas por ele, ou pelos quais homens provam que a causa que eles estão pleiteando é de Deus”.

No registro secular mais antigo, milagre ou *τέρας* aparece na literatura desde Homero (Brown & Coenen, 2000:1293). Teve o significado ligado aos sinais da parte dos deuses e aos presságios que precisavam ser interpretados pelos videntes, vinculando-o às mais antigas religiões populares de que se têm notícias.

O conceito do milagre, portanto, não é novo e nem cristão, é fruto da religião, um dos fenômenos mais antigo e enigmático da humanidade, seja no politeísmo grego ou no monoteísmo judaico. Mondin (2005:224) afirma que o ser humano é um religioso nato ou “*homo religiosus*”, o qual possui algo que não está presente

em nenhum outro ser vivo. De todo o conhecimento que se tem registrado até hoje, a religiosidade está relacionada unicamente à criatura humana, somente ela pratica a religião.

Esse fenômeno religioso não depende da condição social ou intelectual do ser humano. É tão natural e próprio dele que Calvino (1985:59) diz que até mesmo os seres humanos mais distanciados da civilização não estão desprovidos do senso do sagrado, antes “retêm sempre certa semente da religião”. Isto significa haver uma inclinação natural que leva o ser humano a adorar e isso não se perdeu com o passar do tempo, é tão vivo hoje como foi no passado mais distante. O tempo provou não ser um mero fenômeno da ignorância humana suplantado com o tempo. “O fenômeno religioso está presente em todas as culturas, desde os primórdios da história até os dias atuais” (Faria, 2017:35). Não se pode afirmar que é obra dos incautos, pois pessoas de sabedoria inquestionável professaram e têm professado a sua crença religiosa.

Historicamente, diversos intelectuais da filosofia, teologia e sociologia ocuparam-se em discutir a questão da religião. Desde os filósofos antigos, Sócrates, Platão e Aristóteles até os modernos como Hegel, Feuerbach, Marx, Comte, Nietzsche, Hume, Freud e Kant por exemplo, a religião sempre foi tema relevante de suas discussões quer seja de maneira positiva ou negativa. Dentre os filósofos modernos, grande parte teceu duras críticas à religião. Bavinck (2012:255-256) destaca que, para Hegel, a religião era uma forma baixa de conhecimento, conveniente apenas aos desprovidos de conhecimento, ou, ignorância e ressentimento para Freud (Nicholi, 2005:52).

Feuerbach (2007:45) mudou o seu conceito do transcendente quando trocou a teologia pela filosofia por influência de Hegel. Ele afirma que a religião cristã passou a ser apenas o relacionamento do ser humano consigo mesmo, a essência divina tornou-se a percepção da essência humana. Esse pensamento contribuiu mais tarde para gerar a descrença na religião e os seus atributos transcendentais como Deus, fé e milagres. Quando Feuerbach fala da origem e do significado religioso do milagre bíblico, embora não descarte totalmente a

possibilidade de ter havido um fenômeno físico ou fisiológico, ele não consegue esconder a sua racionalidade naturalista ao defini-lo. Ele julgou que o milagre não tem sentido para a razão e chega a ser impensado; “tão impensável como um ferro de madeira, um círculo sem periferia” (2007:145). É possível perceber que a sua opinião em relação ao milagre está ligada ao novo conceito que ele adquiriu da religião; milagre seria apenas o desejo sobrenaturalizado que o ser humano tem.

Influenciado por Feuerbach, Karl Marx (2010:145) fez uma das mais conhecidas críticas à religião, considerando-a como um elemento de ação analgésica, narcótica e hipnótica, o “ópio do povo”. Ele a acusou de ser uma invenção da sociedade capitalista e ainda disse que “a religião é o suspiro da criatura oprimida”. Marx acusava os mais fortes de se apropriarem da religião para oprimir os mais fracos, por isso ele a rejeitava tão tenazmente. Ele não conseguia enxergar a religião como algo transcendente, mas como uma ferramenta política.

Não foi somente no campo filosófico que a religião foi desafiada. No século XIX, o século da crítica a todos os valores constituídos, a ciência desafiou a religião severamente. Um grande expoente dessa crítica foi o psicanalista Sigmund Freud, embora ele tenha crescido em um lar com forte expressão de fé judaica e exposto às práticas católicas na infância através de sua babá (Nicholi, 2005:23).

Um opositor ferrenho da religião como algo transcendente, Freud (1996:74) viu a religião como um ato de fraqueza e infantilidade do ser humano. Ele afirmou que “em termos biológicos, a religiosidade está relacionada com a prolongada impotência e necessidade de amparo da criança pequena,” o que ele chamou de complexo parental. Freud não atribuiu nenhum valor extraordinário à religião, apenas a reduziu a uma invenção humana para justificar a sua carência paterna. Uma olhada na biografia de críticos como Marx e Freud revela que, na verdade, esse desprezo pela fé, religião e, por fim, pelos milagres, tem muito a ver com as suas frustrações pessoais e decepções com o mundo de seus dias. No caso de Marx, por exemplo, Mondin (2005:227) afirma que “...os motivos que fizeram Karl Marx abraçar a causa do ateísmo, mais que argumentos de natureza filosófica e

metafísica, foram de ordem histórica e social”. O mesmo pode-se afirmar de Freud e Feuerbach. Essa crítica intelectual em muito contribuiu para a posterior rejeição à religião favorecendo grandemente o ateísmo.

Por outro lado, a religião teve a sua defesa de maneira positiva feita por grandes pensadores, o que favoreceu a sua sobrevivência. Muito antes dos filósofos modernos, Agostinho de Hipona (354 d.C - 430 d.C) já havia definido a religião como sendo o único meio pelo qual o ser humano encontra o que mais almeja: “Só ela leva, de fato, à verdade e à felicidade” (Agostinho, 1994:22), ou seja, a religião proporciona a satisfação, o apaziguamento das questões internas do ser humano.

Esse sentimento de apego ao mistério está internalizado no ser humano, levando-o a uma resposta traduzida em religião. Da Mata (2010:126) observa a dificuldade histórica de se definir o termo religião.

Originalmente não tem o sentido de *religar* deuses e homens como propôs os autores cristãos Lactâncio e Tertuliano. Antes, para Cícero *religio*, viria de *legere*, “colher, congregar”. O sentido mais comum, portanto, seria escrúpulo, ser *religiosus* para o romano, significava, antes de mais nada, manter este escrúpulo em relação ao culto, observar adequadamente os ritos.

Strong (2003:47) explica a religião como “*relegere*, “reexaminar”, “ponderar cuidadosamente”. Portanto, o seu sentido original é “observância reverente” (dos deveres para com os deuses)”. É dever primórdio, que tem movido o ser humano e tudo o que o circunda desde os primeiros tempos da civilização humana, levando-o a construir a sua cosmovisão. Mondin (2005:224) assegura que “é coisa mais que sabida que todas as culturas são profundamente marcadas pela religião e que as melhores produções artísticas e literárias, não só das civilizações antigas, mas também das modernas, se inspiram em motivos religiosos”.

Por ter dentro de si essa religiosidade intrínseca, o gênero humano sempre esteve inclinado à adoração, à reverência ao inexplicável, com isso criaram-se os seus próprios deuses para representar algo ou alguém para que através deles explicasse aquilo que foge ao natural. A doutrina do milagre nasceu e se desenvolveu no contexto religioso, vinculado à percepção de uma faceta da atividade de Deus (Aulén, 1965:92). Fora do contexto religioso, a doutrina do milagre não teria sobrevivido.

A formulação teológica judaico-cristã sobre o milagre parte primeiramente de seus escritos sagrados, a Bíblia e de um contexto religioso. No entanto, fica a pergunta: como as culturas sem influência judaico-cristã construíram uma fé baseada em milagres? Para responder essa pergunta é preciso buscá-la além do livro sagrado dos judeus e cristãos.

## **2.1. Do mito à religião**

Na era pré-cristã, sem a influência do monoteísmo judaico, o extraordinário e todo fato inexplicável estavam ligados à ação dos deuses. Foi necessário dar sentido ou explicação aos acontecimentos extraordinários que cercavam os povos antigos. As civilizações mais antigas de que se tem conhecimento, como os egípcios, gregos e astecas, dentre outros, construíram através do mito os seus próprios conceitos sobre os fatores inexplicáveis que os circundavam. “O mito era uma forma de explicação para processos naturais que estavam sem resposta no pensamento egípcio, por exemplo a criação do mundo, da raça humana e o pós-morte” (Funari *et al.*, 2009:14). A religião, por sua vez, consolidou-se através do aspecto ético, isto é, por implementar valores a serem seguidos, não requeridos no mito.

### **2.1.1. Os egípcios**

A civilização egípcia, como ninguém, representou e preservou a importância do transcendente para preservar a vida em sociedade. O contexto e as experiências levaram os egípcios a construírem o conceito de mundo físico e espiritual. Tudo

estava ligado às forças superiores, e divindades, das quais o sol era a maior delas. De acordo com Funari *et al.* (2009:13), era misteriosa a vida em um deserto fertilizado por um rio que não tinha afluentes e nem recebia chuvas e, no céu azul, estava o sol que nascia e morria todos os dias sem explicação. Criou-se, portanto, a necessidade de reverenciar estes e outros fenômenos que, para eles, eram inexplicáveis e sobrenaturais. O milagre para os egípcios nasceu da necessidade de dar sentido, de explicar o mistério e os acontecimentos grandiosos.

Muito presentes nos cultos religiosos egípcios estavam a magia e o encantamento, não só com um fim religioso mas também terapêutico social. Curandeiros e magos prescreviam fórmulas mágicas para tratar das moléstias dos pobres e dos ricos. Em busca daquilo que estava além do alcance humano, os deuses e a magia eram procurados para solucionar as questões pessoais desde a cura de uma enfermidade até as questões amorosas. Até mesmo pela necessidade de legitimar a figura divina do faraó, provedor do povo, a magia era requerida. Funari *et al.* (2009:22-23) observa que “a relação entre deuses e homens na questão popular torna-se mais clara, uma vez que a magia, ao que tudo indica, pretende conceder desejos, necessidades e oferecer solução para os diversos dilemas e desafios da vida”.

De alguma forma, toda a população se deparava e se espantava com o inexplicável. Se para o povo, faraó era um deus, para faraó, Rá, o sol, era um deus e para cada nova questão inexplicável foi criado mais um deus, mais um mito. A concepção e a ação dos deuses egípcios estavam sempre envoltas em atos poderosos e mágicos. “Assim, os deuses Atum (ou Rá, o deus Sol), Shu, Tefnut, Geb, Nut, Osíris, Ísis, Seth e Néftis formaram a enéada de Heliópolis” (Funari *et al.*, 2009:17). Constituiu-se assim a sociedade egípcia com a religião e os seus mistérios.

O Êxodo, uma narrativa bíblica da saída do povo hebreu do Egito, é um registro histórico em que é possível ver que a magia já estava bem estabelecida na civilização egípcia. Quando Moisés operou sinais diante de Faraó na expectativa

de que ele libertasse os hebreus, Faraó mandou que viessem à sua presença, sábios, encantadores e magos para mostrarem também o seus poderes (Êxodo 7:11). O texto registra também, que “os magos do Egito fizeram também o mesmo com as suas ciências ocultas...” (Êxodo 7:22). A princípio, os sinais de Moisés não foram considerados tão extraordinários aos olhos de Faraó, porque os magos e encantadores também realizavam as mesmas coisas. A ampliação dos sinais realizados por Moisés tinha o objetivo de demonstrar a grandeza de Deus sobre as divindades egípcias. A intenção era demonstrar que, enquanto os magos reproduziam algumas pragas pelas ciências ocultas, Moisés operava milagres. VanGemeren (2011:735) faz a seguinte observação em relação aos magos de Faraó: “Quanto às pragas subsequentes (das moscas, peste nos animais, das úlceras, do granizo, dos gafanhotos, das trevas, morte dos primogênitos), eles não tentaram copiar e foram impotentes para impedi-las ou revertê-las...”. No Êxodo fica estabelecida uma diferença entre a magia egípcia e os milagres do Deus dos hebreus.

### **2.1.2. Os judeus**

Nos textos sagrados milenares do judaísmo, a Bíblia Judaica, desde cedo, o milagre era visto como algo que só Deus poderia fazer. Em Gênesis, Deus é visto como aquele que tem todo o poder para realizar coisas incomuns, como criar algo a partir do nada, “No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, estava sem forma e vazia...” (Gênesis 1:1-1). Kidner (1979:41) afirma que “Deus exerce a função de sujeito da primeira sentença da Bíblia”, ou seja, Ele é aquele que faz algo que ninguém pode fazer. Mas, no relato do Êxodo, na libertação do povo hebreu do Egito o milagre fica mais evidente, ganha definição e a crença judaica se desenvolve, pois ali o milagre foi uma experiência vivida pelo povo. Moisés, até então um homem comum que se ocupava do pastoreio de ovelhas, projetou-se como uma das mais importantes figuras para os hebreus, devido aos seus feitos extraordinários como profeta credenciado por Deus. Foi através dele que o povo hebreu presenciou o sinal (*oth*), a maravilha (*mopheth*) e o poder (*koak*) como definições da ação milagrosa de Deus no Velho Testamento.

No livro do Êxodo (3:12), quando Deus chamou Moisés, Ele prometeu: “Certamente eu serei contigo; e isto te será por sinal que eu te enviei...”, ou seja, a ideia é que Moisés estava sob a autorização divina, ele tinha a posse de um sinal que expunha e legitimava os seus atos. Esse sinal foi dado justamente para contrastar com os atos dos opositores que Moisés enfrentaria no Egito. As tentativas dos magos, encantadores e feiticeiros egípcios de manipular o sobrenatural eram consideradas fracas e incapazes de se equipararem à perfeição dos atos de Deus. O povo hebreu deveria confiar, então, que o Deus apresentado por Moisés, o Deus de seus pais, era mais poderoso do que os outros deuses pagãos (Brown & Coenen, 2000:1288).

Paralelamente aos sinais, também se registra no Velho Testamento a palavra maravilha (*mopheth*), significando um aspecto especial que causa espanto: “Eu, porém, endurecerei o coração de Faraó e multiplicarei na terra do Egito os meus sinais e as minhas maravilhas” (Êxodo 7:3). A magia egípcia não se sustentaria muito tempo, “os mágicos egípcios tinham o poder de realizarem milagres mediante suas artes mágicas secretas, mas estes são inferiores aos milagres de Javé” (Brown & Coenen, 2000:1288).

A palavra poder (*koak*) expressa a ação criadora de Deus como algo espantoso conforme registra Jeremias (10:12): “O SENHOR fez a terra pelo seu poder; estabeleceu o mundo por sua sabedoria e com sua inteligência estendeu os céus”. É o poder divino que contrasta com a impotência dos falsos deuses e até mesmo com a fraqueza humana. Sinal, maravilha e poder são palavras relacionadas à ação extraordinária do Deus de Israel tanto para a sua auto-revelação quanto para a realização de seus propósitos.

Com a saída dos hebreus do Egito rumo à Canaã, estava certo que tinham sido libertos por Deus com poder, sinais e maravilhas. Mesmo assim, a continuidade do contato com as práticas mágicas seria inevitável, visto que tais práticas não estavam restritas ao Egito, mas presentes também nas civilizações antigas com às quais os hebreus teriam relacionamento. Os milagres do êxodo não deveriam ser minimizados pela iminência da magia dos povos que os hebreus encontrariam

pela frente. Para que o povo não incorresse no risco de absorver a magia pagã em detrimento do milagre, na lei de Moisés a magia e a feitiçaria foram expressamente proibidas como se vê em Deuteronômio 18:10-12:

Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao SENHOR; e por estas abominações o SENHOR, teu Deus, os lança de diante de ti.

Outro momento significativo da construção judaica da fé em milagres encontra-se no período dos profetas Elias e Eliseu. 1 Reis 17:22 registra o caso da ressurreição de uma criança pela oração de Elias, “o SENHOR atendeu à voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu”. No ministério de Eliseu, há também um caso da multiplicação milagrosa do azeite de uma viúva pobre (2 Reis 4:6). Esses eventos fizeram parte da revelação da pessoa e do poder do único Deus reconhecido pelos judeus e também autenticaram o ministério dos profetas à semelhança do que ocorreu com Moisés. Brown e Coenen (2000:1288) destacam que esse período foi importante porque marcou a luta dos profetas contra o paganismo de Canaã.

Na teologia judaica, portanto, ficou estabelecido com tudo isso que havia somente um Deus e somente Ele poderia realizar milagres. Todos os outros deuses eram falsos e os atos sobrenaturais eram magia e feitiçaria as quais esse Deus condenava. Embora os judeus tivessem experimentado fraquezas na área espiritual que os levou ao afastamento de Deus e conseqüentemente ao cativeiro babilônico, Da Costa (1992:13) afirma que “o cativeiro definitivamente deixou uma lição espiritual ao povo culminando no monoteísmo”. O judaísmo que nasceu a partir do segundo templo, após o cativeiro babilônico, não admitia a possibilidade da idolatria e isso reforçou ainda mais a fé em um só Deus poderoso, diferente do politeísmo prevalecente nos povos ao redor.

### **2.1.3. Os gregos**

Na mitologia grega, os deuses eram dotados de poderes sobre-humanos e se valiam deles para agraciar ou punir alguém. Ainda que as divindades primordiais gregas estejam mais relacionadas com o mito que com a religião, ou seja, não foram criadas para serem adoradas a princípio, algumas eram reverenciadas por realizarem milagres em favor do ser humano. Em Patras, terceira maior cidade da Grécia, Gaia, deusa grega da Terra, ou a mãe-terra era considerada capaz de curar todas as doenças (Civita, 1973:20). Posteriormente, os deuses do panteão grego, responsáveis pelas doenças e pelas curas passaram a ser temidos e reverenciados (1973:312). Esculápio, ou Asclépio em grego, era o deus da medicina e da cura. Para poder prescrever a cura, os sacerdotes precisavam saber a causa da doença, por isso dormiam no templo de Asclépio, a fim de que, em um sonho, fosse-lhes revelado a causa da doença (Huxley, 1977:123-124). Isso era algo em que se acreditava e era praticado na sociedade grega antiga. Embora não se adore mais o deus da medicina nos tempos modernos, o seu símbolo, um bastão com uma serpente enrolada ainda permanece em todo o mundo como testemunho de sua memória no mundo moderno.

Esses poderes, punições e magias estavam, portanto, relacionados mais à vida e à história dos deuses gregos que dos seres humanos. Para Brown e Coenen (2000:1227), a magia outrora abundante na mitologia grega, foi suprimida pelo aumento do conhecimento e pelo progresso da civilização. Sem a posição de religião e sem receber a manutenção ritualística, a mitologia grega envolta no sobrenatural e magia foi substituída pelos cultos e ritos sincretistas com a ascensão do império Romano. Domezi (2013:37) afirma ainda que “isso foi favorecido não apenas pela difusão dos cultos orientais e das religiões dos mistérios, mas também pelo sincretismo religioso que daí resultou, ocorrido especialmente em Alexandria”. Ou seja, muitos deuses e religiões sumiram, mas não a sua essência. As suas práticas foram absorvidas e ampliadas por outras de modo que o mistério e o anseio pelo sobrenatural foram preservados de alguma forma. Embora o judaísmo tenha se esforçado para preservar a fé monoteísta judaica, o helenismo ajudou a semear uma fé nos milagres no mundo oriental

através do surgimento de personagens não judeus, por exemplo, “taumaturgos como Apolônio de Tiana” (Anon., 1995:7639), o que mais tarde favoreceria o cristianismo.

#### **2.1.4. O hinduísmo**

Na religião hindu, a principal religião da Índia surgida cerca de 3.000 anos antes de Cristo, encontra-se o mais antigo testemunho da cultura religiosa indiana (Domezi, 2013:87). No Rig-veda, coleção de hinos consagrados aos deuses hindus, cerca de 1500 a.C, registra-se o louvor àqueles que são capazes de fazer milagres: “Ásvins, abundantes em atos poderosos, guias (de devoção), dotados de fortaleza, ouçam, com mentes não desviadas, as nossas orações” (Meier, 2013. Hino 3.2 Ásvins (Wilson) (Sūkta III).

“Sábio Pūṣan, Operador de Milagres, nós reivindicamos de ti agora a ajuda com a qual Tu favoreceste nossos antepassados antigamente” (Meier, 2013. Hino 42.5 Pūṣan (Griffith).

No entanto, o milagre não é tão propagado e buscado dentro da religião hindu, devido ao próprio sistema da religião. Conforme o Carma Hindu, o ser humano recebe aquilo que merece, pois “o destino de cada um foi provocado por ele próprio em uma vida anterior, por meio de boas ou más ações. Assim, por causa das más ações, pode-se renascer em uma existência pior, em uma casta inferior, ou como animal, ou no inferno” (Domezi, 2013:90).

#### **2.1.5. O Budismo**

O budismo nasceu do rompimento com a religião hindu (séc. V a.C). Embora o milagre seja algo inerente à fé, o budismo não o promete. Segundo Alves (2005:270), o que se diz sobre Buda é apenas que teve um nascimento e morte semimiraculosos e que curou alguns feridos e nada mais. O budismo não tem uma doutrina do milagre, porque não está na raiz da religião a busca pelo

extraordinário. Buda chegou a dizer que “quem tenta fazer milagres, não compreendeu a doutrina do Tathágata” (Kharishnanda, s.a. :67).

### **2.1.6. Os cristãos do primeiro século**

Pelo que foi falado até agora, não se pode dizer que o milagre era algo desconhecido para os judeus que viriam a ser os cristãos do primeiro século. O cristianismo herdou um sistema religioso já estabelecido ao longo dos séculos tendo o judaísmo como uma de suas bases, além da influência grega e romana. Da Costa (1992:16-17) afirma que embora haja uma lacuna histórica entre Malaquias e Mateus, Israel não ficou sem literatura nesse período. Os judeus tiveram outras obras que registraram seu sofrimento e esperança. “Israel [...] cantava a sua fé na vinda do Messias; os escritores advertiam o povo contra a negligência e o admoestava a persistir tenazmente...”. Esse exercício religioso favoreceria conceitos teológicos que viriam com a chegada do cristianismo.

O Novo Testamento contém termos gregos com significados semelhantes aos termos hebraicos do Velho Testamento para referir-se ao milagre. A seguir, serão observados os três termos principais: sinal (*σημεῖον*), maravilha (*τέρας*) e poder (*δυνάμεις*). Foi com essas palavras que a doutrina do milagre se estabeleceu no cristianismo.

A palavra sinal (*σημεῖον*), no sentido de milagre, aparece 68 vezes no Novo Testamento, sendo 42 vezes nos Evangelhos, relacionada aos milagres de Jesus (Concordância Bíblica, 1997:961). Embora sinal (*semeion*) seja uma tradução na LXX da palavra hebraica (*’ōt*), de acordo com Brown e Coenen (2000:1287), a palavra era comum na linguagem épica grega antiga, no entanto, “a palavra não advém originalmente da esfera da religião, mas em contextos apropriados, toma coloração teológica”.

Brown e Coenen (2000:1293) dizem que (*τέρας*) “sinal milagroso”, “prodígio”, “portento”, “presságio”, “maravilha” era usada antes da escrita do Novo Testamento. A palavra tem o significado de “sinal” da parte dos deuses; já em

Homero, ela expressava “aparecimentos terríveis” que causavam medo e terror e era antinatural. Na LXX, foi traduzida do hebraico, (*mophet*) “sinal”, “prova”, “milagre”, fazendo que o termo diferisse do uso grego secular. “Para *mophet* e *τέρας*, é sempre essencial a referência da autorrevelação de Javé”, conforme o Velho Testamento: “Eis-me aqui, e os filhos que o SENHOR me deu, para sinais e para maravilhas em Israel da parte do SENHOR dos Exércitos que habita no monte Sião” (Isaias 8:18).

As palavras maravilha, sinal e poder usadas em alternância no Novo Testamento são sinônimas de milagre. Geisler (2010:43) resume essas três palavras assim: “um milagre é um evento incomum (maravilha) que transmite e confirma uma mensagem incomum (sinal) por intermédio de uma habilidade incomum (poder)”. Embora o milagre fosse incomum, era algo que falava de maneira poderosa e quem supostamente o presenciava ficava tomado de espanto e, ao mesmo tempo, maravilhado.

Evidencia-se também que, desde o início, a fé cristã tenta desvendar os acontecimentos incomuns experimentados. “O assombro e o espanto que se sente diante da confrontação com semelhante espetáculo, ou por semelhante impressão, se expressa mediante o grupo de palavras *thaumazō...*” (Brown & Coenen, 2000:1282). Esse grupo de palavras também significa: ficar atônito, maravilhar-se, ficar surpreso, objeto de admiração, prodígio, maravilha, milagre, maravilhoso, notável, ficar assombrado, alarmado, medo, lançar em desordem, aflito, distúrbio entre outras. Eles afirmam ainda que esse grupo de palavras (associado a *thauma*) “ocorre em grego desde os séculos VIII e VII a.C., para designar aquilo que, ao aparecer, causa assombro e admiração.”, isso significa que a teologia neotestamentária do milagre se desenvolveu tendo a cultura grega como pano de fundo.

No entanto, embora sinal, poder e maravilha tenham seus correspondentes no mundo secular, elas não derivam dali quando usadas no Novo Testamento, mas sim do Velho Testamento, pois estão ligadas à autorrevelação do Deus de Israel.

Os Evangelhos registram a história de Jesus Cristo desde o anúncio do anjo, feito a Maria (Mateus 1:18) até à Sua ressurreição (Mateus 28:6) como obras de milagres. Durante todo o ministério público de Jesus, o milagre estava presente de modo que o cristianismo se construiu amparado por ele. Os primeiros cristãos tinham certeza de que aquilo que Jesus estava fazendo não era natural, assim como não tinha sido para os seus antepassados no Êxodo. Nem por isso, o milagre é algo simples de ser explicado; nem para os que creem, nem para os que não creem. Aulén (1965:92) afirma o seguinte: “o ‘milagre’, no sentido religioso, não é sinônimo daquilo que se pode compreender, mas sim daquilo que a fé percebe. O miraculoso está inseparavelmente vinculado à percepção de uma faceta da atividade de Deus”. É possível perceber que, para os judeus do 1º século, embora não fosse comum, por isso ficavam maravilhados, atônitos, o conceito de milagre estava presente, pois a certeza de um único Deus poderoso era uma realidade inquestionável para eles. Esse era o mundo religioso que se expressa nas palavras de Nicodemos, um mestre da lei do primeiro século.

Nicodemos faz uma afirmação da consciência coletiva: “sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus, porque ninguém pode fazer esses sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele” (João 3:2). Ele não negou que os milagres existissem, nem que Jesus os estivesse realizando, mas revelou uma dificuldade em compreender o seu propósito. A explicação de Jesus a Nicodemos demonstrou um propósito que fugia à lógica humana. Aqueles sinais faziam parte da chegada do reino, se bem que Nicodemos fosse mestre em Israel, ele desconhecia que “a participação no reino de Deus só podia ser obtida passando-se pela porta da regeneração” (Bruce, 1987:83). Havia coisas além dos sinais que Nicodemos também não entendia naturalmente, como nascer da água e do Espírito, nascer de novo e ressurreição. Portanto, Jesus explicou que esses sinais tinham a ver com a revelação do amor de Deus ao mundo (João 3:16).

Mesmo mais tarde, quando o assunto passou a ser um tema teológico, Agostinho (1994:65) viu o milagre como obra de Deus que foge da habitualidade. Não é algo que se espera compreender pela lógica humana ou explicado pela ciência.

Pensando que a ressurreição de Jesus foi algo sobrenatural e o maior milagre do cristianismo, não se pode falar dela sem considerá-la como um ato extraordinário (Frame, 2013:216). Ainda no primeiro século, o apóstolo Paulo, o grande teólogo da doutrina da ressurreição, bradou aos Coríntios: “Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados” (1 Coríntios 15:16-17). É evidente que o apóstolo Paulo estava rebatendo o ensino na igreja de Corinto, onde alguns diziam que a ressurreição dos mortos não era possível. Paulo recorreu às várias testemunhas oculares daquele fato histórico (1 Coríntios 15:6), mas acima de tudo evocou a própria fé dos crentes. O objetivo era demonstrar que algo extraordinário havia acontecido, testificando que Jesus era realmente quem disse que era, o Filho de Deus. Isso evidencia o amadurecimento da doutrina do milagre ao longo do primeiro século, tendo a ressurreição como um de seus elementos fundamentais.

Elwell (2009:526) afirma que após a ressurreição de Cristo, o cristianismo contou com algumas evidências de sua veracidade nos dias dos apóstolos e dentre elas estavam os sinais e maravilhas. Naquele momento foi fundamental como atestado de Deus da obra apostólica e da igreja nascente.

Com a estabilização do cristianismo no Império Romano, houve a consolidação do teísmo monoteísta e das doutrinas dos apóstolos e o milagre foi uma delas. Hodge (2001:467) sustenta que “a doutrina dos milagres, portanto, fundamenta-se na doutrina do teísmo, ou seja, de um Deus extramundano e pessoal que, distinto do mundo, o sustenta e o governa de acordo com a sua própria vontade”. Tendo a princípio definidas doutrinas básicas, o conceito de milagres dentro da igreja cristã não sofreu resistência significativa nos primeiros séculos da era cristã.

### **2.1.7. O Espiritismo**

O espiritismo nasceu no século XIX em um momento em que a Europa experimentava um fenômeno interessante, as mesas girantes. “As primeiras manifestações inteligentes se deram por meio de mesas que se moviam e batiam,

com um pé, um número determinado de golpes, correspondendo a *sim* ou *não*, segundo a convenção, a uma questão posta” (Kardec, 2012:31). O fenômeno passou de divertimento noturno nos salões europeus para “zombaria dos jornais em diversas partes do mundo” (Doyle, 2008:106). Aqueles que levaram a sério o fenômeno entenderam que aquela era uma nova maneira de comunicação dos espíritos.

A curiosidade sobre as mesas girantes levou o cientista francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869) a estudar profundamente o fenômeno. A sua conclusão foi que aquilo era realizado por uma força inteligente, os “Espíritos dos homens” que haviam morrido. Hippolyte publicou o resultado de sua pesquisa, *O livro dos Espíritos* (1857), abandonou o ceticismo, adotou o nome Allan Kardec e fundou o espiritismo, uma mistura de religião, filosofia e ciência. Ao contrário do que se poderia imaginar, Kardec não considerou este fenômeno como algo milagroso, antes rejeitou a possibilidade de um mistério inexplicável.

A doutrina espírita por influência do pensamento naturalista atesta, portanto, que o milagre é fantasioso, fruto da ignorância dos incautos. Que, o que resta ainda de maravilhoso é apenas a parte que a ciência ainda não deu explicação natural. Para Kardec (2013:232),

foram fecundos em milagres os séculos de ignorância, porque se considerava sobrenatural tudo aquilo cuja causa não se conhecia. [...] mas como a ciência ainda não explorara todo o vasto campo da natureza, larga parte dele ficou reservada para o maravilhoso.

No espiritismo nem mesmo uma mesa que possa flutuar (uma referência às mesas girantes), em uma sessão espírita, será um milagre, o fato, mesmo que aparentemente sobrenatural estará apenas ferindo uma lei conhecida, porque existem leis naturais que a ciência ainda não conhece.

O espiritismo considera que o desconhecimento de uma lei natural gera a superstição e que o maravilhoso desaparece quando a ciência o elucida e que os

atos sobrenaturais nem mesmo servem para atestar a veracidade de uma religião, visto que as religiões pagãs antigas estão repletas de atos maravilhosos. Kardec (2013:240) dizia que “se a veracidade de uma religião dependesse do número e da natureza de tais fatos, não se saberia dizer qual a que devesse prevalecer”.

### **2.1.8. A ciência**

Por muito tempo as questões sobrenaturais ficaram confinadas aos redutos da religião tendo o cristianismo como o seu principal representante. No século XVIII, o iluminismo, movimento intelectual e filosófico que abalou as estruturas da Europa, propôs-se a negar qualquer tipo de autoridade firmada, a religião não foi menos criticada e atacada do que a moral e a política. O iluminismo desprezou a ideia da intervenção sobrenatural de Deus na história, se não intervém na história, o milagre então é impossível. Todas as possibilidades da existência de milagres, inclusive os da Bíblia, sofreram duras críticas do filósofo naturalista David Hume (1711-1776). Hume (2004:161) argumentava que "nenhum testemunho é suficiente para estabelecer um milagre, a menos que seja de um tipo tal que sua falsidade fosse ainda mais milagrosa que o fato que se propõe a estabelecer". Portanto, não há milagre no naturalismo, pois tudo encontra seu significado na natureza. A natureza é composta daquilo que se vê, que se prova. A ideia do milagre é abstrata e escapa a essa análise, portanto, não serve à ciência.

No campo secular, o mais corajoso cientista que quis falar sobre o milagre do ponto de vista científico ainda hoje, talvez seja o britânico Colin J. Humphreys em seu livro *Os Milagres do Êxodo*. Para citar um exemplo; ao tentar desvendar o mistério da sarça ardente visto por Moisés (Êxodo 3:2), Humphreys (2004:77) sugere que possivelmente Moisés estivesse diante de um fenômeno explicável pela ciência; o chamado fogo-fátuo, um gás natural que sobe do solo e provoca uma combustão espontânea. Ele não diz que os milagres do Êxodo são falsos, mas ele tenta explicá-los cientificamente. Porém, se um milagre puder ser explicado pela ciência ele deixa de ser milagre.

O milagre como um fato, não é negado pela ciência, mas sim a possibilidade de que ele seja provado por ela. Por não ser explicado, a religião chama de milagre e a ciência não admite essa afirmação.

A ciência não define e nem atesta a ideia do milagre. Quando versa sobre o assunto, apenas tenta provar a sua impossibilidade, visto que ele não pode ser comprovado em laboratório. A necessidade, então, de observar o conceito de milagre pela ótica da ciência está no fato de ser justamente a matéria que mais ataca a sua possibilidade.

### **2.1.9. A cultura indígena brasileira**

A doutrina do milagre, em grande parte, foi influenciada pela cultura judaico-cristã. Como seria, então, o conceito de milagre para um povo que desconhecia até 1500 d.C a ideia de um teísmo monoteísta? Esse foi o cenário que os colonizadores Europeus encontraram no Novo Mundo, o qual se tornaria mais tarde um dos maiores países cristãos católicos do mundo, o Brasil. Embora pouco conhecida, a religiosidade indígena brasileira preservava, muito antes da chegada dos europeus, a prática da magia em rituais de cura. Usando como exemplo uma das tribos mais conhecidas, a Tupi-Guarani, o pajé ou xamã, líder espiritual da tribo invocava os espíritos através de rituais e cantoria. O sobrenatural no mundo indígena estava relacionado à magia. O xamã ou pajé (*pai'é*), em tupi-guarani, curava quando entrava em transe e recebia orientações dos espíritos sobre a qual tipo de tratamento o doente deveria se submeter, desde o banho com ervas, dietas, cortes pelo corpo ou isolamento. “A cura era a capacidade do pajé em controlar os espíritos” (Laraia, 2005:8-9).

Devido à colonização portuguesa professar a fé católica, Mesgravis (2015:24) lembra que a missão principal dos jesuítas no Brasil era a de “catequizar os índios e engordar o rebanho submisso à igreja católica”. Os índios que invocavam os espíritos e veneravam a natureza foram impedidos de continuar com as suas práticas consideradas diabólicas pelos padres portugueses. Gurgel (2010:100) lembra que “os nativos foram cristianizados à força,” mesmo assim houve

resistência e as suas práticas religiosas milenares não se erradicaram totalmente. Com o tempo, percebeu-se que mais que magia, os índios possuíam, na verdade, um vasto conhecimento milenar da farmacopeia amazônica, mesmo que atribuído às forças sobrenaturais. Gurgel (2010:63-64) descreve uma longa lista de remédios à base de ervas usados pelos índios que, bem cedo, foram observados pelos colonizadores. Mais tarde, esse conhecimento se alastrou dando origem à medicina popular alternativa.

O fato é que não é possível saber como os nativos brasileiros foram influenciados em seus rituais de cura; a melhor explicação seria a que o fenômeno religioso é universal. Lopes (2006:295) afirma que, “desde os tempos mais remotos, o homem tem levantado altares. Há povos sem leis, sem governos, sem economia, sem escolas, mas jamais sem religião. O homem tem sede do Eterno. Deus mesmo colocou a eternidade no coração do homem”. Mondim (2005:224) faz uma afirmação semelhante, mas genérica, entendendo a multiforme manifestação religiosa, “... todas as tribos e todas as populações de qualquer nível cultural cultivaram alguma forma de religião”.

## ***2.2. O milagre na pós-modernidade***

Da mesma forma que a religião, a crença no extraordinário se desenvolveu entre os povos, visto que esta é resultado daquela. Como as previsões humanistas de que a religião iria acabar falharam, até hoje líderes religiosos de todas as religiões continuam praticando seus rituais de curas e milagres. Wilkinson (2001:113) relata que mesmo as culturas que sofreram com a influência religiosa de potências colonialistas ainda preservam seus ritos antigos. “A pessoa mais importante nas religiões africanas tradicionais é o xamã. Durante as cerimônias, ele usa máscara e traje especiais e, através da dança e da música, em geral feita por tambores, torna-se o espírito daquele que está invocando com poderes para curar os doentes”.

Ou seja, com o passar do tempo, a crença na magia e no extraordinário não se tornou menos crível, independentemente da cultura ou do seguimento social.

Mesmo que se tenham termos e personagens diferentes, é visível a crença comum de que, de alguma forma, o mundo natural sofre influências do mundo sobrenatural. Isto é inegável em todas as culturas, em todos os tempos. Há o entendimento de que esse pensamento tem a ver com a herança do animismo presente na cultura humana em que uma de suas características é o anseio pelo poder.

A essência do animismo é poder – poder do ancestral de controlar os de sua linhagem, o poder de mau-olhado para matar um recém-nascido ou arruinar uma safra, [...] a força da magia de controlar os acontecimentos humanos, o poder das forças impessoais para curar um filho ou tornar uma pessoa rica (Kürle, 2014:32, 33).

O cristianismo sobrepujou o conceito animista e o mito através da revelação Bíblica. Portanto, não reconhece milagre genuíno fora do monoteísmo revelado na Bíblia Sagrada. Qualquer outro fenômeno extraordinário pode ser chamado de magia ou encantamento, menos milagre.

Porque só um ato operado por Deus pode, com propriedade, ser chamado de milagre, segue-se que os eventos surpreendentes operados pelos espíritos maus ou por homens através do uso de agentes além do nosso conhecimento não têm o direito a esta designação. As Escrituras reconhecem a sua existência, mas os chamam de 'prodígios de mentira' (2 Tessalonicenses. 2.9) (Strong, 2003:203).

A doutrina sistematizada do milagre hoje é fruto de um longo processo de desenvolvimento religioso do ser humano que tem um ponto em comum, o anseio pelo sagrado e pelo extraordinário. A doutrina cristã do milagre é monoteísta e se desenvolveu especialmente a partir da Bíblia Sagrada para judeus e cristãos. Ou seja, ela é definida e desenvolvida a partir de relatos do Velho e Novo Testamentos e tem propósitos definidos conforme será verificado a seguir. É a partir dessa visão do milagre como algo real, divino e monoteísta, conforme a

Bíblia Sagrada, que esse trabalho se desenvolve. Portanto, pode-se resumir que a crença nos atos extraordinários como atividade dos deuses é pré-cristã e de uma forma ou de outra houve influências sobre o cristianismo para se definir a sua própria doutrina do milagre. No entanto, fica evidente também que o cristianismo emprestou os termos diretamente do Velho Testamento, demonstrando que Deus está constantemente agindo no mundo e na história do ser humano desde o princípio através de sua ação providencial. Também há casos em que Deus, mesmo sem ferir as leis da natureza, antes usando meios naturais, muitas vezes realizou a Sua vontade e isso foi chamado de milagres (Números 11:31, Jó 36:5-6, Salmo 145:15).

Mesmo no seu longo processo de desenvolvimento como doutrina cristã, o milagre jamais passou despercebido ou então não seria considerado extraordinário ou sobrenatural. Grudem (2009:562) diz que é “o ato incomum de Deus testemunhar sobre Si mesmo e despertar admiração e surpresa nas pessoas”. Não uma admiração temporária que cessa, quando se acostuma com ela, isso seria um uso inapropriado para a utilização do termo milagre (Tillich, 2005:128).

Frame (2013:209) fala de muitas alegações de milagres através dos séculos e até agora. Porém, muitos desses supostos milagres não sobreviveram e não sobreviverão ao tempo e à crítica, diferente do que ocorreu com os relatos de milagres do Novo Testamento. Isso se deve à falta de entendimento da verdadeira definição e do propósito bíblico do milagre os quais esse trabalho se propõe a fazer. Contudo, não se pode desprezar o aprendizado das religiões desde a era pré-cristã, pois ele é a base da percepção que se tem sobre o fenômeno do milagre. A doutrina do milagre que se há definida teve a sua construção na história e na revelação bíblica, conforme pode ser visto a partir do Novo Testamento.

### **CAPÍTULO 3: O PROPÓSITO DO MILAGRE NO NOVO TESTAMENTO**

Na década de 1990, uma onda de pretensos milagres varreram as igrejas brasileiras, sobretudo naquelas chamadas mais avivadas. Lopes (2012:11) informa que esse fenômeno percorreu diversas partes do mundo e ficou conhecido como a “terceira onda do Espírito”. Houve muita confusão sobre esse movimento principalmente no âmbito das igrejas tradicionais. Foi a década em que se falava do aparecimento de dentes de ouro e do emagrecimento instantâneo. O fenômeno já não era novidade nos círculos carismáticos americanos (norte-americanos e latino-americanos) na década de 1980, os quais demonstraram grande interesse por esse assunto como a nenhum outro (Chantry, 1990:14). Depois do movimento, a pergunta que ficou no evangelicalismo brasileiro foi: qual o propósito daqueles fatos na vida prática da igreja bem como no processo de crescimento espiritual dos envolvidos? É difícil ter uma resposta, até porque foram desencadeados vários outros movimentos posteriores a esse. Quase trinta anos depois, as pessoas parecem tão acostumadas com a ideia do sobrenatural que não revelam mais nenhum espanto.

O milagre que outrora parecia ser algo extremamente raro, oculto, tornou-se no evangelicalismo brasileiro um produto a ser consumido. No entanto, um estudo do Novo Testamento revela que os milagres estão muito além de um propósito superficial. Chantry (1990:27) ao falar sobre os milagres realizados por Jesus afirma: “Ainda que através dos milagres de Jesus fossem conferidas muitas bênçãos aos homens, seu propósito primordial não era prover a sociedade de uma ajuda compassiva”. Isso não significa que Jesus não tenha realizado milagres por compaixão. Mateus (14:14) diz que ao olhar para a multidão que O seguia, Jesus compadeceu-se dela e curou os doentes.

O milagre estava envolto de ensinamentos, por isso justifica dizer que foi pedagógico. Jesus tinha a intenção de ensinar algo enquanto operava os milagres e os evangelhos registraram muitos desses momentos. Estes evangelhos foram escritos, conforme o evangelista Lucas (1:1-4), como forma de testemunho do que aconteceu sobre a vida de Jesus.

Muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que, desde o princípio, foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído.

O registro de Lucas é histórico com precisão de detalhes e datas possíveis de serem averiguadas.

Os milagres neotestamentário têm caráter teleológico e, para se afirmar isso, é preciso discursar sobre a sua realidade e a sua existência, pois não é possível negar ou afirmar o nada, o inexistente. Portanto, mesmo que o objetivo desse capítulo seja investigar o propósito do milagre no Novo Testamento é importante observá-lo em seu contexto maior, visto que, para o cristianismo, a Bíblia compreende tanto o Novo quanto o Antigo Testamento. O milagre encontra o seu lugar na Bíblia como um todo de modo que “é impossível removê-lo dali sem que façamos violência e destruamos o caráter dos registros” (Ferreira, 2005:275).

A crença nos milagres, especialmente os de Jesus e dos apóstolos está firmada primeiramente na autenticidade dos fatos registrados no próprio Novo Testamento e pelos inúmeros documentos históricos de alta confiança que estão preservados até agora, além dos testemunhos arqueológicos e evidências nos escritos judaicos e não judaicos antigos (Bruce, 1990:22).

Os milagres do Novo Testamento, mesmo que em situações e épocas diferentes, são, de certa forma, a continuação daquilo que os hebreus já tinham experimentado em momentos específicos e importantes no Velho Testamento. Um dos maiores eventos para o povo hebreu e que marcou a sua história foi a saída do Egito que se deu sob a ação maravilhosa de Deus. A história de Israel como povo, nação, começa a partir do êxodo bíblico, quando Deus fez uma aliança com o povo tendo Moisés como mediador (Eichrodt, 1975:34). Essa saída

foi plenamente envolta em milagres que perduraram por toda a sua peregrinação no deserto.

O Ser de Deus foi revelado através de milagres de modo que Ele foi conhecido como o Deus de maravilhas. Se os milagres tiveram caráter revelacional progressivo, desde o Velho Testamento (Berkhof, 1990:176), crê-se então que eles têm também no Novo Testamento essa mesma função. Eles são a continuidade de um mesmo propósito. Chantry (1990:27) concorda com essa opinião dizendo que “no Novo Testamento os milagres servem precisamente os mesmos propósitos que no Antigo Testamento”, isto é, revelar a pessoa e a obra de Deus através de Jesus.

Desde a primeira vez que Deus concedeu a Moisés um sinal (*oth* = milagre), já fica revelado o seu objetivo - “para que creiam que te apareceu o Senhor, o Deus de seus pais” (Êxodo 4:5). O milagre apareceu em face da incredulidade do povo e o desconhecimento do Deus que se revelava. Um sinal após o outro, no contexto do êxodo, testificava sobre o poder de Deus diante dos olhos do povo hebreu e do egípcio.

Para os egípcios, os prodígios de Deus serviriam de punição (Êxodo 3:20) e para os hebreus de evidências de que Deus tinha aparecido a Moisés. Esse testemunho deveria ser repassado às gerações seguintes como prova de que Deus estava presente e tinha-lhes dado estatutos e juízos. Quando os filhos perguntassem aos pais sobre o significado da fé, os pais deveriam responder: “Éramos servos de Faraó; no Egito; porém o Senhor de lá nos tirou com poderosa mão. Aos nossos olhos fez o Senhor sinais e maravilhas, grandes e terríveis, contra o Egito e contra Faraó e toda a sua casa...” (Deuteronômio 6:21-22).

Davi encarregou os cantores de manter na liturgia judaica o testemunho dos poderosos feitos de Deus (1 Crônicas 16:7-12). Este testemunho estava presente nos cânticos do Templo (Salmo 77:14) e na memória dos profetas (Jeremias 32:20-21), bem como serviria de provas da chegada do grande e temível Dia do Senhor (Joel 2:30).

Os personagens do Novo Testamento não viram os milagres de seus dias como algo impossível, irreal, mas como algo que já fazia parte da história de seus antepassados, embora fossem incomuns ao ponto de causarem perplexidade. É possível verificar que no Novo Testamento as manifestações de milagres são encontradas em dois momentos singulares; no ministério de Cristo e no ministério apostólico. Percebe-se claramente que não há nenhum caráter exibicionista no ministério de ambos. Há momentos em que Jesus até mesmo ordenou que não se propagasse o que Ele havia feito: “Olha, não digas nada a ninguém; mas vai, mostra-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o que Moisés determinou, para servir de testemunho ao povo” (Marcos 1:44). Isto não quer dizer que os milagres não tinham importância para Jesus. Ele só não queria ser seguido por causa dos milagres simplesmente. “Sua obra vicária e expiatória era mais importante que suas curas. Ele quis ser lembrado por sua morte e não por seus milagres” (Lopes, 2006:75).

Essa posição de Jesus fica evidente no confronto com a multidão após o milagre da primeira multiplicação dos pães e peixes. Jesus garantiu que eles não o seguiam por causa dos sinais do Reino, mas porque tinham comido de graça e queriam mais. Enquanto isso Ele sugeriu que eles buscassem o significado espiritual daquele milagre, algo que realmente duraria “para a vida eterna” (João 6:26-27). Após isso, Jesus falou abertamente que Ele é o verdadeiro pão que dá vida ao mundo (João 6:35). Ninguém que seguisse apenas os benefícios do milagre permaneceria com Jesus. Como disse VanGemeren (2011:60): “Aqueles, cuja percepção inicial de Jesus foi baseada no que viram, geralmente fracassaram em chegar a uma fé verdadeira”. Isso ficou provado pelo número de seguidores que permaneceu até o fim com Jesus. Lucas relata que, após a ressurreição de Jesus, havia “cerca de cento e vinte” discípulos em Jerusalém (Atos 1:15). O milagre em si era algo que pereceria; o que duraria para sempre seria o sinal que se revelou com a chegada do Reino de Deus na pessoa de Jesus.

Os milagres do Novo Testamento marcaram momentos importantes da ação de Deus no mundo como a chegada do Messias e o início da igreja cristã, fruto do

trabalho dos apóstolos. Isso pode ser visto principalmente nos Evangelhos e em Atos.

### **3.1. Os milagres no ministério de Jesus Cristo**

Os milagres, conforme registrados nos Evangelhos, demonstram a intenção de Deus em manifestar Cristo ao mundo de forma sobrenatural. Conforme salienta Kistemaker (2008:189), “em cada caso, esses fenômenos foram evidentes intervenções de Deus”. O milagre está relacionado a Jesus antes mesmo do seu nascimento, a sua própria concepção foi milagrosa. É por isso que Mateus (1:18-25) registra os detalhes da concepção virginal de Maria. Esse foi o princípio da sucessão de milagres que viria com a manifestação do Filho de Deus ao mundo. Foi fundamental demonstrar que a vinda de Jesus não era natural, um projeto da ação humana. Ao registrar o fato, Mateus não teve a intenção de explicá-lo, pois o aceitou assim como os outros evangelistas, “como um mistério divino que não pode ser explicado racionalmente” (Kistemaker, 2008:190). Nem a igreja primitiva mais tarde questionou o fato, antes assimilou o relato do milagre virginal, porque não tinha nenhuma dificuldade com o testemunho histórico da divindade de Jesus.

Embora estudiosos modernos digam que o milagre do nascimento de Jesus precisa ser reinterpretado (Kistemaker, 2008:190), a maioria dos cristãos continua afirmando a fé herdada dos apóstolos e pais da igreja que consideraram essa doutrina um firme fundamento da fé cristã.

Após o registro inicial de Mateus e também o relato histórico de Lucas, que fez questão de deixar claro que pessoalmente investigou, desde o começo, tudo a respeito de Jesus (Lucas 1:3), os milagres só voltaram a ser mencionados a partir do ministério público de Jesus e com frequência. Os registros que o Novo Testamento faz dos milagres demonstra uma atitude planejada. Jesus não curou pessoas porque se encontrava com elas coincidentemente. Cada cura tinha um significado no devido contexto e momento. O milagre não ocorria isoladamente de seus acontecimentos anteriores e posteriores.

Cada milagre e todos juntos cumpriram a missão de revelar a plenitude da divindade de Jesus. Quando João Batista estava preso, ele quis tirar as dúvidas sobre a pessoa de Jesus. Ele foi convidado a avaliar aquilo que estava acontecendo à sua volta, o que era também de conhecimento popular: “Os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho” (Mateus 11:5). Esses são os sinais da alegria da restauração de Sião, conforme falou o profeta Isaías (Isaías 35:1-10). Jesus afirmou que aqueles sinais eram as suas credenciais e todos os seus milagres estavam relacionados com esses fatos. Jesus afirmou também, na Sinagoga, logo após o seu batismo e tentação (Lucas 4:18-19), que as profecias de Isaías 61 se referiam a Ele. A seguir Ele foi para Cafarnaum e expulsou demônios e curou enfermos.

No episódio da cura de um leproso (paralelo nos sinóticos Mateus 8:1-4, Marcos 1:40-45, Lucas 5:12-16) Jesus curou um dos piores flagelos de seus dias, a lepra. Yancey e Brand, (2005:140) falando do ponto de vista médico, informam que a lepra (hanseníase) sem tratamento adequado mutila as pessoas lentamente, encurtando os dedos misteriosamente e causando cegueira sem que as vítimas sintam dor. Além da segregação sofrida por ser uma doença contagiosa, o sofrimento dos leprosos nos dias de Jesus extrapolava o aspecto físico, pois tornava a pessoa impura no aspecto espiritual, extirpando-a do convívio social, familiar e religioso (Tasker, 1980:69).

Por causa da lepra, uma pessoa limpa (pura), segundo a lei judaica, deveria evitar tocar tais pessoas consideradas impuras para não se contaminar. Consciente de sua condição e desafiando a lei, o leproso aproximou-se de Jesus e expressou seu desejo: “Senhor, se quiseres, podes purificar-me”. E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: “Quero, fica limpo!” E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra (Mateus 8:2-3). Jesus parou, ouviu, tocou e curou um leproso. Por que Jesus fez isso, sendo Ele um mestre ciente das proibições impostas pela lei judaica? Porque Ele tinha um propósito. Cristo demonstrou compaixão e poder divino semelhante ao que o Deus de Israel havia feito no passado, diferente da atitude dos escribas e fariseus. Tasker (1991:69) lembra que Jesus toca os

leprosos e os cura porque “...considerava a cura de leprosos como um dos sinais de que Ele era o Messias esperado por longo tempo”. Jesus não estava fazendo coisas aleatórias, nem mesmo os autores do Novo Testamento escreveram sem propósito, há uma mensagem por trás dos feitos miraculosos. Jesus disse que estava se cumprindo nEle o que dizia o Velho Testamento (Lucas 4:21), “o judaísmo esperava a remoção desta enfermidade nos tempos da salvação messiânica” (Rienecker & Rogers, 1995:17). Ao contrário do que se previa, o caso de Jesus ficar contaminado, o leproso é que ficou limpo.

Nos chamados milagres na natureza, Jesus acalma uma tempestade e leva os discípulos a perguntarem: “Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?” (Mateus 8:27). Tal admiração é semelhante à do salmista quando diz: “Ó Senhor, Deus dos Exércitos, quem é poderoso como tu és, Senhor, com a tua fidelidade ao redor de ti?! Dominas a fúria do mar, quando as suas ondas se levantam, tu as amainas” (Salmo 89: 8-9), ou seja, Jesus só pode fazer essas coisas porque Ele é Deus, e revelar isso é uma importante intenção dos milagres.

No mar da Galileia (Mateus 14:22-33) Jesus levou os discípulos a presenciar uma cena impossível. Quando navegavam à noite rumo a Genesaré foram tomados por grande tormenta. Jesus então indo socorrê-los caminhou sobre as águas, causando pânico ainda maior que o primeiro, pois nunca tinham visto coisa assim; pensaram que era um fantasma. Tanto Mateus, quanto Marcos e João deixam claro que Jesus se apresentou de forma a tranquilizar os discípulos e despertá-los a ter fé. Na expressão “Sou eu”, Ele tinha a intenção de remetê-los à manifestação de Deus a Moisés (Êxodo 3:14). Com isso “ele assumiu a identidade de Deus...” (Kistemaker, 2008:28). Foi a mesma percepção que teve Jó, quando se deparou com a grandeza de Deus; Ele “anda sobre os altos do mar...” (Jó 9.8).

Tanto para Moisés quanto para os discípulos, o propósito era que cressem que Deus estava presente para guiá-los. Os discípulos não tiveram dúvidas ali de que estavam diante do Messias: “E os que estavam no barco o adoraram, dizendo: Verdadeiramente és Filho de Deus!” (Mateus 14:33). O milagre, portanto,

alcançou o seu objetivo que era levar os discípulos a perceber a identidade divina de Jesus.

No Evangelho de Marcos, lê-se sobre o testemunho daqueles que presenciaram os atos sobrenaturais de Cristo. O evangelista quis revelar que Jesus é Deus, por isso tem poder e autoridade sobre todas as coisas. À medida que os milagres foram acontecendo não só as pessoas reconheceram que algo sobrenatural estava acontecendo como eram despertadas a perceber que Jesus também era alguém extraordinário. A própria natureza de Jesus é revelada, Ele é o Filho de Deus e isso foi reconhecido pelos seus espectadores com bastante espanto. Na cura do paralisado em Cafarnaum, Jesus primeiramente o absolve de seus pecados justamente para gerar o questionamento: “Quem pode perdoar pecados, senão um que é Deus?” (Marcos 2:7). Foi a partir desse questionamento que Jesus afirma claramente a sua divindade: “Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados, disse ao paralisado: Eu te mando: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa” (Marcos 2:10-11).

Aos poucos foi revelado aos ouvintes de Jesus pelos atos de milagres, que a enfermidade não resistia a sua ordem, a morte não suportava a sua presença e até o vento e o mar lhe obedeciam e isso levou a mais questionamentos: “Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?” (Marcos 4:41). Tudo isso não poderia ter sido feito sem nenhum propósito, antes anunciava que algo novo estava acontecendo. Era uma ação consciente, proposital de Deus em Cristo. Berkhof (1990:176) afirma que “os milagres estão relacionados com a economia da redenção, uma redenção que, com frequência, eles prefiguram e simbolizam”. Jesus estava manifestando ao mundo a sua natureza messiânica. O registro de Marcos apresenta o desvendamento desse segredo messiânico. O Evangelho, o Reino de Deus e o Cristo são mistérios revelados e os milagres fazem parte desse instrumento divino de revelação segundo o próprio Jesus: “A vós outros, é-vos dado conhecer o mistério do reino de Deus...” (Marcos 4:11). Mulholland (s.a.:81) lembra que “o Novo Testamento rejeita a validade das religiões misteriosas. Deus não está escondido, nem pode ser ‘encontrado’ por processos secretos. Ele mesmo tem-se revelado em Jesus Cristo”. Os milagres de Cristo o credenciaram.

“E os que estavam no barco o adoraram dizendo: Verdadeiramente és Filho de Deus!” (Mateus 14:33).

O registro de Lucas mostra Jesus despreocupado e desinteressado com a fama e popularidade que os milagres poderiam causar. Ele buscava um propósito maior, mesmo consciente de que fazer a vontade de Deus representava um prejuízo pessoal. Esses milagres em Lucas, no decorrer do tempo, passaram pela transição de “grande aprovação [...] à oposição seriíssima que termina em complô para que Jesus seja morto” (Evans, 1996:103). Ao demonstrar a compaixão e o poder que liberta, curando uma mulher no sábado (Lucas 13:16), Jesus despreza a bajulação das autoridades judaicas e demonstra compaixão divina através das Suas atitudes. Para Ele o mais importante era demonstrar na prática, o que estava escrito sobre Si no profeta Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porquanto me ungiu para anunciar boas novas aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos, e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos...” (Lucas 4:18).

O evangelista João se ocupou em registrar alguns desses momentos, fazendo questão de deixar bem claro o que Jesus fez e porque o fez. Ele narra doze ocasiões em que Jesus realizou milagres; seis dos quais são exclusivos do seu Evangelho e merecem algumas observações. A inauguração dos milagres ocorreu em um casamento na Galiléia estando presentes Maria, Jesus e os discípulos. A festa estava ameaçada de ser interrompida porque o vinho havia acabado. João apresenta Jesus transformando milagrosamente a água em vinho manifestando a Sua glória e levando os discípulos a crer nele (João 2:11).

Esse primeiro milagre na Galileia não foi uma obra do acaso. Ele foi realizado para inaugurar o ministério de Jesus, demonstrar o Seu poder divino e levar as pessoas à fé. Bruce (1990:91) diz que “eram sinais da Era Messiânica, tais como os prenunciados pelos profetas do passado.” Cristo é o vinho novo, melhor que o oferecido até o momento pelos fariseus. O vinho material da festa acabou lá, mas o significado do milagre permanece até agora. É isso que não pode ser perdido nas entrelinhas dos milagres do Novo Testamento.

Na Galileia, encontra-se o relato da cura do filho de um oficial do rei apenas pelo poder da palavra de Jesus; esse acontecimento levou-o, juntamente com toda a sua casa, a crer em Jesus. João (4:54) o chama de o segundo milagre de Jesus. Em ambos, o foco é a glória de Deus e de Cristo. A seguir, a cura do paralisado no tanque de Betesda serviu principalmente para mostrar às autoridades religiosas que Jesus participava das obras de Deus. “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também...” (João 5:17); chamando Deus de “meu Pai”, “Ele se fazia igual a Deus, no mesmo nível” (Bruce, 1987:118). Com essas palavras os judeus entenderam a mensagem; Jesus estava afirmando que não só tinha poder para curar, como também para realizar esse trabalho no sábado, porque Ele era igual a Deus.

Na cura do cego de nascença (João 9:1-41) Jesus foi questionado pelos discípulos sobre a causa daquela cegueira. Era a cegueira um castigo divino, devido a algum pecado do próprio cego ou “hereditário”? Ele afirmou que nenhuma das afirmações estava correta, antes, o propósito era “para que se [manifestassem] nele as obras de Deus”.

A princípio, vê-se que os milagres realizados por Jesus, assim como aqueles realizados por Deus no Velho Testamento tiveram um objetivo bem definido; demonstrar ao mundo a Sua divindade.

No evento que envolve a ressurreição de Lázaro, Jesus mostra aos apóstolos que aquela morte não estava fora de controle. Os discípulos não entenderam bem então, Jesus lhes disse claramente: “Lázaro morreu; e por vossa causa me alegro de que [eu] lá não estivesse, para que possais crer...” (João 11:14-15). Todo o processo envolvendo a ida até a aldeia de Betânia e a aparente demora de Jesus estava ligado a um objetivo: “para que possais crer”. Propositalmente Jesus ainda demorou dois dias em ir atender aquele pedido de socorro.

Quando Jesus aproximou-se da aldeia de Betânia, Marta não escondeu a frustração pela Sua demora. Jesus então declarou que havia um propósito maior ali, “a glória de Deus”. Ele tinha essa expectativa quando disse: “Crês nisto?”.

Quando Marta persistiu em duvidar, Jesus continuou: “Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus?” (11:41). O objetivo com essa conversa era levá-la a crer e confessar que Ele era o Filho de Deus que haveria de vir ao mundo (11:27).

Na oração, após ordenar a saída de Lázaro do túmulo, Jesus revela aos ouvidos de todos que aquilo fazia parte do Seu plano, isto é, levar os ouvintes a crerem que Ele havia sido enviado por Deus. O resultado daquele milagre foi cumprido, pois muitos que presenciaram os acontecimentos creram nEle (11:42-45). Ninguém pode dizer que existia ali outro propósito além desse mencionado pelo próprio Jesus. Os Seus próprios oponentes declararam que Ele fazia muitos milagres (11:47).

Ao resumir o seu Evangelho, João dá um parecer sobre o propósito pelos quais Jesus realizou milagres: “Na verdade, fez Jesus, diante dos discípulos, muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (20:30-31). Para João, a ênfase de que os milagres de Jesus são sinais é forte, isto é, eles apontam para um propósito, a glória de Cristo e a crença das pessoas. É tão significativo o verbo *crer* que João o usa em 88 versículos de seu Evangelho (Concordância bíblica, 1997:217).

Embora os milagres dos Evangelhos beneficiassem as pessoas nas mais diversas formas, esses benefícios não eram o ponto mais importante da missão de Jesus. O'Donovan (2009:156) afirma que “Deus não faz milagres para ajudar pessoas. Ele o faz para glorificar Jesus Cristo e atrair pessoas para crer em Cristo”. Foi assim que Deus fez aos egípcios diante dos Hebreus, tão somente para sua própria glória e para temor deles (Êxodo 14:4).

O grande obstáculo que os fariseus tiveram em aceitar os milagres de Jesus estava no fato de que eles não O aceitavam como o Cristo. Chegaram a acusá-lo de realizar milagres pelo poder de Belzebu, o maior dos demônios (Mateus 12:24). É importante observar que os fariseus não negaram a realidade dos

milagres de Jesus, antes negaram que pudessem ser obra de Deus. Contudo, nenhuma dificuldade há sobre os milagres de Cristo, quando se aceita a sua divindade. Foi justamente essa a função que eles tiveram, naquele contexto, mostrar que a era messiânica havia chegado na pessoa de Jesus, bem como do novo povo de Deus representado pela igreja que tomaria o lugar da nação de Israel (Gundry, 1998:93).

Na maior parte do tempo, Cristo deu ênfase ao ensino antes da realização de qualquer milagre. Depois da ressurreição, quando precisou tratar da incredulidade de Tomé, Ele disse: “Bem-aventurados os que não viram e creram” (João 20:29). VanGemeren (2011:60) diz que está muito presente no Evangelho de João a “conexão entre fé e vista”. Isto é, a maior sobrenaturalidade está na pessoa de Jesus. Se as pessoas não conseguissem ver além do milagre, ele deixaria de cumprir o seu papel. “O intento do Senhor era que vissem os homens a entender o que significavam essas coisas” (Bruce, 1990:90-91). O milagre estava a serviço de Cristo e não o contrário.

Deus rege o mundo pela sua ação ordinária, mas em momentos ímpares da história humana Ele agiu para cumprir e revelar o seu propósito redentivo. Os momentos em que os milagres se manifestaram revelaram esse propósito. Jesus veio ao mundo em um momento definido por Deus e para cumprir o seu propósito, o que o apóstolo Paulo chama de “plenitude do tempo”, (Gálatas 4:4). Para isso, Ele se utilizou de meios ordinários e extraordinários. A concepção de Jesus foi extraordinária, conforme Mateus (1:18) registra sobre a virgem Maria que “... achou-se grávida pelo Espírito Santo”, mas, o seu nascimento foi ordinário (Lucas 2:6-7).

Os milagres de Cristo aconteceram no âmbito da revelação de suas duas naturezas - divina e humana e se concentraram no seu ministério público. Esse período se estende entre o seu batismo e a sua morte. Os milagres nos Evangelhos revelam quem Jesus é e o que Ele veio fazer. Com isso mostram que Jesus não é uma pessoa comum, essa era a primeira impressão que os milagres geravam. O fariseu Nicodemos percebeu que Jesus era incomum quando

confessou: “Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele” (João 3:2). Por outro lado, alguns fariseus o rejeitaram mesmo diante dos milagres, porque buscavam um motivo para acusá-lo (Marcos 3:2). Rejeitaram os milagres porque antes rejeitaram Jesus. Bruce (1990:81) afirma que, “se de início rejeitamos a noção de um Jesus sobrenatural, então lhe haveremos de rejeitar também os milagres; se, por outro lado, aceitamos o retrato que lhe pintam os Evangelhos, deixarão os milagres de ser insuperáveis pedras de tropeço”.

### **3.2. Os milagres dos apóstolos**

O segundo período de manifestação dos milagres no Novo Testamento se deu subsequente ao ministério de Jesus. Após a espera do sinal predito por Cristo, os discípulos deveriam sair proclamando o Evangelho a partir de Jerusalém. Lucas registra a expectativa da igreja após a ressurreição de Jesus. Atos dos Apóstolos começa então apresentando o milagre da descida do Espírito Santo sobre os doze apóstolos, o que gerou nas testemunhas presentes no Pentecostes reações próprias do milagre, “... possuída de perplexidade [...] atônitos e se admiravam...” (Atos 2:6-7).

Os apóstolos estavam conscientes de que aquele acontecimento era uma obra de Deus. Pedro discursa e explica aquele fato como prova das profecias do Velho Testamento bem como prova de que o Jesus ressurreto estava derramando o Espírito como havia prometido (Atos 2:33) e que eles (os judeus) sabiam que Jesus tinha sido aprovado por Deus “com milagres, prodígios e sinais...” (2:22).

Semelhante ao ministério de Jesus, o ministério apostólico se concentra na pregação da Palavra e na comunhão. A realização de milagres é inexpressível diante do volume de pregação do Evangelho. As curas como a do coxo na porta do templo, realizadas por Pedro, não tiveram outra intenção senão a de confirmar a autoridade dos apóstolos, dando continuidade ao ministério deixado por Cristo. Ele foi curado “em nome de Jesus” a quem os apóstolos imediatamente fizeram questão de anunciar. De acordo com Chantry (1990:29-30), os milagres do

período apostólico afirmavam a autoridade profética de quem era porta voz de Deus e de sua Palavra infalível.

Calvino (2001:509), ao comentar sobre a carta aos Romanos, diz que Paulo precisou assegurar a aprovação de seu ministério entre os romanos para que a sua doutrinação pudesse alcançar algum sucesso. Paulo relata como Cristo agiu por seu intermédio, “por palavra e por obras, por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito Santo...” (Romanos 15:18-19). Calvino enfatiza ainda que ao falar *pelo poder do Espírito Santo*, Paulo deixa claro que tudo o que ocorreu entre os gentios, da pregação aos milagres, foi obra do Espírito Santo. Na proclamação do Evangelho de Cristo em Corinto, não foi diferente. Paulo defendeu a sua credencial apostólica destacando que entre os coríntios tinha ocorrido sinais, prodígios e poderes miraculosos (2 Coríntios 12:12), provas suficientes de que ele era um porta-voz de Deus, apesar de se considerar como nada.

Os milagres do período apostólico seguiram um padrão parecido com os milagres do Velho Testamento e àqueles realizados por Jesus. Eles aprovaram tanto a pessoa quanto a palavra de quem os realizou. No caso dos apóstolos, os milagres apontavam para o poder do Cristo ressurreto.

A restauração da visão de Saulo (Atos 9:17-18) comprovou que Ananias tinha sido enviado pelo Senhor. Na cura do paraplético Enéias (9:33-35), Pedro adiantou que era Jesus quem estava curando, e os habitantes de Listra e Saron se converteram ao Senhor. A ressurreição de Dorcas (9:36-41) levou muitas pessoas da cidade de Jope à conversão. Quando os licaônicos presenciaram a cura de um coxo pelo apóstolo Paulo em Listra (14:8-12) “gritaram em língua licaônica, dizendo: “Os deuses, em forma de homens, baixaram até nós”. A Barnabé chamavam Júpiter, e a Paulo, Mercúrio, porque era este o principal portador da palavra. Paulo lamentou aquele equívoco e os corrigiu dizendo que anunciavam o Evangelho justamente para que eles fossem libertos desse tipo de crença e passassem a servir a um Deus vivo.

Assim como Jesus, os apóstolos expulsaram demônios (Atos 16:16-18), ressuscitaram pessoas (20:9-10) e realizaram curas (28:7-9). Mesmo assim, não se vê uma busca pessoal dos apóstolos pelo dom de realizar milagres extraordinários. Como Jesus, parece que, às vezes, eles até fugiam dessa tendência. Paulo pregava o Evangelho e os judeus ansiavam por ver algo extraordinário. A atitude de Paulo, em relação aos judeus que pediam sinais, foi semelhante à de Jesus, ele se nega a obedecer à vontade dos judeus, pois eles deveriam crer independente dos sinais. Afinal, como diz Kistemaker (2004:91), “Aos judeus, Deus havia confiado as Escrituras do Antigo Testamento (Rm 3.2); eram os beneficiários das alianças de Deus, da lei, das promessas e das leis do culto (Rm 9.3,4)”. Mesmo assim, para eles, não bastava a mensagem de um Cristo crucificado. Cristo era considerado para eles como “pedra de tropeço” e queriam provas concretas e espetaculares. No entanto, essas provas através de sinais fugiam do propósito divino.

É correto dizer que os sinais, prodígios e milagres credenciavam o apostolado de Paulo conforme ele mesmo destaca na sua carta à igreja de Corinto (2 Coríntios 12:12). Mas, acima de tudo, Paulo estava ensinando que a cura do paraplégico, em Listra (Atos 14:8-12), deveria apontar para Deus e não para o ser humano. O milagre era um sinal que chamava a atenção não para si mesmo, mas para aquele que era maior do que o milagre, Cristo. Paulo disse que, embora os judeus insistissem em ver sinais, (*semeion*) o que ele tinha para eles era a mensagem da cruz (1 Coríntios 1:22-23).

Esse princípio norteou as atividades da igreja cristã. A realização de milagres não é normativa para a igreja cristã, como foi a pregação do Evangelho. Embora Paulo tenha realizado milagres, o principal objetivo do seu ministério era a pregação do Evangelho.

Lucas fazendo um registro histórico dos primeiros dias da igreja primitiva relata aquilo que os apóstolos tinham feito. “... e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos.” (Atos 2:43). O propósito era o mesmo que Lucas relata no discurso de Pedro acerca da natureza de Jesus. “Jesus, o Nazareno,

varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis,” (2:22). Tanto os milagres de Cristo quanto os dos apóstolos conduziam para uma mesma direção, demonstrar a manifestação de Deus no mundo (Frame, 2013:206). Aqueles milagres foram um testemunho de aprovação divina da chegada do cristianismo.

O que foi realizado por Pedro, curas até pela sua sombra (Atos 5:15-16) e por Paulo que tinha as vestes pessoais usadas para curar doenças e expelir demônios (19:11-12) foram características dos primeiros tempos da igreja. Não se vê tais coisas se repetindo em todo o período de seus ministérios quando a igreja já havia sido estabelecida. É possível ver Paulo conformando-se com o espinho na carne mesmo após ele ter pedido a Deus por três vezes que o curasse (2 Coríntios 12:8-9). Para Timóteo que estava sofrendo de frequentes enfermidades, Paulo recomendou um pouco de vinho para servir de remédio (1 Timóteo 5:23). Trófimo foi deixado por Paulo, enfermo em Mileto, (2 Timóteo 4:20). Isto mostra que nem Paulo nem Timóteo precisava ver para crer, ou confirmar o ministério da Palavra para si. Pedro também, ao escrever para as igrejas consolidadas na Ásia Menor, não mencionou que houvesse alguma necessidade dos atos extraordinários dos primeiros dias da igreja cristã, antes, os irmãos foram recomendados à vida cristã prática com oração e comunhão.

Na leitura de cada milagre do Novo Testamento vê-se que há uma mensagem implícita.

Assim, os milagres do Novo Testamento são parábolas em ação; Cristo abre os olhos ao cego para mostrar que ele é a luz do mundo; multiplica os pães para mostrar que ele é o pão da vida; ressuscita os mortos para mostrar que ele levanta os homens da morte, dos delitos e pecados (Strong, 2003:184).

Esses significados são mais claros hoje com o estudo dos textos do que foram no momento em que os milagres foram realizados.

### **3.3. O milagre da ressurreição**

A ressurreição de Cristo é a coroa de todos os milagres. Ela atesta todos os outros milagres e confirma de uma vez por todas aquilo que Cristo vinha dizendo desde o início, Ele é o Messias que haveria de vir para libertar o seu povo. O milagre da ressurreição é o cumprimento dessa promessa do Velho Testamento tanto em referência a Cristo (Salmo 16:9-11 confirmado por Atos 2:25-31) quanto ao ser humano (Jó 19:25-27, Isaías 26:19, Daniel 12:2).

Mesmo que já no 1º século tenha havido contestação da ressurreição dos mortos (1Coríntios 15) e, mais tarde, alguns como Hume (2004:182) que considerou falsos todos os milagres da Bíblia, sabe-se que essa possibilidade se dá justamente pela realidade da existência de Deus. Não tem como atestar o milagre sem atestar Deus. No discurso de Pentecostes, Pedro declarou: “A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas” (Atos 2:32). O argumento de Paulo sobre a ressurreição era esse também, “Deus ressuscitou o Senhor e também nos ressuscitará a nós pelo seu poder” (1 Coríntios 6:14).

Hume (2004:160) disse que “um milagre é uma violação das leis da natureza...”. Como as leis da natureza são imutáveis, o milagre, portanto é impossível. O argumento de que é impossível porque fere as leis da natureza não anula o seu propósito. Brown e Coenen (2000:1288) assinalam que nem mesmo aqueles eventos extraordinários do Antigo Testamento eram contrários às leis da natureza, afinal “o AT desconhece qualquer lei natural como entidade independente, do mesmo nível que Javé”. As leis da natureza foram criadas pelo próprio Deus, nenhuma delas pode resisti-lo. Frame (2013:197) complementa que “não é violação Deus fazer o que quiser com a sua própria criação”. Em Cristo, Deus opera no mundo sem precisar pedir permissão. “Os milagres são parte do governo soberano de Deus sobre a criação e sobre a história” (Sproul, 2014:182).

É justamente por ser fora do normal, sobrenatural, impossível, que a ressurreição é vista como um milagre. Na ocasião do Novo Testamento os milagres foram requeridos para cumprir um propósito divino. Querer uma terceira multiplicação de

pães e peixes somente para provar cientificamente a possibilidade do milagre é considerar o milagre como sendo natural; tal ideia entra em contradição com a sua definição. Se um milagre puder ser reproduzido alheio aos propósitos divinos ele deixa de ser milagre. Ser for provado como natural, deixa de ser milagre. A ressurreição de Cristo provou o poder de Deus sobre a morte e é um milagre fundamentado pelos testemunhos bíblicos.

O Novo Testamento se resume a apresentar o propósito eterno de Deus ao mundo e se valeu de atos extraordinários para demonstrar o Seu poder frente à incredulidade de um povo. Cristo não se aproveitou da capacidade de realizar milagres para se livrar do sofrimento ou da morte, não se tem notícias de que algum dos apóstolos tenha tido qualquer benefício pessoal aproveitando-se da capacidade de fazer algo extraordinário. Antes foram perseguidos, espoliados, presos e até mortos como testemunhas da mensagem que tinham visto e ouvido. Os milagres no Novo Testamento aconteceram porque assim Deus quis. Foram necessários para a inauguração da história do cristianismo. “Não é um evento sem causa; porque tem sua causa direta na volição de Deus” (Strong, 2003:184). Sem os milagres, não haveria a concepção milagrosa de Jesus, não haveria os fenômenos sobrenaturais de seu ministério e muito menos a sua ressurreição. Pode se dizer que, sem os milagres, não haveria o Novo Testamento. Tanto as obras maravilhosas de Cristo quanto as dos apóstolos prefiguravam uma verdade e um objetivo espiritual que ultrapassava a mera cura, apenas saciar a fome ou qualquer outra coisa. Os milagres registrados no Novo Testamento serviram muito bem ao propósito pelos quais aconteceram, dar à igreja cristã a certeza de que Deus enviou o seu Filho ao mundo com poder e muita glória e os apóstolos como enviados de Cristo para dar início ao cristianismo.

O resultado dos milagres foi a maior de todas as bênçãos, a apresentação do Salvador ao mundo. Deus credenciou Cristo que, por sua vez, credenciou os apóstolos por meio de sinais, prodígios e vários milagres. Por fim tem-se a Bíblia Sagrada como revelação divina.

Muito diferentemente do que ocorreu no Brasil na década de 1990, quando fenômenos estranhos aconteceram e as igrejas se dividiram, os milagres no Novo Testamento revelaram ao mundo a pessoa e a obra de Cristo. Como bem colocou Bruce (1990:82-83): “O centro do Evangelho é o próprio Cristo; os milagres devem de ser vistos à luz de Sua pessoa”. Não resta dúvida de que os milagres do Novo Testamento foram reais e glorificaram a Deus. A sua realidade e propósito serviram de base para que a teologia reformada estabelecesse o seu ponto de vista sobre a doutrina como será visto no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO 4: O PONTO DE VISTA REFORMADO SOBRE A MANIFESTAÇÃO DOS MILAGRES**

Durante a formação da igreja cristã, os milagres foram uma fonte de apoio à crença em Cristo e nos Evangelhos, conforme verificado anteriormente. Esse pensamento passou pela igreja medieval, pela reforma protestante e perdurou até por volta do século XVII, tendo os Evangelhos e a tradição católica como referências. Em um contexto de mundo teísta, poucos questionavam os dogmas cristãos. Sire (2009:24) lembra que era um contexto em que as pessoas viviam sob a influência da fé cristã. Com a chegada do mundo moderno, as verdades absolutas começaram a ser questionadas. Até mesmo o ponto de vista teológico sobre alguns aspectos da fé cristã sofreu mudanças. Esse capítulo objetiva observar o posicionamento dos teólogos reformados sobre a doutrina do milagre a partir da reforma protestante até a contemporaneidade. Serão visto também os questionamentos levantados pelo liberalismo teológico que, por fim, sacramentou o ponto de vista reformado. Não é possível esgotar um tema tão vasto em um capítulo, nem colocar aqui o ponto de vista de todos os teólogos, mas algumas referências ajudarão a esclarecer o tema.

### **4.1. A teologia católica e a Reforma Protestante**

A Reforma Protestante do século XVI trouxe uma nova perspectiva teológica sobre diversos assuntos e doutrinas cristãs até então sob interpretação exclusiva da Igreja (Armstrong, 2002:39). Um dos principais pontos debatidos e combatidos pelos reformadores tinha a ver com a autoridade que a igreja julgava ter sobre o mundo material e espiritual. A igreja ensinava que ela era a única portadora da verdade divina, credenciada para interpretar e ensinar essa verdade, pois possuía o “*magisterium*” como fonte de toda a autoridade de ensino “sendo o papa o seu supremo pastor abaixo de Cristo” (Armstrong, 2002:47).

Os reformadores denunciaram que a igreja, na idade média, havia-se desviado de seu propósito, sendo que o desvio teológico era o principal deles. A igreja argumentou, reivindicando a sua autoridade, tendo os milagres dos santos e das

reliquias como garantias da credencial divina. Nichols (2000:119) diz que “a Igreja patrocinou o culto de relíquias e a crença nos supostos poderes miraculosos”.

Pedia-se provas aos reformadores de que eles agiam em nome de Deus, ou seja, que possuíam também uma credencial. Na tentativa de desqualificar o movimento reformado, a igreja questionou a crença dos reformadores nos milagres, bem como a sua capacidade de realizá-los.

Os reformadores reagiram a esse posicionamento da igreja, afirmando categoricamente que somente as Escrituras “*sola scriptura*”, e nenhuma outra fonte possuía a verdadeira e pura revelação divina. Nem mesmo os supostos milagres poderiam se equiparar a ela para ditar a regra de fé e prática da igreja (Hurlbut, 1979:183).

A resposta dos reformadores não poderia ser outra que não partisse da própria Escritura. A rejeição aos supostos milagres católicos era, na verdade, a compreensão de que eles não poderiam ser a continuidade daqueles do Novo Testamento. Os verdadeiros milagres já haviam ocorrido com Cristo e com os apóstolos, e o movimento reformado não estava e nem precisava realizar algo novo para reafirmar essa verdade. Calvino (1985:20) respondeu a esse questionamento: “Que de nós exigem milagres, agem de má fé. Ora, não estamos [nós] a forjar algum Evangelho novo, ao contrário, retemos aquele mesmo à confirmação de cuja verdade servem todos os milagres que outrora operaram assim Cristo como os Apóstolos”.

Quando Lutero e Calvino se posicionaram afirmando que os milagres haviam cessado no tempo dos apóstolos, estavam dando respostas aos conflitos teológicos de seu tempo. Qual era a questão? Ambos combatiam radicalmente o pensamento e o questionamento romanista sobre o fato dos reformadores não provarem sua autoridade. No entanto, os reformadores não criam na infalibilidade da igreja. “Deus se chega ao seu povo com sua verdade, revelando-se claramente. Ele não se revela infalivelmente por intermédio de organizações

eclesiásticas, de revelações místicas especiais, de visões extasiadas ou aparições” (Armstrong, 2002:54).

Por trás do ensino da igreja estava a ideia de que o milagre continuava à maneira do Novo Testamento, atestando a igreja e seus profetas. Calvino (1985:20) destacou a fragilidade e a inutilidade de tais milagres apresentados pela igreja, além de considerá-los mentirosos e falsos.

E isto de singular têm [eles] acima de nós, que podem confirmar a sua fé mediante constantes milagres até o presente dia! Contudo, [o fato é que] estão antes a invocar milagres que se prestam a perturbar o espírito doutra sorte inteiramente sereno, a tal ponto são [eles] ou frívolos ou ridículos, ou vão e mendazes.

Quando Calvino fez essa afirmação, não estava, de forma alguma, negando os milagres bíblicos, o que ele negava era a pretensão da igreja em sustentar a sua autoridade tendo como base os ditos milagres realizados pelos santos católicos. Esse pensamento significava à época, na compreensão de Calvino, a pretensão da continuidade da revelação pela tradição católica. Para ele, aqueles que buscavam nos reformadores a realização de milagres para validar o movimento reformado eram pessoas de má fé. A Reforma se valia dos mesmos milagres dos dias de Cristo e dos apóstolos. A Fé Reformada estava baseada na revelação bíblica e não em milagres novos. Aquilo que já havia sido feito e dito por Cristo e pelos apóstolos era suficiente para a fé cristã.

A questão que Calvino combatia tinha a ver com a autoridade exclusiva da Bíblia Sagrada como revelação divina. Aceitar que os milagres reivindicados pela igreja eram parte de sua autoridade, seria o mesmo que dizer que Deus ainda não havia revelado toda a Sua vontade. Portanto, a igreja detinha, além das Escrituras, o poder de revelar a vontade de Deus, já que os milagres eram vistos também como agentes de revelação.

Ao contrário deste pensamento, o que os reformadores entendiam é que a revelação completa e o fechamento do cânon bíblico do Novo Testamento deu lugar à pregação e ao ensino apostólico. Portanto, substituíram a necessidade dos milagres extraordinários. A respeito disso, Calvino (1985:21) aponta que os milagres tiveram o propósito de autenticar a verdade. Sustentar a necessidade da continuidade dos milagres como defendia a igreja era autenticar a mentira.

Calvino concluiu que o propósito dos milagres se restringiu à época do Novo Testamento, pois eles cumpriram a missão de autenticar aquela mensagem anunciada por Cristo e pelos apóstolos. Os milagres então foram substituídos pela suficiência da Palavra revelada, "*Sola Scriptura*". Isto é, somente as Escrituras e nada mais detêm a verdadeira revelação da pessoa e da vontade divina, ninguém precisa mais de milagres para crer. Que somente as Escrituras detêm a autoridade, a regra de fé e prática para a igreja em todos os tempos, e que nenhum novo milagre ou a tradição da igreja está acima dessa verdade.

Esse pensamento não era exclusivo de Calvino ou dos reformadores. Muito antes Agostinho (2000:2265) já havia se pronunciado sobre isso.

Por que, dizem, que não se fazem agora os milagres que dizeis se faziam antes? Eu poderia responder com verdade que, antes de o mundo acreditar, eles eram necessários para que o mundo acreditasse. Qualquer um que ainda peça prodígios para crer é ele próprio um grande prodígio que não crê, quando o mundo crê.

Com essa afirmação, Agostinho testificava que não havia necessidade da realização de milagres para que alguém pudesse crer. Um pouco diferente de Calvino, Agostinho não desacreditou da possibilidade da ocorrência de milagres pós-apostólico até porque ele mesmo relatou a ocorrência de milagres em seus dias, mesmo que sem o mesmo brilho daqueles do Novo Testamento.

Ainda sobre esse assunto, Calvino entendia que, na verdade, Deus continuava, sim, agindo, mas isto era a divina providência em ação. Deus continuava

interagindo com o ser humano e com o mundo, mas diferentemente daquela maneira extraordinária pela qual agiu no passado.

Para a Igreja Católica, os milagres não cessaram com os apóstolos porque eles confirmam a Santa Tradição. Na reunião do Concílio Vaticano II (1962-1965) a igreja ratificou a relação entre a Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura. O *Dei Verbum*, (1965, Cap. II § 9) diz:

A sagrada Tradição, portanto, e a Sagrada Escritura estão intimamente unidas e compenetradas entre si. Com efeito, derivando ambas da mesma fonte divina, fazem como que uma coisa só e tendem ao mesmo fim. A Sagrada Escritura é a palavra de Deus, enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos, [...] Por isso, ambas devem ser recebidas e veneradas com igual espírito de piedade e reverência.

Esse posicionamento atual da igreja continua desafiando aquele ponto fundamental dos dias da reforma, a autoridade exclusiva da Escritura Sagrada. Para a Igreja Católica, a tradição apostólica, embora transmitida oralmente, ainda está em vigor e se mantém livre de erros assim como a Bíblia. Devido a esse pensamento, a igreja reformada continua reafirmando também a sua tradição teológica atualmente. Somente a Escritura (*Sola Scriptura*) é livre de erros e detém toda a autoridade da revelação divina.

#### **4.2. A tradição reformada no mundo moderno**

Ao contrário da Tradição Católica, a tradição reformada é apenas uma herança teológica que não se equipara à Sagrada Escritura. No século XVII, o Parlamento Inglês convocou uma assembleia de teólogos para formular o sistema litúrgico da igreja da Inglaterra e definir a sua doutrina (Hodge, 1999:41). O resultado desse árduo trabalho de mais de cinco anos (1643-1648) foi a apresentação ao

Parlamento da Confissão de Fé de Westminster e mais tarde seria adotada juntamente com os catecismos como sistematização da doutrina reformada e padrão de fé das igrejas Presbiterianas da Escócia, Inglaterra, Irlanda e América.

A tradição reformada reafirmou a ação soberana e constante de Deus no mundo através dos meios naturais. “Deus, em sua providência ordinária, faz uso de meios, todavia ele é livre para operar sem eles, sobre eles e contra eles, como lhe apraz” (Hodge, 1999:136). Esse posicionamento declara que a imutabilidade de Deus não é afetada quando Ele se utiliza dos meios naturais para agir. “O eterno e imutável plano de Deus compreendia o milagre desde o início”. O fato de ser ou não por meios naturais, não enfraquece o propósito e nem limita a ação sobrenatural de Deus. A doutrina do milagre foi um tema passivo entre os teólogos que formularam a Confissão de Fé de Westminster.

#### ***4.3. A tradição reformada, o naturalismo e o liberalismo***

A questão que foi considerada passiva para os teólogos reformados em geral, no caso os milagres, ganhou novo destaque com o advento do Iluminismo no século XVIII. Foi questionada não só a validade dos milagres bem como a sua própria realidade no contexto bíblico, algo nunca questionado pelos teólogos até então. Para Hume (2004:160) o milagre só seria possível se ele violasse as leis da natureza de fato, visto que essas leis da natureza são fixas, invioláveis, o milagre então não é possível, portanto, não existe e é improvável.

O que não se esperava era que o intelectualismo do século XVIII pudesse influenciar a teologia de forma tão profunda como de fato ocorreu. Formado no contexto do Iluminismo, Racionalismo e Romantismo, Friedrich Schleiermacher deixou uma grande contribuição para o mundo que excedeu o âmbito teológico (Grenz & Olson, 2003:44). Ele ficou conhecido como grande pregador, líder religioso e cultural da Alemanha. Como teólogo, respondendo aos questionamentos teológicos de seu tempo, fez considerações que o distanciaram da teologia protestante ortodoxa. O liberalismo teológico que influenciou o mundo resultou do desenvolvimento de seu pensamento sobre temas consagrados da

teologia cristã como os milagres, por exemplo. Schleiermacher (citado por Grenz & Olson, 2003:54) rejeitava completamente a realidade dos milagres; para ele o Deus imanente não intervém no mundo dos homens. O cerne de toda controvérsia de Schleiermacher estava relacionado à questão da autoridade. Para ele nada, nem mesmo as Escrituras “têm precedência sobre a experiência imediata dos crentes” (citado por Elwell, 2009:359). Ao negar qualquer tipo de autoridade externa, a Bíblia foi incluída e esse posicionamento abriu caminho para o liberalismo teológico.

Ainda que a doutrina do milagre seja fundamental para o cristianismo, a rejeição de Schleiermacher a ela não significa a sua descrença em Deus ou ao cristianismo. Significa que, para ele, o milagre ou até uma oração intercessora que pudesse mudar o curso das coisas seria o mesmo que dizer que essas coisas estavam acontecendo independentes de Deus e isso era inconsistente com o Deus soberano que ele conhecia.

Com essa porta aberta, um novo caminho surgiu, e a teologia reformada teve o seu grande desafio frente à iminência da teologia liberal no final do século XIX e começo do século XX. Segundo Grenz e Olson (2003:58-59), esse caminho foi encabeçado pelos três pensadores mais representativos da essência da teologia liberal: Albrecht Ritschl, Adolf Harnack e Walter Rauschenbusch. Mesmo sem desprezar totalmente a Bíblia, esses teólogos queriam encontrar nela algo que não sofresse o desgaste de uma análise científica e filosófica. Diziam que o cristianismo estava envolto em uma palha de ideias culturais e o que tinha valor era o grão encoberto por essa palha. “Para muitos teólogos liberais, essa palha incluía os milagres, os seres sobrenaturais como anjos e demônios e os acontecimentos apocalípticos”. Não se pode negar que o pensamento liberal tenha causado alguns prejuízos à teologia, mas, por outro lado, foi criada uma nova oportunidade de debater e fortalecer algumas doutrinas bíblicas outrora passivas.

O questionamento dos milagres bíblicos pelos teólogos protestantes foi um dentre muitos outros pontos fundamentais da fé cristã que eruditos dos séculos XIX e XX

colocaram em questão. Já nas primeiras décadas do século XX, nasceram escolas que se dispuseram a investigar cientificamente esses pontos. Gundry (1998:77) observa que Bultmann, herdeiro da teologia liberal e proeminente crítico da forma, afirmou que o mito e as religiões de mistérios influenciaram os escritos do Novo Testamento, reforçando a posição de teólogos liberais antes dele. Ele julgou então que, ao contrário dos teólogos liberais que queriam desprezar os Evangelhos por causa dessa descoberta, os leitores deveriam interpretar o mito ou desmitificar os Evangelhos. Com essa fala, Bultmann (2005:174) estava se referindo especialmente aos milagres. Segundo ele, havia uma visão exagerada, mitológica em favor de Jesus e que a maior parte desses relatos de milagres era lendária ou continham formatos lendários, algo que não era mais aceitável às pessoas modernas.

Além disso, Bultmann escreveu que seria difícil assimilar a ideia de um Deus que é o Todo Poderoso, que faz todas as coisas e, mesmo assim, ainda existir eventos isolados que sejam atribuídos à sua vontade de modo especial. Ele chegou a questionar se a crença em milagres não estava ameaçando outra doutrina: “A fé em milagres não implodiria a ideia da onipotência?” (2005:176). Para ele, Deus não faz algo que Ele não planejou fazer, crer no milagre seria crer no imprevisto divino e Deus nunca falha, esse era também o pensamento de Schleiermacher.

Houve reação ao liberalismo teológico. Segundo Gundry (1998:84), “eruditos ortodoxos descobriram boas razões históricas e teológicas para aceitarem na íntegra os relatos dos Evangelhos”. Em referência a essa crítica teológica e filosófica dos séculos XIX e XX, sobre a impossibilidade do milagre, devido a ser uma violação das leis naturais, os teólogos reformados modernos entenderam que Deus não viola nenhuma lei natural quando realiza milagres; faz parte de seu governo providencial reger o mundo criado por Ele mesmo. “Um milagre, portanto, não é uma violação da ordem natural, pois Deus não está menos envolvido com a manutenção da ordem ordinária do mundo natural criado” (Bavinck, 2012:603). Isto é, o milagre não entra em conflito com a onipotência de Deus, o mundo

natural não é para Deus um mundo paralelo. O céu é o Seu trono e a terra o estrado de Seus pés (Isaias 66:1).

O milagre não é algo isolado na história do mundo de Deus, nem surgiu como forma de corrigir uma falha divina, nem tampouco é produto de uma natureza que age independente de Deus. Bavinck (2012:374) diz que nem mesmo a queda justifica a necessidade do sobrenatural e do milagre, pois já fazia parte do “projeto cósmico de Deus”, é elemento natural à criação. Em resumo, Bavinck partilhou do pensamento clássico sobre a doutrina do milagre e, ao mesmo tempo, afirmou a continuidade da ação de Deus no mundo atual através da Sua providência.

Da linha clássica dos teólogos reformados, Kuyper (2010:213) reafirmou a crença nos dons espirituais dispensados à igreja, mas, quando se refere a esses dons no presente, isto é, no período pós-apostólico, ele os separa. Ele observa que existem aqueles dons pertencentes ao ministério da Palavra, os de primeiro lugar, seguidos pelos dons de fé e amor, sabedoria, conhecimento e discernimento de espíritos, finalizando com o dom de curar enfermos. No entanto, Kuyper resume esse dom de cura apenas às doenças nervosas e psicológicas, “os outros se encontram inativos no presente”. Isso se deve ao fato de ele entender que os milagres extraordinários satisfazem os objetivos primários do Novo Testamento, como foi observado anteriormente.

Conforme o entendimento dos primeiros reformadores, especialmente de Calvino (1985:20), Deus falava através dos sinais para autenticar a sua Palavra e credenciar os seus enviados. Com a difusão do Evangelho pelos apóstolos já no 1º século, a necessidade dos sinais extraordinários foi desaparecendo, pois tudo que Deus tinha para falar estava presente na sua revelação escrita. Isso explicaria a diminuição gradual dos relatos de milagres ao longo do tempo. O entendimento reformado a partir de então foi de que Deus continua agindo no mundo pela Sua providência diária, mas só se revela de maneira especial através Palavra.

#### **4.4. Milagre e providência**

Se Deus não continuou interagindo no mundo de forma extraordinária após a revelação escrita, como os teólogos reformados explicariam a ação de Deus sem professarem o deísmo? A resposta está na providência divina.

Existe uma separação na teologia sistemática reformada entre o que é considerado milagre e o que é chamado de providência divina. Embora o termo providência não se encontre nas páginas da Bíblia, é inegável que esteja presente ali. A Confissão de fé de Westminster a colocou logo após a doutrina da criação e a definiu como o ato bondoso de Deus que “sustenta, dirige, dispõe e governa todas as criaturas, todas as ações delas e todas as coisas desde a maior até a menor” (Hodge, 1999:131). A Bíblia testifica a ação contínua da providência divina; todos têm os olhos fixos em Deus, esperando o pão de cada dia (Salmo 145:15), as coisas acontecem porque Ele manda (Salmo 33:9) e até a morte de Seu próprio Filho estava sob a Sua presciência (Atos 2:23).

Se o milagre é um ato extraordinário de Deus, a providência é a sua ação comum, ordinária, ou, de acordo com Frame (2013:218) “os modos muito santos, sábios e poderosos de Deus, [de] preservar e governar todas as criaturas, bem como todas as ações delas”. Na definição de Berkhof (1990:165) providência é “o permanente exercício da energia divina, pelo qual o Criador preserva todas as Suas criaturas, opera em tudo que se passa no mundo e dirige todas as coisas para o seu determinado fim”. É a continuidade do trabalho de Deus que passa despercebido, sem causar espanto ou perplexidade. Ele continua dizendo que a doutrina da providência não foi muito falada desde os primeiros teólogos da igreja cristã. Ela teve uma importância mais rasa para Lutero do que para Calvino. Mais tarde (séculos XVIII e XIX), ela sofreu tanto desgaste pelo deísmo que Berkhof chega a dizer que foi “eliminada”. Ainda hoje, a doutrina da providência convive com a sombra da teologia liberal que tende a diminuir a sua realidade no mundo. Na prática, o deísmo ou o liberalismo equivale a viver como se Deus não interviesse nem com milagre e nem com a providência.

Mesmo diante da afirmação de alguns que “Deus é grande demais para interessar-se pelas coisas menores da vida... (1990:167)”, não foi assim que os servos de Deus, desde o Velho Testamento, viram a Sua ação comum. Especialmente, os salmistas conseguiram observar em meio aos atos de milagres, ações naturais de Deus que foram vistas por eles como maravilhosas. Há um testemunho bíblico de que Deus nunca parou de agir no mundo de forma surpreendente e isso foi percebido pelos servos de Deus. No Salmo 107:1, o povo é convocado a render graças ao Senhor por sua bondade e suas maravilhas. Essas maravilhas são descritas posteriormente como o ato bondoso de Deus em fazer companhia ao povo em sua peregrinação no deserto, em dar-lhe provisão de alimento e água, quando desfaleciam. A resposta da providência está relacionada ao clamor na angústia (107:13, 19, 28) e no entendimento do salmista (107:8, 15, 21, 31); isso era da parte de Deus, bondade e maravilhas.

Para Sproul (2014:168), a dúvida sobre a ação milagrosa de Deus, hoje, está relacionada à incorreta definição de milagre em detrimento da providência. Por exemplo, fatos comuns, observados em qualquer tempo, como o nascimento de uma criança, por mais impressionantes que fossem não entrariam na categoria de milagre, segundo o que foi definido neste estudo. Sem diminuir a importância do fato, por mais impressionantes que sejam, os eventos que ocorrem a toda hora no mundo inteiro são governados pela providência. Não parece haver nenhuma dificuldade por parte de Deus em revelar que está cuidando de sua criação. Davi expressou muito bem, no Salmo 139, aquilo que ficou conhecido na teologia como onisciência, onipresença e onipotência de Deus.

Davi disse ainda que a sua gestação foi algo maravilhoso demais (Salmo 139:14), mas, certamente, ela faz parte da ação comum de Deus, é a providência. No Salmo 145, ele expressa a sua adoração a Deus que faz o bem ao mundo, dando-lhe a provisão necessária para a vida. Os salmos 135 e 136 demonstram que milagres e providência não precisam ser ações de Deus isoladas umas das outras, ou atos que ocorrem em tempos opostos. Antes, demonstram atos extraordinários e ordinários, ocorrendo paralelamente. Esta providência está

imersa no contexto de prodígios divinos (Frame, 2013:208). Portanto, não existe concorrência entre o milagre e a providência.

Contudo, fica a dúvida: estaria Deus agindo em santa providência, mesmo em face ao aparente caos em que o mundo se encontra? Talvez esse seja o maior desafio da pregação reformada nos últimos tempos; afirmar o pleno controle de Deus sobre o universo. Declarar que os governos corruptos governam, porque Deus permite. Que Deus vê o sofrimento humano e que Ele sabe, quando as tragédias vão acontecer e, mesmo assim, elas continuam acontecendo? Contudo, muitas evidências bíblicas apontam para essa verdade e certeza (Isaías 44:28, 46:8-11, Jeremias 27:6-7).

Crer em um Deus soberano que opera no silêncio de sua própria vontade não é inferior aos atos espetaculares de milagres como desejam aqueles que se sentem incumbidos de buscar ou realizar milagres pela fé. Deus é extraordinário sem precisar manifestar-se com atos extraordinários. Para muitos, crer que Deus está operando no mundo e que tudo acontece de acordo com sua santa providência não é suficiente. Bavinck (2012:603) diz: “A soberania de Deus é vista como uma ameaça à humanidade”. Isto é, aqueles que desejam “mover Deus” pela fé sentem-se frustrados com a ideia de que Ele pode não responder hoje com atos espetaculares como fez no passado. Uma enfermidade pode não ser curada a despeito da fé de quem pede, uma pessoa pode não se levantar do caixão, mesmo que uma igreja inteira ore por ela. No entanto, a doutrina reformada descansa nessa soberania providencial divina. Deus está atento às necessidades de seu povo de modo geral (De Campos, 2001:41). Ele continua agindo no mundo de maneira ordinária, segundo a sua santa e bendita vontade.

A dificuldade com a providência se dá pelo fato que nem sempre ela mostra um resultado positivo, segundo o ponto de vista humano. Sproul (2012:63) comentou sobre esse assunto, usando um exemplo de uma guerra, “há ocasiões dentro da providência de Deus em que o seu propósito é que o lado certo perca”. Diferente desta aparente falha está o ponto de vista do milagre onde se espera que todo resultado seja positivo, mesmo que improvável, impossível, pois é justamente

nisto que ele consiste. Por isso, conforme já dito anteriormente por Bavinck, a providência é um problema. Parece ser mais interessante buscar o milagre que aguardar a providência. O milagre é para ser visto, é urgente e a providência transmite a ideia de que pode não acontecer.

É verdade que a igreja crê em Deus, crê em Jesus, crê no Espírito Santo e no Evangelho, e os milagres ocorridos são parte fundamental nesse processo. Bavinck (2012:375) afirma que “o milagre é tão indispensável para a religião quanto a revelação”. Mas isso não significa que Deus só pôde ser percebido lá no passado pela sua ação extraordinária. Enquanto os milagres aparecem registrados na Bíblia em períodos específicos da história como no êxodo, nos profetas Elias e Eliseu e no ministério de Cristo, os servos de Deus, em todas as épocas, reconheceram o seu poder e governo permanente através da providência.

A resposta de muitos teólogos reformados modernos à possibilidade dos milagres ocorrerem hoje repousa sobre a doutrina da providência. De Campos (2001:41) defende que Deus ainda opera sinais e maravilhas quando Ele ouve as orações dos corações aflitos do seu povo. É o que se pode chamar de providência extraordinária de Deus. É a certeza de que Deus é o Senhor garantindo que os milagres sejam possíveis.

#### ***4.5. A possibilidade do milagre, expressão do senhorio de Deus***

Dentro do contexto cristão, não há dúvidas de que o milagre seja possível, porém é certo e improvável, porque, pela própria definição, é algo extraordinário (Frame, 2013:212). Sabe-se que os milagres serviram como o modo de Deus revelar o Seu poder, atestar os profetas, apóstolos e o Seu próprio Filho. Também serviram para demonstrar a atividade de Deus em apoio ao Evangelho da redenção. Resta saber se há necessidade de mais milagres na atualidade para realizar os mesmos propósitos mencionados, ou se aqueles milagres ainda estão em plena validade, dispensando a necessidade de outros atos extraordinários.

Certamente, o temor e o reconhecimento do senhorio de Deus que geraram culto no êxodo não perderam o seu efeito agora. Não se esperam novas pragas como as do Egito, a fim de testificar que realmente Deus tem poder. Da mesma forma, não se espera que os atos extraordinários de Cristo e dos apóstolos se repitam hoje como condição da veracidade do Evangelho pregado. Ainda é assim atualmente para a maioria dos teólogos reformados, há um reconhecimento de que Deus está sempre agindo de um modo ou de outro. Berkhof (1990:176) entende que embora os milagres estejam suspensos por um tempo, eles não estão dispensados. Como os milagres estão ligados a períodos especiais da história da redenção, ainda falta a restauração desse universo físico. Reservam-se ainda milagres para o fim dos tempos, “haverá outra série de milagres” que, mais uma vez, não terão outro propósito senão glorificar a Deus pela renovação da natureza. Ou seja, Deus está ativamente agindo no mundo através de causas secundárias, providência, sem com isso ficar impedido de agir de maneira extraordinária acima de causas naturais, caso tenha um objetivo, segundo a Sua própria vontade. Esse pensamento está alinhado com o que diz a Confissão de Fé de Westminster. Deus é livre para operar até mesmo contra os meios ordinários.

Não se pode pensar que o milagre seja a maneira esporádica de Deus agir no mundo, como que se Ele estivesse ausente na maior parte do tempo. Ao contrário, o milagre é mais uma prova de que Deus cuida do mundo o tempo todo e que, em alguns momentos, Ele julgou ser necessário agir de maneira sobrenatural. Quando se julga que essa intervenção é sobrenatural, é importante entender esse conceito. Bavinck (2013:357) lembra que a ideia do sobrenatural não existe no ponto de vista de Deus, mas somente para os seres humanos. São os meios pelos quais a percepção humana é ampliada, por isso o espanto, o temor.

Portanto, toda a revelação de Deus seria um milagre e todo milagre seria uma forma de Deus se revelar. Cristo realizou milagres e revelou que Ele era o Deus encarnado. Assim, Jesus revelou a Sua verdadeira identidade, “Eu e o Pai somos um” (João 10:30). Jesus está dizendo com isso que Deus permanece em

atividade no mundo. Paulo também afirmou que Deus sempre testemunhou de Si mesmo no ato de fazer a manutenção diária no mundo através de sua graça providente (Atos 14:17). Tanto o Deus Pai quanto o Deus Filho manifestam o seu senhorio através de atos de milagres.

#### **4.6. A teologia reformada e os milagres hoje**

Após toda a discussão dos últimos séculos, o assunto ainda não está plenamente resolvido na teologia moderna. Ainda há muito debate entre os teólogos reformados modernos, não sobre a realidade dos milagres bíblicos, mas sobre a sua continuidade no período pós-apostólico, principalmente nos dias atuais. Dentre os reformados modernos surgiram pelo menos duas escolas que ainda discutem esse assunto. Aqueles que acreditam que os milagres cessaram de tal maneira que não podem mais acontecer, são chamados de cessacionistas. Sobre esse ponto Kistemaker (2008:172) afirma que “Naqueles dias Deus acompanhou o ensino de sua Palavra com sinais e maravilhas. Quando a era apostólica terminou, os milagres extraordinários cessaram”.

Mesmo sendo da linha que defende a cessação dos milagres bíblicos após a era apostólica, não se podem considerar os teólogos cessacionistas como sendo liberais. Conforme explica Sproul (2014:175), os liberais no sentido teológico não criam só nos milagres atuais, mas também naqueles registrados na Bíblia Sagrada. Não é esse o caso quando se refere aos teólogos reformados calvinistas cessacionistas.

Como existem também aqueles que são de uma linha mais branda, sem com isso deixarem de ser reformados e calvinistas, tem-se a escola continuísta. Os continuístas creem que alguns dons, incluindo milagres, continuam em evidência ainda hoje, não da maneira que isso vem sendo divulgado, ou seja, a todo tempo, mas como possibilidade. Dentre eles, destaca-se John Stott. Stott (2007:101) defendeu que Deus é soberano e que ninguém pode restringir o seu poder, dizendo o que Ele pode ou não fazer. Da mesma forma, dizer que tudo o que acontece é miraculoso e insustentável, pois despreza o evento extraordinário, o

milagre. Ao tratar sobre a atitude que se deve ter diante dos milagres sugeridos atualmente, se mostrou cauteloso. Alertou sobre a “credibilidade impensada”, ao mesmo tempo em que criticou também a “incredulidade obtusa”. Em resumo, ele chama a atenção dos cristãos para uma ação moderada sobre a possibilidade do milagre hoje.

Do Nascimento (2004:49) acrescenta uma terceira linha de pensamento a essas e à chama de contemporaneidade reformada. Ele lembra que o cessacionismo, em que se afirma que os dons espirituais cessaram na época da igreja primitiva, não é uma opinião abraçada pela Igreja Presbiteriana do Brasil, embora esta seja reformada calvinista. A contemporaneidade reformada crê na contemporaneidade dos dons, mas os diferencia dos ofícios, interpreta contextualmente os textos bíblicos e atenta para as mudanças ocorridas em sua administração, buscando o equilíbrio entre os dois extremos.

Ao falar sobre milagres, Frame (2013:194) expressa o ponto que ele julga ser importante para se entender a doutrina dos milagres atualmente, dizendo que “... toda vez que Deus faz alguma coisa ou Se revela, Ele o faz por amor do Seu nome, para que as pessoas saibam que Ele é o Senhor”. Partindo desse princípio, Frame não discorda de seus colegas reformados quanto à definição e propósito dos milagres; tão pouco traz algo relativamente novo. A sua importância se deve ao fato de ele ser calvinista reformado e também de não se sentir seguro em afirmar biblicamente que os milagres tenham cessado plenamente na era apostólica. Segundo ele, não há razão bíblica pela qual os milagres não possam ocorrer hoje. Pois, assim como os milagres tanto do Velho quanto do Novo Testamento foram incumbidos de propósitos divinos, Deus não está impedido de agir ainda hoje. Deus não diz, em nenhum lugar da revelação, em quais as épocas definidas os milagres ocorreriam. Tanto o propósito quanto o milagre são estabelecidos por Deus em que Ele revela “controle, autoridade e presença”. Assim, ele conclui que um estudo dos milagres deve gerar uma humildade intelectual e espiritual.

Algumas perguntas devem ser levantadas, visto que não há como separar a ideia do milagre realizado no Novo Testamento e a sua reivindicação nos dias atuais. Não há dúvidas de que Deus operou milagres no passado, mas por que operou? Não há dúvidas de que Deus pode fazer milagres hoje, mas por que Ele o faria? Qual o objetivo? Ora, se Deus é livre e só pode ser impedido pela sua própria vontade, não há como dizer que Ele vá ou não fazer alguma coisa, Ele pode fazer o que quiser segundo a Sua santa vontade. Isso é a soberania de Deus em evidência. No entanto, o que pôde ser visto como exposto nas Escrituras é que Deus agiu com um propósito claro no Novo Testamento. Os milagres foram instrumentos de credenciamento dos porta-vozes de Deus, bem como para autenticação da Palavra em seus lábios.

O pensamento reformado assegura, bíblicamente, que os milagres do Novo Testamento foram reais, fizeram parte da revelação divina, levando à grande verdade incontestável a pessoa de Jesus Cristo. Os milagres não tinham poder em si mesmos para sustentar a fé no crente, mas a despertaram até o momento oportuno. Deus não está impedido de fazer milagres hoje, mas da maneira como eles aconteceram no Novo Testamento estão fora de propósito, visto que não há mais a necessidade de autenticação da revelação, como foi no primeiro século.

No entanto, as Escrituras mostram que todo milagre faz parte de um plano; assim como Deus agiu regularmente através de Noé para que, ao final a Sua vontade, fosse revelada com salvamento extraordinário, Ele agiu em outros tempos para cumprir outros propósitos. Deus continua ativo, e como há lugares onde o Evangelho é novidade e esse mundo continua sendo de Deus, deve-se ter uma “mente aberta” para a possibilidade de milagres ainda hoje (Frame, 2013:211).

Crer no milagre como possibilidade e não como norma faz que aqueles que professam a fé reformada sejam acusados de não crerem no Espírito Santo, pelo fato de não darem ênfase na operação de milagres atualmente. Mas, esse é um mau entendimento da doutrina reformada. Sproul (2014:177) ensina que Deus continua agindo e respondendo a oração de seu povo quando esgotam as

possibilidades humanas. Isso justifica orar com fé, pedir e buscar a Deus. Esta ação comum e constante de Deus se chama providência e não milagres.

O que os teólogos reformados rejeitam é o ensino dos milagres como forma pela qual Deus fala ainda hoje, visto que os milagres na Bíblia confirmavam os agentes da revelação. A questão tem a ver com a seguinte tese: se for aceito que os milagres hoje autenticam os agentes da revelação, como foi no passado, e esses agentes estão falando hoje, é dizer que Deus ainda pode dizer algo não dito nas Escrituras (Sproul, 2014:176). Portanto, tais milagres e seus agentes têm as mesmas credências dos apóstolos e profetas. Quanto a isso, a teologia reformada é terminantemente contra, pois reafirma que a Bíblia é a única fonte especial de revelação.

Se Deus não está mais trazendo novas revelações, então não se pode esperar novos milagres hoje como aqueles do Novo Testamento. Os que assim quiseram foram e ainda são rechaçados pelos reformados como falsos e enganadores.

(Frame, 2013:36) diz que, enquanto o Novo Testamento estava sendo escrito, os milagres confirmaram nova profecia, quando ainda havia profecia a ser dada. No entanto, com o fechamento do cânon, a própria Escritura passou a atestar a si mesma. Contudo, Frame faz parte dos chamados semicessacionistas, devido à sua flexibilidade quanto à possibilidade de milagres ainda hoje. Ele acredita no milagre no sentido amplo, da providência, não crendo que milagres espetaculares façam parte da vida normal da igreja hoje. A razão disso é porque, assim como outros teólogos reformados, ele crê que Jesus realizou a obra mais extraordinária de todas - a redenção humana. Isso sugere que Deus continua trabalhando, de acordo com a sua providência nesse intervalo onde é requerida a Sua ação espetacular.

O apóstolo Paulo diz (1 Coríntios 13) que os dons extraordinários passariam e que dariam lugar àquilo que seria ordinário, suficiente e eficiente para a manutenção da igreja, o dom de amar. Esse dom, “jamais acaba”. Nas orientações apostólicas dadas aos presbíteros e diáconos que governariam as

igrejas no primeiro século, não se fala que deveriam buscar novos sinais, antes deveriam se esforçar na prática daquilo que é ordinário, a espontaneidade, a boa vontade e o exemplo (2 Pedro 5:23). Finalmente, Frame destaca que não estavam entre as qualificações dos líderes, poderes espetaculares, mas um caráter piedoso e capacidade para ensinar. Ou seja, a igreja experimentou seu crescimento muito mais com base naquilo que era ordinário que com aquilo que era extraordinário. Nem por isso há razões teológicas suficientes para provar que algo extraordinário não possa ocorrer. Mas, é fato a raridade dos milagres hoje e a explicação se dá “porque Deus não tem suficiente razão para torná-los frequentes” (Frame, 2013:210).

A autoridade das Escrituras confirma, hoje, a doutrina reformada da mesma maneira que fez nos dias da reforma protestante no século XVI. A convicção reformada calvinista ainda é aquela de que se deve preservar a mesma fé bíblica que foi entregue aos santos no passado, uma fé produzida pelo relacionamento com o Deus da Palavra. Com a chegada do pentecostalismo a partir do século XX e a valorização da experiência além da Palavra, surgiu um novo debate sobre a doutrina dos milagres, como pode ser visto a seguir.

## **CAPÍTULO 5: UMA AVALIAÇÃO DOS MILAGRES DIVULGADOS NAS DENOMINAÇÕES PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS BRASILEIRA**

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2010) revelou que a igreja evangélica brasileira obteve um grande crescimento no final do século XX e começo do século XXI. A estatística mostrou também que, em consequência desse crescimento, o número de cristãos católicos entrou em declínio. Paralelamente, houve também uma desaceleração do crescimento das igrejas históricas como a Presbiteriana do Brasil, Metodista, Batista Nacional, Luterana e Congregacional. Há muitos fatores que explicam esse crescimento, mas pode-se destacar alguns em especial. A pregação leiga e uma liturgia informal do pentecostalismo, o ensino de milagres e a teologia da prosperidade do neopentecostalismo e, por último, a opção das igrejas históricas em preservar as suas origens no que se refere à liturgia, doutrina bíblica e formação teológica dos pregadores.

O efeito do crescimento pentecostal no Brasil e do neopentecostal nas últimas décadas não pode ser negado. Para entender esse fenômeno é necessário observar a história religiosa brasileira desde a chegada do protestantismo até ao neopentecostalismo atual.

Esse capítulo tem o objetivo de apresentar o pensamento pentecostal e neopentecostal sobre milagres a partir do próprio movimento. É preciso entender como a doutrina tem sido ensinada e quais são os seus efeitos sobre a prática religiosa brasileira. Essa avaliação será importante, pois esclarecerá pontos que revelam a influência pentecostal e neopentecostal no contexto religioso brasileiro. Somente assim será possível aplicar um estudo corretivo sobre os milagres no contexto da igreja reformada calvinista brasileira.

### ***5.1. Da chegada do protestantismo ao pentecostalismo***

Poucos anos após a descoberta do Brasil pelos portugueses, houve três tentativas de implantação da fé reformada no país. Primeiramente, foi enviado de Genebra um grupo de protestantes e dois pastores entre os colonos franceses em 1557. A expedição não teve sucesso e, em 1558, foi expulsa da colônia e ainda teve quatro de seus integrantes mortos brutalmente. As outras duas tentativas foram feitas pelos holandeses em 1624, quando expulsos um ano depois e novamente em 1630, durando até 1654. Nesse período, “a igreja oficial da colônia foi a Igreja Reformada da Holanda que realizou uma grande obra pastoral e missionária” (Nascimento & Matos, 2007:40-42). Mais uma vez foram expulsos e, dessa vez definitivamente. A herança reformada holandesa desapareceu em poucos anos do Brasil.

No dia 12 de Agosto de 1859, 205 anos mais tarde, chegou ao Rio de Janeiro, Brasil, um pastor de fé reformada, com o objetivo de evangelizar os brasileiros, o pastor americano Ashbel Green Simonton. Quando Simonton chegou ao Brasil, já havia mais de três séculos que os missionários jesuítas estavam catequizando os habitantes do novo mundo (César, 2000:26). Recém-formado no Seminário de Princeton, Simonton foi ordenado pastor apenas dois meses antes de vir ao Brasil (Nascimento & Matos, 2007:49).

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, como a barreira linguística e cultural, além das epidemias que ceifaria a vida do jovem pastor poucos anos depois, a Igreja Presbiteriana consolidou-se no país. Simonton morreu 8 anos após a sua chegada com 34 anos, vítima da febre amarela. No entanto, com o auxílio de seus colegas norte-americanos plantou, com sucesso, a fé reformada no Brasil. Deixou uma igreja estruturada, o primeiro jornal evangélico do país, um presbitério, uma escola paroquial e um seminário.

Mesmo após sofrer um cisma em 1903, a Igreja Presbiteriana do Brasil no seu primeiro centenário contava com “489 igrejas, 883 congregações, 369 ministros [...] 89.741 membros comungantes e 71.650 não comungantes” (Nascimento & Matos, 2007:63). Por muito tempo, a Igreja Presbiteriana foi a maior igreja protestante do Brasil.

César (2000:77) destaca que, no final do século XIX, havia no Brasil 600 mil alemães dos quais mais da metade era protestante, o que representava mais do que a soma de todos os outros protestantes juntos. No entanto, eles não tiveram uma influência positiva no processo missionário brasileiro. O motivo foi porque os alemães que vieram para o Brasil não tinham a evangelização como uma missão. A imigração europeia foi uma estratégia política brasileira, dentre outras coisas, para dificultar uma possível revolta dos escravos, recém-abolidos. “O governo português temia algo parecido com o que acontecera no Haiti em 1806, quando escravos negros revoltaram-se e massacraram a elite francesa branca” (Rölke, 2016:46).

Ainda de acordo com César, a ação missionária que trouxe definitivamente a fé protestante ao Brasil Católico Apostólico Romano começou com a chegada de alguns Congregacionais em 1855 e terminou com os Episcopais em 1889.

Nesse intervalo houve uma importante participação dos presbiterianos, metodistas e batistas. O processo foi lento porque em muitos casos os pastores que vinham para o Brasil tinham a missão de pastorear os colonos. A exceção de Simonton aconteceu porque ele foi enviado ao Brasil pela Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (Nascimento & Matos, 2007:49). A missão era plantar uma igreja protestante em terras brasileiras o que ocorreu três anos depois de sua chegada.

A princípio, o protestantismo brasileiro era praticamente de origem reformada. No entanto, a fé reformada representada pela Igreja Presbiteriana do Brasil, organizada em 1862 não permaneceu sozinha por muito tempo. 51 anos após a chegada de Simonton ao Brasil, desembarcou em São Paulo, Louis Francescon, um italiano, membro fundador da Primeira Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago, da qual foi diácono. Antes de aportar no Brasil, Francescon havia conhecido o pentecostalismo nascente nos EUA e se deixado batizar por imersão em 1903. Quatro anos mais tarde, a sua esposa receberia “a promessa do Espírito” o que ele próprio experimentaria em seguida (César, 2000:114). Em 1909, Francescon deixou tudo e viajou para a Argentina e depois para o Brasil.

Em São Paulo, começou a frequentar junto com colonos italianos uma Igreja Presbiteriana, mas logo começou a ter divergências sobre o ministério do Espírito Santo. Em pouco tempo, ele gerou uma divisão na igreja e arrastou “dissidentes presbiterianos e alguns batistas, metodistas e católicos” e fundou, em 1910, a Congregação Cristã no Brasil, a primeira Igreja Pentecostal brasileira.

Um ano mais tarde, 18 de junho de 1911, chegaram ao Brasil, obedecendo a uma revelação, dois jovens suecos de formação Batista, Gunnar Vingren e Daniel Berg (César, 2000:117). Instalados no Norte do Brasil, esses dois jovens fundaram aquela que viria a ser a maior denominação evangélica pentecostal brasileira, a Assembleia de Deus (IBGE 2010). Seria a partir desses três missionários que os rumos do protestantismo brasileiro mudariam definitivamente.

Com menos de uma década de existência, o pentecostalismo já se havia tornado um movimento missionário além-fronteira. Os estudiosos do movimento pentecostal remontam as suas origens a Charles Fox Parham em Topeka, Kansas, em 1901 e a William Seymour em 1906, na rua Azusa, Los Angeles. No entanto, Campos (2005:110) lembra que o pentecostalismo nos EUA “seguiu por picadas abertas por outros movimentos religiosos cristãos”. Ou seja, o pentecostalismo foi um movimento de continuidade. É possível listar o pietismo alemão, o reavivacionismo anglo saxão e o protestantismo histórico como precursores, ou “um pentecostalismo pré-pentecostal”. De Souza (2004:17) acrescenta ainda os anabatistas, os quacres, os metodistas e os reavivamentos norte americanos.

Mendonça e Filho (2002:47) apontam que o conceito de perfeição cristã, iniciado por John Wesley, deu origem ao movimento de “santidade” que mais tarde seria chamado de pentecostalismo. Mais de um século depois de Wesley, o metodista Charles Parham começou a defender na Escola Bíblica de Topeka, EUA, que falar em línguas era um dos sinais do batismo no Espírito Santo. O batista William Seymour, filho de um ex-escravo, se tornou um discípulo de Parham e como não foi aceito nos círculos tradicionais, passou a ensinar em casas da cidade de Los Angeles. Em 1906, durante as pregações de Seymour, uma criança falou em

línguas e depois um pastor batista de Chicago. A partir de então, foi inaugurado o movimento pentecostal.

O que o italiano Francescon e os suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg tinham em comum? Os três eram imigrantes, estiveram em Chicago em um período de euforia pentecostal e conheceram o pastor batista que falou em línguas na pregação de Seymour, William Howard Durham, (Campos, 2005:111-112). Logo houve divergências no movimento, enquanto Seymour entendia que a busca pela santificação precedia o batismo com o Espírito Santo, Durham defendia que a santificação era recebida na conversão como resultado da obra de Cristo. Devido a essa questão teológica, os dois romperam e Durham fundou, em 1907, a North Avenue Mission, de onde saíram estes três missionários que trouxeram o pentecostalismo para o Brasil.

Desde o início, o pentecostalismo encontrou solo fértil no Brasil. Assim como nos EUA, havia no Brasil uma lacuna deixada pelas igrejas históricas que rapidamente foi preenchida pelas igrejas pentecostais. A concentração nos grandes centros e na classe média distanciou as igrejas protestantes das massas populares, em contrapartida o pentecostalismo floresceu entre as classes mais populares porque “nasceu pobre” (De Souza, 2004:24). Percebe-se que houve um conjunto de fatores que favoreceu o surgimento do pentecostalismo tanto nos EUA quanto no Brasil no início do século XX; o desgaste do protestantismo, as imigrações, a pobreza e a exclusão social foram os principais.

Há pelo menos duas frentes que tornaram o pentecostalismo expressivo no Brasil, principalmente pelas igrejas que nasceram na segunda metade do século XX. A primeira frente é composta pelas igrejas pentecostais do tipo clássicas, nas quais se destacam as maiores, como: Congregação Cristã no Brasil (1910); Assembleia de Deus (1911); Igreja do Evangelho Quadrangular (1953); Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo (1955); Deus é Amor (1962) e Casa da Bênção (1964). A segunda frente é composta pelas chamadas igrejas neopentecostais de origem brasileira, onde destacam-se as mais representativas em tamanho e visibilidade, a Igreja de Nova Vida (1960); a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976); a igreja Universal do Reino de Deus (1977); a Igreja Internacional da

Graça de Deus (1980), a Renascer em Cristo (1986) e, mais recentemente, a Igreja Mundial do Poder de Deus fundada pelo ex-Bispo da Igreja Universal, Valdemiro Santiago (1998).

É quase impossível enumerar e destacar todas as denominações pentecostais e neopentecostais existentes no Brasil pelo fato de haver muitas que funcionam sem registro e pelas sucessivas divisões e subdivisões que ocorrem entre elas constantemente. Mas, como, em geral, todas seguem o mesmo padrão, alguns pontos que interessam a esse estudo serão observados entre as principais denominações.

## ***5.2. O milagre do crescimento pentecostal brasileiro***

Em 2011, a Assembleia de Deus completou 100 anos no Brasil. Dentre as igrejas pentecostais, ela foi a que obteve o maior sucesso em crescimento numérico no país. Juntamente com a Assembleia de Deus, muitas outras denominações pentecostais brasileiras somam um número expressivo de membros. Segundo o (IBGE 2010) 60% dos evangélicos se declaram pentecostais. O segredo do crescimento dos pentecostais em todo o mundo, segundo eles próprios, “se deve à sua distintiva ênfase teológica: a experiência do Espírito Santo em poder” (Bruner, 2012:23).

O pentecostalismo brasileiro é uma reprodução do mesmo movimento originado nos EUA no início do Século XX com algumas adaptações culturais. A grande ênfase do movimento pentecostal desde a sua origem foi a doutrina do batismo no Espírito Santo evidenciado pelo falar em línguas, o que significa a porta de entrada para as experiências sensoriais posteriores à conversão. Na Declaração de Fé (2016:91), aprovada pela Assembleia de Deus por ocasião do seu Centenário no Brasil, foi reafirmada a doutrina do batismo no Espírito Santo como marca do pentecostalismo: “Trata-se de uma experiência espiritual que ocorre após ou junto à regeneração, sendo acompanhada da evidência física inicial do falar em outras línguas”.

Embora o pentecostalismo clássico brasileiro tenha sofrido algumas aculturações ao longo do tempo, a sua melhor definição, segundo Campos (2011:517), ainda é a ênfase dada ao "batismo com o Espírito Santo" que tem como sinais externos a glossolalia, a crença na iminência da volta de Cristo à Terra e a crença na interferência dos demônios na vida cotidiana.

Bruner (2012:20-21) observa que não é a doutrina, mas sim a experiência que o movimento pentecostal faz questão de ressaltar. É por causa da experiência desejada que o batismo no Espírito Santo se torna tão necessário, senão indispensável ao cristão pentecostal. Bruner ainda ressalta o fato de que “o pentecostal acredita que descobriu de novo a fonte do poder apostólico no encontro com o Espírito que chama de batismo no Espírito Santo”. Porque o movimento pentecostal enfatiza a experiência como prova do batismo no Espírito, as manifestações espirituais são requeridas e esperadas. Sendo assim, não são incomuns relatos da experiência de se falar em línguas, curas, milagres na natureza e coisas semelhantes. Na verdade, essas são as provas do batismo no Espírito Santo. De posse desse entendimento, o pentecostalismo supervalorizou a experiência pregando a contemporaneidade de todos os dons do Novo Testamento. Existe um “desejo pelo que pode ser chamado de a contemporaneidade do cristianismo apostólico”.

No ensino pentecostal, o modo extraordinário da ação do Espírito não se restringiu ao Novo Testamento, mas deve ser sentido pelos cristãos até hoje tanto individualmente quanto coletivamente. E isso só é possível, quando o cristão recebe plenamente o Espírito Santo, o que, para o pentecostalismo, é diferente da experiência da conversão. Somente após a experiência é que o crente “se qualifica para os dons do Espírito Santo” (Bruner, 2012:119). Contrariando esse ensino, Stott (2007:46) afirma que nunca foi a perspectiva dos escritores do Novo Testamento associar o batismo do Espírito Santo com a ideia de uma segunda experiência. Ao contrário, afirma que o batismo com o Espírito Santo é o mesmo que o dom do Espírito, bênçãos específicas da nova aliança. O batismo com o Espírito Santo é a experiência cristã de iniciação, ou seja, aqueles que receberam Jesus estão batizados com o Espírito.

Mesmo havendo um ensinamento bíblico-teológico a respeito do significado do batismo com o Espírito Santo, o movimento pentecostal caminhou em outra vertente de ensino, criando assim uma nova interpretação para doutrinas como a do milagre. “Em muitos círculos pentecostais, é dada uma ênfase tão grande à cura que a torna quase um segundo distintivo pentecostal” (Bruner, 2012:127-129). Bruner observou ainda que, no pentecostalismo, os dons mais notáveis do Espírito ocupam um lugar de honra em detrimento de outros. Portanto, falar em línguas e curar são mais (notórios) do que os dons de sabedoria e conhecimento. Na perspectiva pentecostal, a cura está para o corpo, assim como a libertação do pecado está para a alma.

Essa mensagem de poder, curas e línguas estranhas se tornou muito atrativa e popular acelerando o número de adeptos do pentecostalismo no país o que não havia ocorrido na primeira metade do século XX. Esse fenômeno leva à consideração da posição dos neopentecostais.

### **5.3. Do pentecostalismo ao neopentecostalismo**

O neopentecostalismo, como o próprio nome sugere, foi um “novo pentecostes” que ocorreu dentro do pentecostalismo histórico. No entanto, o neopentecostalismo tornou-se um movimento mais exacerbado, fazendo que houvesse uma mutação que o descaracterizou do pentecostalismo.

Esses neopentecostais cresceram em número, porém, ao ampliar os seus respectivos universos simbólicos, incorporaram símbolos, crenças e se tornaram portadores de teologias e discursos, híbridos e sincréticos (Campos 2011:506).

Restringindo-se ao Brasil, o neopentecostalismo surgiu a partir da segunda metade do século XX. São aqueles que, segundo Bruner (2012:44), “compartilharam do entusiasmo pela segunda experiência, mais profunda e especialmente manifestada, do batismo no Espírito Santo”. Este é um importante

ponto em comum com o pentecostalismo do qual se inauguram os dons espirituais, observado por Gaarder *et al.* (2000:313).

Os neopentecostais conservam do pentecostalismo clássico o estilo de culto fortemente emocional, voltado para o êxtase, com papel de destaque para a glossolalia, o exorcismo e o milagre, visados sempre como resultados palpáveis a serem experimentados de imediato.

Mesmo mantendo parte do que já professava o pentecostalismo clássico, o neopentecostalismo brasileiro destoou do primeiro movimento ao adotar vários novos elementos que o levou a ser rejeitado até mesmo pelos pentecostais.

Enquanto o pentecostalismo clássico foi marcado pelo anticatolicismo, o neopentecostalismo, segundo Freston (1993:100), absorveu símbolos, como a adaptação das novenas católicas instituindo “as *correntes*, períodos específicos (como sete quintas-feiras) de oração, jejum e frequência à igreja, com vistas à obtenção de uma graça especial”. Ensinos como a salvação futura da alma e uma vida humilde perderam espaço para um ensino de prosperidade, confissão positiva e batalha espiritual. O sucesso pessoal está ligado a expectativas novas como “saúde perfeita e riqueza”. Enquanto no pentecostalismo clássico buscava-se o sucesso espiritual, pois “o batismo do Espírito Santo estava vinculado a um conceito de santificação” (Sproul, 1997:136), o neopentecostalismo preocupou-se com o sucesso pessoal. MacArthur (2015:30) observou que foi a “popularidade do evangelho da prosperidade” que proporcionou a rápida expansão da teologia neopentecostal. No conceito neopentecostal a prosperidade do crente deve ser física e material porque essa é a vontade de Deus para o cristão.

Há pouco material escrito sobre o neopentecostalismo brasileiro partindo do próprio movimento no que se refere à sua história e à sua teologia. O que se encontra são livros e estudos acadêmicos do ponto de vista externo, exceto aqueles livros de autoajuda de alguns líderes de onde é possível extrair um pouco da doutrina neopentecostal como: Edir Macedo (2003), líder da Igreja Universal

do Reino de Deus e R.R. Soares (1997) da Igreja Internacional da Graça de Deus; estes são os que mais expressam a doutrina neopentecostal em seus livros.

Ao tratar da doutrina do batismo no Espírito Santo, comum ao pentecostalismo, Macedo (2003:89) explica que este batismo deve ser buscado pelo cristão que deseja ser abençoado, ou seja, é um evento pós-conversão indispensável à fé. É algo tão importante que há reuniões específicas para se buscar o batismo no Espírito.

Carson (1998:75) destaca que nesse ponto de vista teológico, o poder de Deus e a cura estão condicionados à fé do crente; “desejar a cura corresponde a ter fé”. Dessa forma, a responsabilidade do sucesso da cura está sobre o crente que pode ou não ter sido batizado no Espírito Santo. Esse pensamento é confirmado por Macedo (2004:19) que diz que a fé que opera milagres, “nada mais é que a energia poderosa de Deus, chamada fé sobrenatural”. Segundo ele, Jesus não operou milagres antes dos 30 anos porque ainda não havia se manifestado nEle essa fé sobrenatural. Ou seja, Jesus não havia recebido ainda o batismo no Espírito.

Em busca desta segunda benção, o batismo no Espírito, milhares e milhares de pessoas lotam os templos evangélicos brasileiros diariamente dispostos a fazerem qualquer coisa em busca daquilo que chamam de “milagre urgente” e realizar as mesmas coisas que Jesus fazia. Afinal, de acordo com a promessa dos líderes neopentecostais, o milagre não é só uma possibilidade, é uma certeza. Deus vai fazer, Ele tem de fazer. “A fé sobrenatural é caracterizada por uma certeza absoluta de que Deus irá fazer aquilo que prometeu na Sua Palavra” (Macedo, 2004:25).

Com base em uma suposta promessa que Deus fez aos cristãos atualmente, existe uma determinação de milagres no culto neopentecostal. Uma prática típica da confissão positiva neopentecostal. Ensinando sobre o poder sobrenatural da fé e da capacidade humana de provocar o milagre, Macedo (2003:36-37) diz que “todos os milagres narrados na Sagrada Escritura tiveram início com a

participação, em primeiro lugar, do homem, e depois, de Deus”. Ademais, ele afirma que o milagre que uma pessoa deseja em sua vida depende exclusivamente dela, e que nem Deus pode fazer alguma coisa se a pessoa não fizer a sua parte.

Em um país onde há problemas gravíssimos na área da saúde pública, a promessa de receber o milagre da cura por meio da fé é algo extremamente atraente. Esse foi um dos princípios usado pela Igreja Universal do Reino de Deus que muito contribuiu para uma expansão acelerada do neopentecostalismo no Brasil. Mariano (2004) observou que a Universal foi além da difusão doutrinária e teológica como fazem as outras denominações; antes, enfatizou a mudança da vida do ser humano pelo poder de Deus. O atrativo neopentecostal está no testemunho de pessoas sobre curas, milagres e bênçãos de todo tipo. Para Proença (2006:238), a Igreja Universal, modelo do neopentecostalismo, é “essencialmente urbana, cuja mensagem é voltada para alcançar os ‘excluídos’ da cidade”. A Universal fala diretamente àqueles que lotam as ruas dos grandes centros e compartilham todos os dias dos mesmos conflitos. O contexto brasileiro em que o neopentecostalismo nasceu como o êxodo rural, analfabetismo, desigualdades sociais, favoreceu o seu crescimento pela mensagem: Pare de sofrer!

Freston (1993:99), também observa que nesse neopentecostalismo preconizado pela Igreja Universal do Reino de Deus, “o deslumbramento (dos membros) é transferido para a cura (associada muitas vezes ao exorcismo) e à prosperidade”. Diferente do pentecostalismo clássico o neopentecostalismo não vê o mundo como algo que se deve abandonar, ao contrário, “se volta para objetivos extramundanos [...] optando pela ideia da aceitação de que é natural o usufruto de riquezas, de saúde e de prosperidade” (Proença, 206:234).

Esse modelo de ensino e espiritualidade passou a ser seguido por outros líderes neopentecostais que viram na Igreja Universal um exemplo de sucesso a ser seguido. Não é difícil perceber a cena se repetindo nos cultos televisionados onde há uma exploração do milagre como atestado de Deus para o líder ou para a sua

denominação. De Lima (2006:183) observou que esse tem sido um hábito comum, “milagres cada vez mais impressionantes são reivindicados por todo tipo de pregadores e evangelistas, como um atestado de autenticidade e autoridade divina”. Por esse motivo é comum dentro do pentecostalismo brasileiro a migração denominacional. Poucas são as igrejas que conseguem manter o rol de membros atualizado, pois as pessoas acabam seguindo líderes e denominações onde creem que milagres e maravilhas supostamente estão acontecendo.

A igreja evangélica está crescendo no Brasil principalmente por causa da promessa de milagres, mas há muitos questionamentos sobre a saúde desse crescimento. Embora Grudem (2009:580) defenda que os milagres possam ocorrer ainda hoje, ele alerta que é errado buscá-los para promover o poder ou a fama, como fez Simão, o Mago. Mas, não é o que tem acontecido, ao contrário do que ocorreu com os operadores de milagres no Novo Testamento, os operadores de milagres modernos são celebridades intocáveis e ricas. Em 2015 o Bispo Edir Macedo entrou para a lista da revista americana Forbes (2015) como um dos líderes religiosos mais ricos do mundo e o mais rico do Brasil. A sua fortuna já havia ultrapassado 1 bilhão de dólares.

#### **5.4. Milagres na TV**

O crescimento evangélico brasileiro chamou a atenção, quando as igrejas levaram os cultos para a mídia. Junto à pregação religiosa ao vivo foi acrescentada fatos sobrenaturais, testemunhos de prosperidade, exorcismo, revelações e milagres. Mariano (2004) constatou que o Pentecostalismo e o Neopentecostalismo brasileiro, no séc. XX, usaram a mídia como a sua principal ferramenta de expansão. Esse fator fez que, em muitos casos, o sucesso de um ministério (denominação) estivesse relacionado à transmissão dos cultos na TV. Desde então, há um grande esforço dos líderes para manter os seus programas na mídia. Milhares de pessoas sustentam financeiramente os programas de TV, porque acreditam estar lançando uma semente que germinará em seu favor. Esse foi o princípio da “semente da fé” lançado por Oral Roberts, o qual MacArthur (2015:177) chamou de “primeiro dos curandeiros fraudulentos a valer-se da TV”.

De acordo com MacArthur, Roberts plantou no coração das pessoas um anseio por prosperidade e cura, desta maneira muitos patrocinaram os seus programas, endossando o seu sucesso na TV americana. É exatamente o que ocorre no contexto do neopentecostalismo brasileiro; quanto mais relatos de milagres, mais patrocinadores e mais espaço na TV. A expectativa é que os milagres sempre vão acontecer, mas essa expectativa do milagre sem a sua compreensão, conforme registrado no Novo Testamento, não condiz com a apresentação autêntica do Evangelho. Se o milagre está desligado da centralidade do Evangelho ele não tem nenhum sentido. Há indícios de outros interesses por trás das campanhas de milagres na TV.

O neopentecostalismo brasileiro é uma sequência do neopentecostalismo americano de Kenneth Hagin, Benny Hinn e Oral Roberts. O mais famoso destes três no Brasil é Benny Hinn, denunciado por MacArthur (2015:182) que o chama de arrogante e enganador e diz que as suas curas não são mais que “o resultado de um efeito placebo eufórico”.

MacArthur (2015:188-189) ainda mostra que, nos EUA, há inúmeras denúncias de fraude, enriquecimento ilícito e escândalos contra Benny Hinn, envolvendo milagres. Mesmo assim, essas denúncias não foram suficientes para evitar que ele obtivesse seguidores em muitos países e especialmente no Brasil. Cada vez mais há uma supervalorização do sobrenatural tornando-o parte fundamental do culto. Nunca se falou tanto de milagres como no contexto da igreja evangélica brasileira, principalmente nos cultos televisionados. O século XX experimentou uma busca frenética por experiências extraordinárias como nunca antes. MacArthur (2011:140) já havia feito essa observação na década de 1990. “O anseio das pessoas por fenômenos misteriosos e admiráveis está em um nível insuperável na história da igreja.” Especialmente no contexto do pentecostalismo e neopentecostalismo brasileiro esse anseio provou ser uma grande verdade que se ampliou no século XXI.

Muitas pessoas que professaram a fé evangélica no Brasil, nas últimas décadas, foram doutrinadas pelo neopentecostalismo. Elas usam um vocabulário religioso

com jargões como: “eu exijo, determino, profetizo, recebo, amarro” porque foram ensinadas que há um poder espiritual nas palavras professadas. Esse fato acontece porque segundo o ensino de Macedo (2004:14), “se houver fé sobrenatural tudo o que a boca de uma pessoa determinar será feito!”.

Após essas considerações é importante observar a influente conexão que há entre o sincretismo e a espiritualidade pentecostal e neopentecostal brasileira.

### ***5.5. Os milagres no pentecostalismo e a herança sincretista brasileira***

Segundo Breese (1998:81) sincretismo é “a tentativa de ‘sincronizar’ os diversos credos populares, procurando tornar atrativa uma nova religião”. Há muito tempo, o sincretismo está presente na religiosidade brasileira e se tornou tão comum que foi assimilado. Quando se vê uma promessa de cura em que o fiel recebe “uma gota do milagre” em uma garrafa de água mineral, ou precisa fazer uma corrente de sete sextas-feiras, automaticamente vem à mente a herança das religiões indígenas e africanas que se misturaram ao catolicismo brasileiro. O banho com sal grosso ou com sabonete consagrado, uma rosa ou peça de roupa ungida remete à herança do candomblé trazido pelos escravos africanos. Segundo Itioka (1988:29) o culto do candomblé é fetichista, isto é, mágico, necessita de um objeto que simbolize o transporte do poder sobrenatural. É daí que vem a ideia do feitiço que envolve alimentos, peça de roupa, patuá, animais e outros objetos. Esses elementos sempre estiveram presentes na religiosidade popular brasileira, mas através do neopentecostalismo eles ganharam uma nova roupagem.

Na umbanda, que pode ser considerada uma vertente do Kardecismo, chamado também de baixo espiritismo, a cura está incorporada em sua doutrina, o que explica a grande atração que ela exerce sobre a multidão (Itioka, 1988:51). Essas curas envolvem atender aos pedidos relacionados à saúde, finanças, desconsolo e desavenças amorosas causadas por encostos. Quando se observam nos cultos neopentecostais as famosas sessões de descarrego feitas por pastores vestidos de branco, automaticamente é feito um paralelismo com os ritos presentes nas religiões de matizes africanas.

Por que então muitos fiéis cristãos não rejeitam essa semelhança ritualística? Porque a prática está enraizada na cultura brasileira. De forma geral, o sincretismo acaba sendo bem assimilado ao fiel, devido à herança mística cultural. O neopentecostalismo soube “aproveitar” essa herança de modo que os exorcismos e rituais fetichistas, mágicos, não foram vistos com tanta estranheza.

Ainda que a Igreja Católica no Brasil seja bastante conservadora, ele sempre foi tolerante ao sincretismo religioso desde a colonização do Brasil. A própria igreja católica experimentou os efeitos do pentecostalismo nas últimas décadas, o que chamou de carismatismo. Ela teve de se render ao movimento de Renovação Carismática Católica (RCC, 2011) que chegou ao Brasil em 1970. O movimento intensificou as ações nas últimas décadas com aparição de jovens padres cantores que pregam e oram como pastores pentecostais. A RCC recebeu o apoio do Papa Francisco, pois foi vista como uma alternativa para frear a debandada católica para as igrejas evangélicas brasileiras. Quando o Papa visitou o Brasil em 2014 na 37ª Convocação Nacional da Renovação Carismática Católica Brasileira, discursou para um público fervoroso e disse o que esperava do movimento: “Espero de vocês que partilhem com todos, na Igreja, a graça do Batismo no Espírito Santo” (RCC, 2014).

Esse movimento da Igreja Católica coloca em dúvida uma doutrina central tanto do pentecostalismo quanto do neopentecostalismo, o batismo no Espírito Santo, visto que os pentecostais e os neopentecostais negam que os católicos sejam herdeiros dessa segunda benção. No entanto, MacArthur (2011:20) afirma que o movimento carismático deixou de ser exclusivo de algumas denominações a partir de 1959, espalhando-se “entre episcopais, metodistas, presbiterianos, batistas [e] católicos...”.

Portanto, o simples fato de alguém dizer que milagres estão acontecendo nas igrejas evangélicas brasileiras, não prova que estão agindo em nome de Deus. Se assim fosse, todas as religiões não cristãs ao redor do mundo que reivindicam milagres poderiam ser chamadas de verdadeiras.

A questão que prevalece é que há muitas fraudes comprovadas em meio aos milagres divulgados hoje em dia. De Lima (2006:191) diz que a maioria do que não foi desmascarado também não foi comprovado. Muitos são tomados pelo frenesi coletivo e testemunham curas que não se sustentam mais tarde. Não se pode esquecer que, em meio a tantas enfermidades psicológicas, não é difícil verificar a existência de curas psicológicas. “Não são poucos os relatos de pessoas que, ao participarem de um momento de êxtase emocional, sentiram-se curadas, mas depois voltaram a apresentar os mesmos sintomas” (2006:194).

Os milagres divulgados no evangelicalismo brasileiro são vistos como uma continuidade dos milagres do Novo Testamento. A defesa dos grupos pentecostal e neopentecostal sobre a contemporaneidade dos dons, especialmente os milagres, está em textos como o de João 14:12. Nessa passagem bíblica, Jesus disse que aquele que crese nEle, faria as obras que Ele estava fazendo e outras ainda maiores. Sobre essas palavras de Jesus, Ladd (2003:426) diz: “essas obras maiores consistem em transformação de vidas, operada pelo Espírito Santo, o resultado da pregação do Evangelho; e nesse ministério está incluído o perdão dos pecados (Jo 20:23)”. Nenhum milagre hoje poderia ser maior do que qualquer milagre realizado por Jesus. Obviamente que o alcance da pregação apostólica ultrapassou os limites percorridos por Cristo, dessa forma ela é uma obra maior. Ninguém pode negar o poder do Evangelho de transformar vidas diariamente no mundo todo. No entanto, essa interpretação não basta àqueles que desejam uma demonstração visível de poder. O milagre é um meio de demonstrar poder e solucionar problemas humanos apenas. De Lima (2006:187) lembra que os milagres que se alegam nos dias atuais apontam somente para si mesmos. Ou seja, eles não têm um propósito pedagógico ou redentivo. No contexto brasileiro sincretista e de desigualdade social desde a colonização, a promessa de um milagre de cura e de prosperidade é bem acolhida sem precisar transmitir o seu real objetivo.

Graham (2009:180) discorda do discurso neopentecostal da saúde perfeita. Para ele “se Deus permite que fiquemos doentes e não quer nos curar, devemos aceitar isto com gratidão. E devemos pedir-Lhe que nos ensine tudo o que Ele

quer que aprendamos através da experiência, inclusive como glorificá-Lo”. Há suspeitas dessa promessa de que o milagre sempre vai acontecer, mesmo assim o ensinamento é que o cristão não deve aceitar a enfermidade, pois o milagre acontece quando o crente determina. São muito populares ensinamentos como os de Soares (1997:9-10) afirmando, por exemplo, que João 14:13 foi traduzido incorretamente. Onde se diz: “E tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho.”, ele sugere que a palavra *pedirdes* está mal traduzida. Deveria ter sido traduzida por *determinardes*. “Em outras palavras, não precisamos pedir ao Senhor a bênção, e sim, exigir que ela se manifeste em nossa vida”. O curioso é que Soares afirma que aprendeu sobre determinar a bênção lendo Kenneth E. Hagin (1997:7-8). Ele justifica essa prática que mudou os rumos de seu ministério, dizendo que sempre agiu errado pedindo a Deus as coisas, porque lhe foi ensinado errado. Segundo ele o correto é: “só determinar, exigir, ou seja: tomar posse da bênção” (1997:12). O que Soares e outros tem feito há muito tempo no evangelicalismo brasileiro é um doutrinamento que não condiz com o ensinamento do Novo Testamento sobre o milagre.

É inevitável a comparação entre os milagres divulgados no contexto evangélico brasileiro com aqueles ocorridos no Novo Testamento, devido a tais afirmações. A grande questão é: milagres reais estão acontecendo na proporção com que são anunciados nas igrejas brasileiras, e ainda, será que são suscetíveis de provas? Certamente seria difícil investigar todos os fatos relatados. A primeira barreira é que existe uma mística sobre a questão dos milagres de modo que eles não são questionados. Com isso, todo testemunho de milagre passa sem contestação; muito diferente do que ocorreu com os milagres de Jesus e dos apóstolos que nem mesmo os incrédulos puderam contestar (MacArthur 2015:192). As provas dos milagres televisivos se resumem àquilo que é apresentado na TV ou contado como testemunho ao vivo. Na maioria dos casos, o testemunho é de foro íntimo e não há como contestar uma pessoa que diz que acabou de ser curada de uma dor na coluna, cabeça, braço etc.

Ao mesmo tempo que não tem como comprovar algumas supostas enfermidades ou a sua causa, não há também um acompanhamento da permanência da cura a

longo prazo. Ainda não existe um estudo científico para verificar a veracidade dos milagres no contexto brasileiro. Mas, o que se sabe é que algumas doenças terminais ou raras não são curadas na mesma proporção que outras mais comuns.

São inúmeros os casos de relatos de milagres no evangelicalismo brasileiro e as perguntas que se levantam são: esses milagres são semelhantes aos realizados nas Escrituras Sagradas? Poderia haver milagres verdadeiros de Evangelho falso?

Primeiramente, poder-se-ia dizer que, pelo fato de serem milagres, então são verdadeiros. Mas, a Bíblia fala de milagres realizados por falsos profetas com o único objetivo de dissimular o povo de Deus. O povo Hebreu foi advertido no deserto que se levantariam dentre eles profetas e sonhadores, anunciando sinais e prodígios como atrativo ao povo para que fosse atrás de outros deuses (Deuteronômio 13:1-3).

Jesus disse que falsos profetas e falsos cristos fariam tão grandes sinais e prodígios que, se fosse possível, enganariam até os escolhidos (Mateus 24:24). Então, não está descartada a possibilidade de haver milagres ainda hoje em nome de uma mensagem falsa, mas se a mensagem é falsa, o milagre, portanto, jamais poderá ser verdadeiro. Sproul (2014:180) diz que “Satanás jamais agirá contra os seus próprios objetivos realizando milagres. Os seus milagres são sempre voltados contra o bem e a verdade de Cristo”.

Para Carson (1998:80) “sinais e maravilhas realizados dentro da comunidade dos crentes pode ser uma força enganosa” um dos grandes perigos para o cristianismo ocidental contemporâneo. Mais importante que saber se milagres estão acontecendo atualmente, é saber para onde eles estão conduzindo as pessoas. Assim, como o povo no deserto foi tentado a ir atrás de falsos deuses que não o tinham libertado do Egito, os milagres atuais podem levar as pessoas para outro caminho que não é o da cruz. Podem estar levando-as para longe do Senhor ao invés de aproximá-las dEle.

A Bíblia relata que milagres podem ocorrer sem com isso comprovar a autenticidade da mensagem ou do milagreiro. Jesus disse que muitos reclamarão a realização de milagres para escaparem do juízo final, mas serão lembrados que as suas obras não foram mais que a prática de iniquidades e que por isso serão rejeitados (Mateus 7:22-23). Paulo disse que o agente da iniquidade já está operando com poder, sinais e prodígios de mentira segundo a eficácia de satanás (2 Tessalonicenses 2:9). O único objetivo é o de enganar aqueles que segundo ele se “deleitaram com a injustiça”.

Há algumas diferenças perceptíveis entre os milagres de Cristo e dos apóstolos e os milagres alegados hoje. Os milagres realizados por Cristo e pelos apóstolos contavam com testemunhos internos e externos ao fato. Ou seja, até mesmo os opositores de Jesus reconheceram que de fato os milagres haviam acontecido. Quando Jesus curou um cego de nascença (João 9), os judeus foram buscar provas de que era um caso real de cegueira, pois estava evidente que ele estava enxergando. Os pais do homem que outrora era cego tiveram de testemunhar o ocorrido mesmo com medo dos judeus. Esses são testemunhos externos de cura, além do testemunho daquele que foi curado. Isso não significa que Deus seja refém de provas científicas para provar a sua ação extraordinária. Mas, os milagres precisam transmitir um sinal incontestável para o mundo, que o poder pertence a Deus e que Ele tem um propósito redentivo.

Outro fato a ser observado também é o caráter indiscriminado da cura. MacArthur (2015:190) observa que as curas modernas não chegam perto do padrão bíblico. Os relatos do Novo Testamento não demonstram uma seleção arbitrária de curas. Jesus não demonstrou poder apenas sobre algumas questões triviais da vida humana. Ele curou a febre da sogra de Pedro (Mateus 8:14-15) e também ressuscitou Lázaro (João 11) que já estava morto havia quatro dias. Por que não há provas cabais de ressurreição de mortos atualmente? Certamente porque não é mais necessário para se provar que Cristo tem poder sobre a morte. Sendo assim, não há mais necessidade de nenhuma outra prova de que Cristo tem poder.

A grande dificuldade do movimento pentecostal e neopentecostal é a de aceitar que os sinais da mesma maneira do Novo Testamento diminuíram gradativamente e, por fim, cessaram, conforme as Escrituras foram dadas à igreja. A presença ou ausência dos milagres não medem a veracidade da mensagem hoje, como foi nos dias da igreja primitiva. Muito menos o poder espiritual da igreja está condicionado à realização de milagres. Lopes (2012:133) entende que os cultos carregados de manifestações (espirituais) não significam que sejam necessariamente espirituais. Diz ainda que as igrejas devem zelar para que os membros não confundam espiritualidade com manifestações típicas do movimento pentecostal e neopentecostal como línguas e profecias. A espiritualidade, segundo a Bíblia, não está relacionada a essas manifestações.

Como o neopentecostalismo ensina que o milagre é provocado pela fé do crente, não há mais aquele caráter sobrenatural, raro e espantoso como apresenta as Escrituras. O milagre se tornou algo natural, comum aos encontros religiosos. Em nada se parece com o espanto e o temor reverente registrado no Novo Testamento, portanto, não pode ser a mesma coisa.

O que se conclui é que ainda que atualmente haja, no Brasil, um forte ensino de milagres pelos pentecostais e neopentecostais, eles não cumprem o propósito, segundo o Novo Testamento. Há deficiências tanto na interpretação quanto na aplicação da mensagem que eles transmitem.

## **CAPÍTULO 6: UMA PROPOSTA DE ENSINO DA DOCTRINA DO MILAGRE COERENTE COM AS ESCRITURAS PARA A IGREJA REFORMADA CALVINISTA BRASILEIRA**

A maneira que a doutrina do milagre tem sido ensinada no contexto da religiosidade brasileira não condiz com a realidade da Palavra de Deus. MacArthur (2015:10) diz que, na igreja contemporânea, há uma “preocupação doentia com supostas manifestações do poder do Espírito Santo”. Justificados pelo argumento de possuir os dons do Espírito, pentecostais e neopentecostais brasileiros têm transmitido um ensino falso da doutrina dos milagres. Há um desafio para a igreja reformada calvinista com mais de 150 anos de história no Brasil. Ao mesmo tempo em que precisa preservar a doutrina bíblica intacta nesses novos tempos, ela deve participar de um ensino corretivo que ultrapasse as suas fronteiras.

O objetivo desse capítulo é apresentar uma proposta de ensino sobre milagres que contribua para um crescimento saudável do Evangelho no Brasil. Uma proposta segura de ensino sobre os milagres é aquela que parte exclusivamente das Escrituras Sagradas, a exegese bíblica. Essa foi a orientação de Paulo a Timóteo, quando disse que é na Palavra inspirada de Deus que está o ensino, que repreende, corrige e educa, a fim de aperfeiçoar os servos de Deus (2 Timóteo 3:16). Esse capítulo não visa fazer uma exegese e nem discursar sobre aspectos divergentes dos métodos exegéticos. O objetivo será demonstrar o problema do ensino contemporâneo da doutrina dos milagres, apresentar ferramentas básicas para a extração de uma mensagem coerente com as Escrituras e propor uma aplicação correta da mensagem através da pregação.

### ***6.1. O desafio de pregar sobre os milagres no século XXI***

Ensinar a Bíblia é superar o desafio de transportar uma mensagem do mundo antigo para o moderno. A Bíblia é um livro completo e, quando se pretende ensiná-la, ela não deve ser fragmentada de modo que se ensine uma parte sem considerar as demais. A pregação das passagens sobre os milagres de Jesus ou

dos apóstolos, naturalmente, gera uma expectativa sobre os seus significados para a atualidade.

Sem o devido cuidado é muito fácil afirmar algo que o texto bíblico não está dizendo. No texto de Marcos 4:35-41, Jesus questionou a fé dos discípulos, quando eles ficaram em desespero diante de uma tempestade que ameaçava afundar o barco. Seria muito simplista alegorizar essa passagem, comparando-a ao “mar da vida”, e muito ousado dizer que, estando em alto mar em grande perigo, basta repreender as ondas e os ventos no nome de Jesus. Uma terceira opção seria a de que essa história teve um significado primeiro para os discípulos e que há uma aplicação para hoje que precisa ser extraída do texto. São os pregadores, primeiramente, os responsáveis por fazer essa ponte entre o texto bíblico, o seu significado e a sua aplicação para a vida prática da igreja.

A fé reformada ensina sobre um Deus imanente, que está ativamente em relacionamento com o mundo caído. Este Deus ouve e fala com o seu povo por meio de Sua Palavra. Como disse o escritor aos Hebreus (1:1-2), lá no passado, Deus falou “muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nesses últimos dias, nos falou pelo Filho...”. Para Guthrie (1984:59) a expressão “nesses últimos dias, nos falou pelo Filho” significa que, “quando Deus falou aos homens pelo Filho, o propósito era marcar o fim de todos os métodos imperfeitos”. Ficou marcado através da manifestação do Filho o fim de uma era e o começo de outra. O Filho se revelou com sinais e prodígios e autorizou os seus primeiros discípulos a realizarem as mesmas obras que Ele. Aqueles sinais e maravilhas foram necessários ao povo de Deus no passado, porque por meio deles Deus falou até que chegasse a Sua revelação especial. Berkhof (1990:176) diz que a revelação especial e verbal na Escritura foi dada mediante os milagres. Com o passar do tempo, os sinais e maravilhas cederam lugar a um poder permanente, isto é, a Escritura Sagrada, a forma pela qual Deus fala agora de maneira verbal. A mensagem dessa Palavra revelada para ser entendida precisa passar pelos critérios textuais de interpretação.

Se no princípio da igreja cristã os milagres tiveram um papel importante de levar as pessoas a crerem em Jesus como o Filho de Deus (João 20:31), mais tarde as pessoas passaram a crer simplesmente pelo ouvir a Palavra revelada (Romanos 10:17). Paulo disse que os cristãos de Éfeso foram salvos após ouvirem e crerem no Evangelho da salvação (Efésios 1:13). Essa maneira de anúncio do Evangelho tem alcançado pessoas no mundo inteiro sem que elas precisem de milagres para crer em Jesus. Elas simplesmente ouvem e entendem a mensagem da pregação através da iluminação do Espírito Santo. Bruce (1990:88) diz que, mesmo que a aceitação dos fatos miraculosos seja por uma questão de fé pessoal em Cristo, esta fé “não nos libera do dever de compreender o significado especial das diversas histórias miraculares e de examinar cada uma à luz do conhecimento total que possamos aplicar, histórico ou de outra natureza”.

## **6.2. O papel do Espírito Santo no ensino da Palavra**

O Espírito Santo foi dado aos cristãos como “promessa do Pai” (Bruner, 2012:143). Isto significa que o cristão é um agente passivo, desprovido de qualquer oportunidade, responsabilidade ou privilégio em receber o Espírito pelo esforço próprio. O Espírito Santo foi dado por Deus e enviado por Cristo, a fim de que tanto o Pai quanto o Filho fossem glorificados nEle e que o ser humano fosse ensinado por Ele. Frame (2013:549) destaca que “o Espírito age na Palavra e com a Palavra”, e o Seu principal objetivo é a glorificação de Cristo. Desta maneira, não há espaço para que se crie uma doutrina em que a ação do Espírito possa contrariar a Palavra.

Embora os pentecostais reconheçam a suficiência das Escrituras, ainda perdura o ensinamento da doutrina do Espírito Santo que difere muito do ensinamento reformado. A Declaração de Fé das Assembleias de Deus (2016:95) diz:

O Senhor proveu outros recursos por meio dos quais se comunica com os seres humanos, dentre eles o dom de profecia, como manifestação momentânea do Espírito Santo na vida de qualquer crente batizado no Espírito Santo. [...] Por meio desse dom, o Senhor continua

comunicando-se com seus servos e servas de forma individual, mas a profecia decorrente do dom não serve de fonte de autoridade, [...].

A aceitação do Evangelho, mesmo sem evidências de coisas extraordinárias, certamente se dá pelo trabalho do Espírito de Cristo de levar as pessoas às verdades da Palavra.

Sproul (1997:88) afirma que o Espírito Santo é fonte de poder, “a fonte imediata de toda vida” que foi criada, mas regeneradora na vida daqueles que herdarão a vida eterna. Ele efetua a regeneração de acordo com a palavra, “o Espírito deu-nos um livro que contém uma revelação que nos transforma mediante a renovação de nossas mentes” (1997:119). Essas verdades são aplicadas à mente das pessoas pelo Espírito de maneira racional. Contudo, a fé não é destituída da razão e o Espírito fala ao ser humano, quando a Palavra é ensinada e entendida. Lucas disse que o Senhor abriu o coração de Lídia para que atendesse às coisas que Paulo dizia, mas antes o texto diz que ela ouviu o que Paulo pregava (Atos 16:14). A ação de Deus não dispensou o anúncio da Palavra. A missão do Espírito da verdade, segundo Jesus (João 16:13-15), é a de anunciar a Palavra com o fim de mudar o ser humano. Essa mudança é proporcionada com base na fé em Deus como obra soberana do Espírito. Uma crença que não é teórica “mas transformadora de vida” (Frame, 2013:549).

Portanto, não se pode conhecer a verdade, que é Cristo, e ao mesmo tempo continuar com um ensino falso. A fidelidade a Deus passa por esse caráter de se ensinar com esmero, como disse Paulo (Romanos 12:7). Tudo que se deve ensinar de Deus procede de Sua Palavra; a revelação escrita para o mundo acompanhada pela ação do Espírito.

Há muitos ensinamentos na pregação moderna que devem ser corrigidos para dar lugar à verdade que produz crescimento saudável. Hodge (2001:396) diz que “toda a verdade é aplicada no coração e na consciência com maior ou menor poder pelo Espírito Santo, sempre que esta verdade é conhecida”. Um ensino errado leva a outro, e um suposto poder do Espírito sem base nas Escrituras é um poder

falsificado. O Espírito age de acordo com a Palavra, pois Ele glorifica a Cristo (João 16:14).

### **6.3. *Extraindo a mensagem através da exegese bíblica***

Uma grande verdade sobre a Bíblia é que ela não foi escrita, a princípio, para os cristãos do século XXI. Stuart e Fee (2008:25) mostram que existem “barreiras temporais, linguísticas e culturais” responsáveis por abismos profundos que separam os leitores bíblicos contemporâneos daqueles leitores do Novo e do Velho Testamento.

Se for considerado que o último livro do Novo Testamento foi escrito antes do ano 100 d.C (Ladd, 1980:9), há uma distância de pelo menos 1900 anos entre os leitores de João e os leitores pós-modernos. É preciso considerar ainda que a língua em que a Bíblia foi escrita originalmente e a cultura dos primeiros leitores eram totalmente diferentes da cultura ocidental. Portanto, como ensinar e aplicar de maneira coerente um texto antigo para o leitor pós-moderno?

O primeiro pressuposto é de que toda a Bíblia é a Palavra de Deus, é viva e continua falando ao ser humano ainda hoje. O Velho e o Novo Testamento foram inspirados por Deus para serem a regra de fé e de prática para o ser humano (Hodge, 1999:60). Essa mensagem preservada nas Escrituras precisa ser entendida e transmitida adequadamente para que faça sentido para o leitor contemporâneo. Principalmente, quando se pretende ensinar sobre os milagres e fazer uma aplicação de maneira coerente.

Deve-se levar em conta que cada escritor bíblico fez uso dos recursos gramaticais, linguísticos e culturais de seu tempo. A primeira intenção dos escritores bíblicos foi falar aos seus leitores considerando as questões de sua época. Cada livro da Bíblia está inserido em um contexto histórico-cultural que deve ser considerado. Kaiser e Silva (2002:167) alertam que o intérprete deve ser capaz de reconhecer os aspectos culturais da Bíblia e fazer a ligação das culturas

“para que possa comunicar a mensagem original das Escrituras para a cultura do público de sua época”.

Oliotty (2008:41) afirma que “antes de pregar sobre qualquer parte de um livro da Bíblia, devemos ter familiaridade com todo o livro. [...] possuir um entendimento competente a respeito de quem o escreveu, para quem, por que e quando escreveu”.

Esse compromisso com o estudo faz que se tenha a segurança de pregar toda a Bíblia sem aderir ao ensino sem fundamento bíblico do evangelicalismo brasileiro das últimas décadas. Não se pode negar que existe uma influência sutil do pentecostalismo e do neopentecostalismo no protestantismo brasileiro. Ensinar passagens sobre milagres a um público contemporâneo sem a devida exegese bíblica tem levado muitos pregadores a graves desvios de interpretação e de aplicação. Lopes (2012:11) destaca que, diante dos movimentos pentecostal e neopentecostal “que enfatizam o sobrenatural, o miraculoso e o extraordinário, muitos evangélicos têm ficado confusos e perplexos”.

De acordo com De Lima (2006:196) “a cultura moderna está se movendo rapidamente para a superespiritualidade, ou melhor, para a superstição”. Enquanto isso, a doutrina da cruz, da justificação pela fé, da segunda vinda de Cristo e outras doutrinas fundamentais da fé cristã estão sendo ignoradas. Embora as estatísticas (IBGE 2010) mostrem um crescimento evangélico no Brasil, nota-se que ele não está acompanhado de uma teologia saudável. É, portanto, urgente para a igreja evangélica brasileira o ensino fiel não só da doutrina do milagre, mas de toda a Escritura, a fim de que se produza fé e crescimento genuínos.

Esse ensino só será possível através de um estudo sério, pois a ação do Espírito no processo de aprendizado bíblico não isenta o pregador desta tarefa de estudar. Há muitas ferramentas disponíveis atualmente que possibilitam o estudo e a aplicação da Palavra de Deus e elas não podem ser ignoradas. Para a

exegese no Novo Testamento, além de traduções confiáveis devem-se consultar dicionários bíblicos, gramáticas, concordâncias e léxicos gregos.

A necessidade dessa tarefa é porque, segundo Robinson (2002:94), “não podemos decidir o que uma passagem significa para nós, a não ser que tenhamos determinado primeiro qual é o sentido da passagem, quando a Bíblia foi escrita”.

O uso do método exegético é fundamental para a interpretação do texto bíblico. A opção deste trabalho é pelo método histórico gramatical que está entre o método alegórico da Idade Média e o método histórico crítico que nasceu no liberalismo e passou a questionar a veracidade do texto bíblico (Martínez, 1984:72-79). Considera-se também a importância do método histórico gramatical, pois este método dá atenção tanto à linguagem em que o texto original foi escrito quanto ao contexto cultural específico que deu origem ao texto (Kaiser & Silva, 2002:17).

Brown e Coenen (2000: LXIV) definem a exegese da seguinte maneira:

**Exegese** (Gr. *Exegeomai*, explicar, interpretar, contar, narrar, descrever; *exegesis*, narrativa, descrição, explicação, interpretação). A exegese é a explicação interpretativa; um exegeta é a pessoa que assim explica. A tarefa da exegese é explicar o significado de um texto conforme o autor queria que fosse compreendido. A exegese teológica de textos bíblicos segue o método geral e erudito de interpretar textos antigos. Inclui as seguintes disciplinas: crítica textual, tradução, crítica literária, a investigação de gêneros literários, a crítica da forma, o estudo comparativo de literatura e religiões, estudo de palavras, investigação da situação histórica, a crítica da redação. A exegese não se confina à explicação de palavras. Seu alvo é discernir a matéria que subjaz às palavras.

A exegese é uma ferramenta importante nessa tarefa de interpretação, porque, de acordo com Stuart e Fee (2008:25), ela “responde à seguinte questão: Qual era o significado que o autor bíblico queria comunicar? Exegese refere-se tanto ao *que*

ele disse [...] quanto a *por que* ele o disse num determinado lugar...”. Essa questão está ligada ao contexto do autor e ao contexto literário em que ele escreveu.

A busca do significado do texto como fruto do estudo exaustivo, considerando as ferramentas exegéticas, geralmente tem sido substituído por uma interpretação simplista da Bíblia. A Bíblia é a revelação divina ao ser humano, portanto, pressupõe-se que Deus deseja comunicar-se e ser entendido através da Sua Palavra.

Olyott (2008:29) destaca que “tudo o que Deus tem a dizer aos homens e mulheres foi escrito nas palavras e sentenças que constituem a Bíblia. Essas palavras e sentenças possuem um significado intencional”. Não há, portanto, outra maneira de se conhecer o significado correto de um texto senão pelo estudo do mesmo. A Bíblia é um livro divino, mas também humano. Pedro diz que “homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo (2 Pedro 1:21).

Ensinar qualquer passagem bíblica sem levar em conta a intenção do autor bíblico não comunica uma mensagem fiel. A exegese bíblica é uma ferramenta fundamental para se determinar o sentido e a aplicação do texto sagrado. O texto bíblico não é mágico ou místico, ele pode e deve ser interpretado. Olyott (2008:30) afirma que “algumas pessoas estudam a Bíblia de maneira supersticiosa. Em vez de focalizarem no sentido claro das palavras e sentenças das Escrituras, estão sempre procurando significados ocultos”. Há ainda aqueles que preferem abrir a Bíblia de forma aleatória na busca de uma mensagem de Deus para o momento em que estão vivendo. Sem qualquer análise do contexto busca-se aplicar o texto, e esta não foi a intenção dos autores bíblicos.

Há alguns princípios básicos para se aplicar, quando se pretende estudar um texto bíblico. Mas, antes de tudo é preciso identificar o tipo de literatura que se

está estudando. Stuart e Fee (2008:26) enumeram quatro tipos de gêneros literários no Novo Testamento, que têm características próprias.

- 1- as *epístolas* compostas de *parágrafos* de argumentos,
- 2- os *evangelhos* compostos de *perícopes*,
- 3- *Atos* que é uma série de *narrativas*,
- 4- *Apocalipse* que é uma série de *visões (ou profecias)*.

Como se pode ver, devido às diferenças em gênero literário, não se deve interpretar os Evangelhos da mesma maneira que se interpreta o Apocalipse. E mesmo quando se sabe qual o gênero literário que se está estudando, cada um deles levanta questões peculiares de seu contexto. Conhecendo os passos de estudo a serem seguidos, a pessoa poderá usar aqueles que se fazem necessários a um determinado texto. Para determinados textos, há a necessidade de se usar todas as ferramentas de interpretação, enquanto que outros requerem apenas o mínimo. Cada texto levanta as suas dificuldades (maior ou menor) no decorrer do estudo.

É importante lembrar que o primeiro erro no estudo da Bíblia acontece, quando não se dá atenção às questões básicas do texto; questões de conteúdo (o que foi dito) e de contexto (por que foi dito). Stuart e Fee (2008:205) mencionam quatro tipos de questões de conteúdo, “crítica textual, informação lexical, informação gramatical e o contexto histórico cultural” e dois tipos de questões contextuais: “históricas e literárias”.

Não considerar os aspectos históricos e literários de um texto no que se refere às questões contextuais é o mesmo que tentar compreender uma correspondência lendo apenas uma linha aleatória. Não se pode ocultar a falta de estudo com a falsa afirmação de que o Espírito Santo é quem fala, embora não se dispense a iluminação do Espírito Santo no processo interpretativo. Os melhores exegetas não conseguiriam transmitir a mensagem bíblica sem a piedade, mas nem por isso eles ignoraram o estudo de todos os contextos bíblicos. Tendo em vista o

texto em que se deseja ensinar e sabendo o seu gênero literário pode-se passar aos princípios básicos da exegese bíblica.

### **6.3.1. Contexto cultural**

A análise do contexto cultural sintoniza o leitor no tempo e no espaço em que o texto foi escrito. Kaiser e Silva (2002:16) dizem que é preciso tomar o cuidado para não se pressupor que as regras linguísticas do texto antigo correspondam às regras da linguagem contemporânea; “caso contrário, corremos o risco de impor nossas ideias sobre o texto bíblico”.

Através da análise do contexto cultural é possível entender costumes, ações e expressões usadas pelo autor e seu significado e traduzir o sentido para o mundo contemporâneo. Ao lavar os pés dos discípulos, Jesus não precisou explicar para eles que aquele gesto era uma lição de humildade. A reação de Pedro expressa essa verdade (João 13:8). Essa mesma cena hoje não tem o mesmo efeito que teve para os discípulos; a cena não precisa ser repetida, mas o sentido deve ser aplicado. Cada cultura tem sua maneira própria de expressar humildade.

### **6.3.2. O contexto histórico geral**

O contexto histórico geral determina quem é o autor e quem são os seus destinatários. Também situa o pregador no lugar geográfico dos destinatários, bem como a situação em que eles estavam vivendo naquele momento e qual era a preocupação primária do autor (Olyott, 2008:151). Pressupõe-se que aquele que pretende ensinar a Bíblia Sagrada já a tenha lido totalmente algumas vezes, mesmo assim, o livro inteiro da passagem escolhida deve ser lido e relido para que se reconheçam o ambiente e a ocasião em que ele foi escrito.

### **6.3.3. Contexto literário**

O contexto literário é dado pelo próprio livro e poderá ser identificado na passagem ou no livro todo buscando pontos relevantes. Ele busca descobrir o

quanto possível a localização da passagem na história no seu contexto. Se ela introduz ou conclui uma passagem maior e se está relacionada à outra passagem. É nesse ponto que se identificam o autor e a data do texto. São detalhes que impedem pressuposições errôneas na interpretação.

Tomando os Evangelhos como exemplo, primeiramente é importante observar que eles são compostos por perícopes. Da Silva (2003:68) define a perícope como a delimitação de um texto para que ele tenha começo, meio e fim; são seus “limites para cima e para baixo, ou seja, onde ele começa e onde termina”. Geralmente, as Sociedades Bíblicas já trazem as perícopes separadas por subtítulo ou pelo destaque em negrito da primeira letra do versículo. A seguir, um exemplo de uma perícope sobre milagres, já estabelecida pela Sociedade Bíblica do Brasil.

### **Jesus acalma uma tempestade**

Mt 8.23-27; Lc 8.22-25

<sup>35</sup> Naquele dia, sendo já tarde, disse-lhes Jesus: Passemos para a outra margem. <sup>36</sup> E eles, despedindo a multidão, o levaram assim como estava, no barco; e outros barcos o seguiam. <sup>37</sup> Ora, levantou-se grande temporal de vento, e as ondas se arremessavam contra o barco, de modo que o mesmo já estava a encher-se de água. <sup>38</sup> E Jesus estava na popa, dormindo sobre o travesseiro; eles o despertaram e lhe disseram: Mestre, não te importa que pereçamos? <sup>39</sup> E ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar: Acalma-te, emudece! O vento se aquietou, e fez-se grande bonança. <sup>40</sup> Então lhes disse: Por que sois tão tímidos? Como é que não tendes fé? <sup>41</sup> E eles, possuídos de grande temor, diziam uns aos outros: Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem? (Marcos 4:35-41).

Os elementos que delimitam a perícope estão presentes no texto e devem ser observados, pois são eles que determinam o limite primário a ser estudado. Os elementos são: tempo e espaço, personagens, anúncio de tema, vocativo,

mudança de estilo dentre outros. Esse trabalho é importante porque demonstra que o texto bíblico não foi escrito aleatoriamente e muito menos sem um propósito específico.

No texto acima já é possível observar três detalhes propostos pela Sociedade Bíblica como delimitadores, o subtítulo (***Jesus acalma uma tempestade***), o parágrafo e a primeira letra do versículo, (**M**), em negrito. Esses indicadores ajudam a reconhecer o início da perícopes, mas há textos mais complexos que precisam de mais elementos.

Dentre os elementos para a delimitação de um texto, pode-se aplicar alguns na delimitação da perícopes de Marcos 4:35-41 em um quadro proposto por Da Silva (2003:75-76).

Dupla indicação de tempo	Mudança especial	Ação terminal	Novo espaço
<i>Naquele dia, sendo já tarde</i> (35)	<i>Passemos para a outra margem</i> (35)	<i>[possuídos de grande temor...]</i> <i>[Quem é esse...?]</i> (41)	<i>[Entrementes, chegaram à outra margem do mar, à terra dos gerasenos]</i> (5:1)
		Conclusão	Novo início assinalado por novo espaço.

Essa perícopes apresenta poucos elementos delimitadores, mas são suficientes para perceber que o assunto tem começo, meio e fim.

Aqueles que têm se dedicado mais ao estudo da Bíblia (Novo Testamento) delimitam a perícopes a partir dos textos originais disponíveis. Dentre essas obras, podem-se destacar Nestle e Aland. 1993. *Novum Testamentum Graece*. 27<sup>a</sup> ed. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, sugerida por (Stuart & Fee, 2008:260) como uma versão confiável.

Nesse processo de delimitação é importante ter pelo menos duas boas versões da Bíblia em português, visto que nem todos os pregadores manejam bem as línguas originais. Duas versões bem utilizadas pelos estudiosos são a Almeida Revista e Atualizada (ARA) e a Nova Versão Internacional (NVI). Um texto delimitado impedirá que se estudem assuntos diversos ao ponto de não se conseguir transmitir uma mensagem clara.

#### **6.3.4. Análise de palavras importantes**

As perícopes são compostas por verbos e palavras chave que devem ser examinadas em particular. Uma palavra usada no contexto de um Evangelho pode ter um sentido diferente quando usada em uma epístola. Isso acontece porque o escritor bíblico tinha a intenção de se comunicar com um público específico.

Stuart e Fee (2008:273-274) destacam que “o objetivo do estudo de vocábulos na exegese é procurar entender, o mais precisamente possível, o que o autor estava tentando comunicar com o uso de uma palavra em um contexto específico”. Para essa tarefa é preciso o uso de dicionários bíblicos, concordâncias e léxico grego, a fim de se evitar uma análise exagerada ou desnecessária de palavras. Para isso, é importante também tomar alguns cuidados:

1. Tome nota das palavras conhecidas de antemão, ou reconhecíveis pelo contexto que tenham conteúdo teológico.
2. Observe as palavras que claramente fazem diferença no sentido da passagem, mas parecem ambíguas ou discutíveis.
3. Observe as palavras repetidas, ou que emergem como temas numa seção ou parágrafo.
4. Esteja alerta a palavras que possivelmente tenham mais significado no contexto que parece à primeira vista.

#### **6.3.5. Contexto histórico particular**

Toda passagem bíblica possui um contexto histórico, um pano de fundo. À medida que for possível descobrir esse contexto histórico, ele deve ser considerado. Por exemplo; quando se sabe que os cristãos de Corinto eram gregos acostumados com a retórica dos grandes oradores antigos, fica mais fácil entender por que Paulo disse que não lhes daria palavras de sabedoria (*σοφίαν*) (1 Coríntios 1:22-23). Naquele contexto particular, era fundamental evitar que a pregação do Evangelho fosse confundida com discurso filosófico tão celebrado pelos coríntios (Morris, 1981:36).

Portanto, os acontecimentos da época que tiveram influência sobre o texto, ou outras passagens paralelas, no caso dos evangelhos sinóticos, devem ser considerados. Também informações históricas e arqueológicas vão, de alguma forma, ajudar a compreender a passagem.

#### **6.3.6. Comentários bíblicos**

Seria muito presunçoso pensar que não se pode consultar o trabalho árduo de muitos exegetas que já trabalharam em cima de um texto bíblico. Muitos estudiosos dedicaram a vida toda à pesquisa bíblica e muitos ainda estão trabalhando no texto sagrado. O resultado desse trabalho são os comentários que auxiliam no estudo de passagens difíceis. É importante escolher comentários confiáveis, de preferência aqueles de linha reformada, que defendem a metodologia exegética histórico gramatical. Comentários que prezam pelo estudo profundo sem desprezar a piedade. Kaiser e Silva (2002:256) recomendam que o comentário bíblico seja uma fonte de consulta após a exegese para que se tenha a oportunidade de “estimular o pensamento independente”. O pregador precisa desenvolver a própria capacidade de compreender a Palavra e a melhor maneira de transmiti-la aos seus ouvintes contemporâneos.

#### **6.4. Pregação expositiva**

O objetivo da exegese é o ensino, a pregação. A comunicação da mensagem de maneira que faça sentido para o ouvinte moderno se dá pela exposição clara das

Escrituras. Robinson (2002:22) sugere que uma das maneiras mais fiéis de se apresentar a mensagem bíblica é através da pregação expositiva. “A pregação expositiva é a comunicação de um conceito bíblico, derivado de, e transmitido através de um estudo histórico, gramatical e literário de uma passagem em seu contexto”. A pregação expositiva, como o próprio nome sugere, busca expor de maneira clara e sistemática a Palavra de Deus. Desta maneira, evita-se que uma porção desconectada de seu todo seja ensinada aleatoriamente, impedindo uma aplicação específica.

### **6.5. Aplicação correta**

Kaiser e Silva (2002:262) reconhecem que “a tarefa da hermenêutica não está completa até que tenhamos lidado com o problema da aplicação do texto”. A aplicação requer além da habilidade de comunicação, o conhecimento do contexto em que os ouvintes estão envolvidos. Do contrário, podem-se dar respostas a perguntas que as pessoas não estão fazendo, ou até mesmo criar um sentido fantasioso do texto.

Robinson (2009:375) diz que a parte mais difícil da exposição é a aplicação. Segundo ele, a “maior quantidade de heresias é pregada na aplicação do que na exegese da Bíblia”. Ou seja, até quando se pressupõe que houve uma correta interpretação do texto bíblico é na aplicação que ocorre a falha muitas vezes.

Esse é um dos pontos em que a pregação sobre os milagres encontra grande dificuldade. Não só a interpretação dos milagres, mas a sua aplicação deve ser coerente para que o aprendizado seja eficiente. Não se pode pregar sobre os milagres, gerando a expectativa de que eles devem ocorrer novamente da mesma maneira que ocorreram no Novo Testamento. A confiança de que os milagres realmente aconteceram porque estão registrados na Palavra inspirada deve aumentar a fé do cristão hoje. Tomé precisou ver o milagre da ressurreição para crer. “Mas, ninguém pode exigir de Deus semelhante atestado miraculoso individual. Moisés e os Profetas, como o Novo Testamento, são suficientes”

(Frame, 2013:217). Toda vez que se prega sobre os milagres deve-se evocar a certeza da inspiração divina das Escrituras e a sua suficiência.

Antes de aplicar a mensagem estudada o pregador deve-se perguntar: o que esse texto quer dizer para hoje? A grande pergunta a ser respondida no final do sermão é: para que serve? Isto é, quem está ouvindo a explanação de um texto bíblico está esperando uma resposta. Na verdade são inúmeras respostas e o pregador terá de lidar com essa expectativa do grupo (Robinson, 2002:93). Algo que aconteceu também no contexto bíblico. O ensinamento central do texto deve ser aplicado à vida das pessoas. Ao mesmo tempo em que o pregador precisa conhecer o contexto em que se está pregando, ele deve saber que o próprio Deus conhece as individualidades das pessoas que o ouvem.

Da mesma forma que o escritor do primeiro século esperava uma reação de seus ouvintes, assim também o ensino hoje deve gerar uma mudança nas pessoas. A proposta da mudança deve ser clara, possível e específica. Essa mudança só poderá ocorrer, se o ouvinte entender a mensagem. Packer (2004:143) observa que essa mudança era o principal teor da primeira mensagem dos pregadores do Novo Testamento, a qual eles chamavam de arrependimento.

De nada adianta ensinar todas as histórias da Bíblia sem que haja transformação na vida do ouvinte. O ensino da Bíblia é eficiente, quando as pessoas sentem que realmente precisam tomar uma decisão, seja naquele momento ou algo que vão começar a partir dali. A pregação sobre o milagre em Caná da Galileia não garante que hoje água poderá ser transformada em vinho novamente. No entanto, a essência e o ensino do milagre em Caná devem gerar mudanças nas pessoas ainda hoje.

Tanto para quem ensina quanto para quem aprende, a mensagem de Deus deve gerar temor santo. O estudo e a explicação final de um texto será bom se tiver alcançado o seu propósito. O pregador terá cumprido a sua missão se ao expor a Palavra “confrontar os indivíduos sobre eles próprios, a partir da Bíblia” (Robinson, 2002:29).

A mensagem bíblica só pode ter um significado; aquele que o autor quis transmitir lá no passado. Nenhum tradutor, intérprete ou pregador tem o direito de lhe dar outro significado que vá além deste. O texto, portanto, tem o mesmo objetivo que teve para os primeiros ouvintes, a comunicação de uma mensagem. Dar outro significado aos milagres do Novo Testamento diferente do que eles realmente se propõem, adultera a mensagem de Deus ao ser humano, além de gerar expectativas falsas. Por mais bem intencionado que seja o pregador, ele não será fiel a Deus se não transmitir o que Deus realmente deixou revelado.

Na perícopé em que Jesus acalma uma tempestade (Marcos 4:35-41), Marcos está demonstrando a autoridade de Cristo sobre tudo e sobre todos. Ele repreendeu e mandou que um espírito imundo se calasse (Marcos 1:25), exerceu a Sua autoridade sobre as enfermidade (Marcos 1:31; 41), perdoou pecados (Marcos 2:5), revelou o seu senhorio sobre o sábado (Marcos 2:28), sobre a natureza (Marcos 4:39) e o seu poder sobre a morte (Marcos 5:41-42). Há uma ligação entre todos esses fatos que culmina no senhorio de Cristo, nenhuma oposição pode resistir a ele. A aplicação no texto de (Marcos 4:35-41) não pode ignorar todo esse contexto maior. Marcos já disse qual era o objetivo de Jesus com esses milagres; revelar a Sua divindade. O texto bíblico jamais pode ter o significado que o pregador deseja, ou qualquer significado que entre em conflito com o seu significado original. Portanto, os milagres têm a mesma aplicação hoje que tiveram para os primeiros leitores de Marcos, e assim será para todos os outros textos. A doutrina do milagre tem de ser ensinada a partir do objetivo da revelação bíblica. Somente assim será possível corrigir os desvios doutrinários que ameaçam o crescimento saudável da igreja cristã no Brasil.

## **CAPÍTULO 7: SUMÁRIO E CONCLUSÃO**

O resultado desse trabalho é o fruto de uma observação dos milagres do Novo Testamento em paralelo com o ensino de milagres no contexto da igreja evangélica brasileira. Conclui-se que há uma diferença muito grande de propósito entre uma época e outra. Escrever sobre esse tema foi uma necessidade pela observação da proporção que o discurso de milagres alcançou no contexto da igreja evangélica brasileira.

O objetivo geral foi buscar uma resposta que contribuísse para um processo doutrinário coerente com a Bíblia. A busca dessa resposta gerou outras perguntas específicas. Na busca do significado e do processo da formação da doutrina do milagre, desde o seu início, foi possível então verificar até mesmo a sua origem pré-judaico-cristã.

Não se pode corrigir o que não se conhece. A busca pela definição e história do milagre demonstrou como o assunto é vasto e complexo. Toda compreensão que se tem hoje a respeito do milagre como algo sobrenatural se desenvolveu a partir do estudo e observação dos ritos mais antigos. Suas raízes remontam à época dos egípcios, gregos e astecas. Os judeus, embora conhecessem a magia no Egito, souberam distingui-la dos milagres através da atuação de Moisés como enviado de Deus.

Contudo, foi com a manifestação dos milagres na pessoa de Cristo e, posteriormente, no ministério apostólico que se inaugurou um novo período da história de milagres. Mais tarde, não só a teologia, mas também a filosofia, apesar de suas críticas, contribuíram para que se chegasse a uma doutrina que pudesse ser chamada de Doutrina Cristã do Milagre.

Entende-se que os milagres foram evocados à semelhança do que já havia ocorrido no Velho Testamento. Quando os expectadores de Jesus presenciaram os milagres, assimilaram-nos com os feitos de Deus no Velho Testamento.

O cristianismo do 1º século amadureceu e se consolidou tendo os milagres como principal testemunho de sua veracidade. Na idade média, a doutrina do milagre sob a tutela da Igreja Católica Apostólica Romana tomou novos rumos e sofreu tanto desgaste que necessitou ser reparada. No século XVI, dentre as muitas reformas por que a igreja estava passando, a reforma protestante tocou em um ponto sensível da teologia cristã, a doutrina dos milagres.

Ficou comprovado que a doutrina dos milagres não havia sido preservada à maneira do Novo Testamento, antes havia sido misturada com os dogmas da igreja católica como atestado da legitimidade da instituição. Os reformadores foram terminantemente contra e reafirmaram o sentido primário do milagre bíblico. Atestar e legitimar o mensageiro e a mensagem enquanto não havia ainda a revelação escrita.

Com a chegada do iluminismo no século XVIII, a possibilidade de um Deus que se comunica com o ser humano foi descartada, portanto até mesmo os milagres da Bíblia foram desacreditados, pois o que passou a prevalecer foi a razão.

No começo do século XX, mais uma vez a doutrina do milagre foi reinterpretada. O movimento pentecostal e, mais tarde, o movimento neopentecostal reivindicaram de maneira contundente uma nova era da manifestação do Espírito Santo. Milagres e curas passaram a ser prova do batismo no Espírito e uma nova dissensão percorreu o mundo.

A doutrina do milagre observada no contexto do Novo Testamento revelou seu principal objetivo que era demonstrar a divindade de Cristo e, posteriormente, a credencial dos apóstolos ou mensageiros de Deus. No entanto, o pentecostalismo acabou por dar grande ênfase nas experiências sensoriais do indivíduo, criando uma doutrina diferente daquela do Novo Testamento.

Do ponto de vista reformado sobre a manifestação dos milagres, chegou-se à conclusão de que não há consenso de pensamento com o pentecostalismo e o neopentecostalismo brasileiro. O fato de não crer na contemporaneidade dos

milagres, conforme ensinado atualmente no evangelicalismo brasileiro, não faz o cristão menos espiritual ou alguém que não tenha experimentado o batismo do Espírito Santo. O cristão é encorajado bíblicamente a ser diligente para experimentar a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus (Romanos 12:2) e não há outro meio senão pela Palavra.

A avaliação da doutrina dos milagres ensinada pelos pentecostais e principalmente pelos neopentecostais, no contexto brasileiro, revelou falhas que devem ser corrigidas. Assim como foi nos dias da reforma protestante, os milagres contemporâneos, muitas vezes, apontam para a instituição e enriquecem os milagreiros. É dever daqueles que prezam pela verdade bíblica ter a mesma atitude dos reformadores no que se refere a denunciar e corrigir o erro.

O evangelicalismo tem crescido no Brasil, nas últimas décadas, mas esse crescimento não tem sido acompanhado na mesma proporção por uma teologia saudável. Esse estudo pode beneficiar a igreja evangélica brasileira, pois visa corrigir erros fundamentais de interpretação e aplicação de passagens da Bíblia, sobretudo da doutrina do milagre. O estudo alerta para o perigo de uma interpretação sem considerar elementos fundamentais da exegese bíblica e da aplicação.

A correção para esse grave problema doutrinário só poderá ser feita a partir do estudo sério das Escrituras Sagradas, considerando que o Espírito Santo fala através da Palavra. A proposta de uma exegese bíblica a partir do método histórico gramatical demonstra resultados seguros a serem aplicados dentro e fora do contexto reformado calvinista brasileiro.

Os milagres do Novo Testamento foram reais e a Bíblia é testemunha suficiente dessa verdade. A mensagem extraída dos milagres do Novo Testamento continua a mesma que foi dada aos primeiros leitores bíblicos e é capaz de mudar a vida do ser humano ainda hoje.

O ensino fiel da Palavra de Deus demonstra que não há margens para que se crie atualmente uma expectativa sobre os milagres à semelhança do Novo Testamento. No entanto, toda a Bíblia testemunha que Deus continua cuidando do mundo através de Sua graça providente. E essa ação ordinária de maneira nenhuma é inferior aos atos extraordinários de Deus.

Esse trabalho não pôde lidar com todos os questionamentos teológicos que envolvem os atos extraordinários. Poderá ainda ser explorados estudos sobre a realidade das curas testemunhadas fora do âmbito cristão. Ciente desse fato é reforçado o interesse por mais pesquisas que preencham lacunas teológicas ou que deem respostas a novos questionamentos da fé cristã.

## **BIBLIOGRAFIA**

Agostinho, S. 2000. A cidade de Deus. VI. III. (livro XVI A XXII). 2ª ed. Lisboa.

Agostinho, S. 1994. A Trindade. São Paulo: Paulus.

Alves, R. 2005. Milagre. (*in* Ferreira, J. A., ed. Antologia Teológica. São Paulo: Fonte Editorial. p. 272).

Anon. 1995. Milagre. (*Em* Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda. Barga, 11:68).

Anon. 1995. Religião. (*Em* Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda. Mirador, 14:7639).

Annuario 2018. <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-06/anuario-pontificio-2018-annuarium-statisticum-ecclesiae.html> data de acesso: 20/01/2019.

Armstrong, J. 2002. O mistério católico. São Paulo: Editora Cultura Cristã.

Aulén, G. 1965. A fé cristã. São Paulo: Aste.

Bavinck, H. 2012. Dogmática Reformada, Vol. II. São Paulo: Editora Cultura Cristã.

Berkhof, L. 1990. Teologia Sistemática. Campinas: Luz Para o Caminho Publicações.

Bíblia de Estudo de Genebra. 1999. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil.

Breese, D. 1998. Conheça as marcas das seitas. São José dos Campos: Editora Fiel.

Brown, C. & Coenen, L. 2000. Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. Vol. I. São Paulo: Vida Nova.

Brown, C. & Coenen, L. 2000. Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. Vol. II. São Paulo: Vida Nova.

Bruce, F.F. 1987. João: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova.

Bruce, F.F. 1990. Merece Confiança o Novo Testamento? 2ª ed. São Paulo: Vida Nova.

Bruner, F. D. 2012. Teologia do Espírito Santo. São Paulo: Cultura Cristã.

Bultmann, R. 2005. Jesus. São Paulo: Editora Teológica.

Calvino, J. 1985. Institutas da religião cristã. Livro I. 2ª ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana.

Calvino, J. 2006. Institutas da religião cristã. Livro III. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã.

Calvino, J. 2001. Romanos. São Paulo: Edições Parakletos.

Campos, L.S. 2005.

As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. Revista USP, (67), 100-115.

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i67p100-115>

data de acesso: 15/02/2020

Campos, L. S. 2011. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças - DOI: 10.5752/P.2175-5841.2011v9n22p504”, *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, 9(22), p. 504-533. doi: 10.5752/P.2175-5841.2011v9n22p504.

data de acesso: 01/02/2020

De Campos, H. C. 2001. O ser de Deus e as Suas obras: a providência e a sua realização histórica. São Paulo: Editora Cultura Cristã.

Carson D. A. 1998. O propósito de sinais e maravilhas no Novo Testamento. (*in* Horton, M., ed. Religião de poder. São Paulo: Editora Cultura Cristã. p. 75,80).

César, E. M. L. 2000. História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais. Viçosa: Ultimato.

Chantry, W. J. 1990. Senãles de los Apóstoles. Barcelona: El Estandarte de la Verdad.

Civita. V. ed. 1973. Mitologia. Volume I. São Paulo: Abril Cultural.

Civita. V. ed. 1973. Mitologia. Volume II. São Paulo: Abril Cultural.

Concordância Bíblica. 1997. Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo.

Da Costa, H. M. P. 1992. A literatura apocalíptica-judaica. São Paulo: CEP.

Declaração de fé, 2016.

<https://assembleia.org.br/wp-content/uploads/2017/07/declaracao-de-fe-das-assembleias-de-deus.pdf>

data de acesso: 05/02/2020.

Dei Verbum, 1965.

[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651118\\_dei-verbum\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html) data de acesso: 09/05/2019)

Domezi, M. C. 2013. História das religiões. Batatais-SP: Claretiano.

Doyle, A. C. 2008. A história do espiritismo. Brasil: Luzespirita.

Eichrodt, W. 1975. Teologia del Antiguo Testamento I. Madrid: Ediciones Cristiandad.

Elwell, W. A., ed. 2009. Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova.

Evans, C. A. 1996. Novo comentário bíblico contemporâneo: Lucas. São Paulo: Editora Vida.

Faria, A. A. 2017. Filosofia da religião. Curitiba: InterSaberes.

Feuerbach, L. 2007. A essência do cristianismo. Petrópolis, RJ: Vozes.

Forbes, 2015. <https://www.forbes.com/profile/edir-macedo/#7fd00eb92fcf> data de acesso: 17/05/2019.

Frame, J. M. 2013. A doutrina de Deus. São Paulo: Editora Cultura Cristã.

Freston, Paul. C. 1993. Evangélicos e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment. Campinas. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279821> data de acesso: 05/02/2020.

Freud, S. 1996. Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. 2010. O futuro de uma ilusão. Porto Alegre: L&PM.

Funari, P.P., Navarro, A., Donnard., A., Mindlin, B., Tatsch, F.G., Langer, J., Magalhães, J.C., Gralha, J., Karnal, L., Rossi, L.A., Nogueira, P., Garraffoni, R.S. & Feldman, S.A. 2009. As religiões que o mundo esqueceu: como egípcios,

gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses. São Paulo: Editora Contexto.

Gaarder, J., Hellern, V. & Notaker, H. 2000. O livro das religiões. São Paulo: Companhia das Letras.

Geisler, N. 2010. Teologia sistemática: introdução à teologia, a Bíblia, Deus, criação. Vol. 1. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

Graham, B. 2009. O poder do Espírito Santo. São Paulo: Vida Nova.

Grenz, J. S. & Olson, R. 2003. A Teologia do Século 20. São Paulo: Editora Cultura Cristã.

Grudem, W. 2009. Teologia sistemática. São Paulo: Vida Nova.

Gundry, R. H. 1998. Panorama do Novo Testamento. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova.

Gurgel, C. 2010. Doenças e curas: o Brasil nos primeiros séculos. São Paulo: Editora Contexto.

Guthrie, D. 1984. Hebreus, introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão.

Hodge, A.A. 1999. A confissão de fé de Westminster comentada por A.A. Hodge. São Paulo: Editora Os Puritanos.

Hodge, C. 2001. Teologia Sistemática. São Paulo: Hagnos.

Hume, D. 2004. Investigação sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral. São Paulo: Editora UNESP.

Humphreys, J.C. 2004. Os milagres do Êxodo: as descobertas de um cientista das extraordinárias causas naturais das histórias bíblicas. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Hurlbut, J. L. 1979. História da igreja cristã. São Paulo: Editora Vida.

(IBGE 2010)

<http://censo2010.ibge.gov.br/noticiascenso?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espiritas-sem-religiao>  
data de acesso: 07/08/2017.

Itioka, N. 1988. Os deuses da umbanda: o baixo espiritismo, implicações teológicas e pastorais. São Paulo: ABU Editora.

Kaiser, Jr. W. & Silva, M. 2002. Introdução à hermenêutica bíblica: como ouvir a palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época. São Paulo: Editora Cultura Cristã.

Kharishnanda, Y. s.a. O Evangelho de Buda. São Paulo: Editora Pensamento.

Kardec, A. 2013. A Gênese. 53ª ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira.

Kardec, A. 2012. O livro dos espíritos. 6ª ed. São Paulo: Mundo Maior Editora.

Kidner, D. 1979. Gênesis: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova.

Kistemaker, S. 2004. Comentário do Novo Testamento: 1 Coríntios. São Paulo: Cultura Cristã.

Kuyper, A. 2010. A Obra do Espírito Santo. São Paulo: Cultura Cristã.

Kürle, S. 2014. Introdução ao Antigo Testamento. Londrina: FTSA.

Ladd, G. E. 1980. Apocalipse: introdução e comentário. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova.

Ladd, G. E. 2003. Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Hagnos.

De Lima, L. A. 2006. Razão da esperança: teologia para hoje. São Paulo: Cultura Cristã.

Laraia, R. de B. Setembro/Novembro 2005. As religiões indígenas: o caso tupi-guarani. São Paulo: Revista USP.

Lopes, A. N. 2012. O culto espiritual: um estudo em 1ª Coríntios sobre questões atuais e diretrizes bíblicas para o culto cristão. São Paulo: Cultura Cristã.

Lopes, H. D. 2006. Marcos, o evangelho dos milagres. São Paulo: Hagnos.

MacArthur, J. 2011. O caos carismático. São Paulo: Editora Fiel.

MacArthur, J. 2015. Fogo estranho: um olhar questionador sobre a operação do Espírito Santo no mundo de Hoje. Rio de Janeiro: Tomas Nelson Brasil.

Macedo, E. 2004. Mistérios da fé. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal Ltda.

Macedo, E. 2003. O Poder sobrenatural da fé. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal Ltda.

Da Mata, S. 2010. História e religião. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Mariano, R. 2004. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300010) data de acesso: 07/08/2017.

- Martínez, J. M. 1984. *Hermenêutica Bíblica*. Terrassa: Barcelona. CLIE.
- Marx, K. 2010. *Crítica da filosofia do direito de Hegel, 1843*. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus, São Paulo: Boitempo.
- Mendonça, A. G. & Filho, P.V. 2002. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola.
- Mesgravis, L. 2015. *História do Brasil colônia*. São Paulo: Editora Contexto.
- Mondin, B. 2005. *O homem: quem é ele? Elementos de antropologia filosófica*. São Paulo: Paulus.
- Morris, L. 1981. *1 Coríntios: introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova.
- Mulholland, D. s.a. *Marcos: introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova.
- Myatt, A. & Ferreira, F. 2002. *Teologia sistemática: faculdade teológica Batista de São Paulo - Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil*: Rio de Janeiro.
- Nascimento, A. C. & Matos, A. S. de. 2007. *O que todo presbiteriano inteligente deve saber*. Santa Bárbara d'Oeste: Socep Editora.
- Do Nascimento. M. B. 2004. *Cristão frutífero*. 3ª ed. Brasília: IPCG.
- Nicholi, Jr. A. M.. 2005. *Deus em questão: C.S.Lewis e Freud debatem Deus, amor, sexo e o sentido da vida*. Viçosa: Ultimato.
- Nichols, R. H. 2000. *História da igreja cristã, 11ª edição*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana.

Olyott, S. 2008. Pregação pura e simples. São Jose dos Campos: Editora Fiel.

Meier, 2013. O Rg Veda Livro 1 (Maṇḍala 1)

<http://www.shri-yoga-devi.org/textos/Rig-Veda-livro-1-port.pdf>

data de acesso: 01/05/2019.

Packer, J.I. 2004. Teologia concisa. 2ª ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã.

Proença, W. de L. 2006. Sindicato de mágicos: Uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006). Tese – Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

<file:///F:/NWU%202020/sindicato%20dos%20magicos%20lara%20proen%C3%A7a.pdf> data de acesso: 18/02/2020.

(RCC, 2014) Renovação Carismática Católica no Brasil.

<https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/discursos/discorso-do-papa-a-renovacao-carismatica-catolica/> data de acesso: 07/05/2018.

(RCC, 2011) Renovação Carismática Católica no Brasil.

<http://www.rccbrasil.org.br/institucional/a-rcc-do-brasil.html> data de acesso: 07/08/2017.

Rienecker, F. & Rogers, C. 1995. Chave linguística do Novo Testamento Grego. São Paulo: Vida Nova.

Ritto, C. 2012. População católica encolhe no Brasil. Evangélicos avançam.

<https://veja.abril.com.br/brasil/populacao-catolica-encolhe-no-brasil-evangelicos-avancam/> data de acesso: 02/02/2018.

Robinson, H.. W. 2002. Pregação bíblica: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos. São Paulo: Shedd Publicações.

Robinson, H. & Larson, C. B., eds. 2009. A arte e o ofício da pregação bíblica. São Paulo: Shedd publicações.

Rölke, H. 2016. Raízes da imigração Alemã: história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo. Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

Da Silva, C. M. D. 2003. Metodologia de exegese bíblica. 2ªed. São Paulo: Paulinas.

Sire, J. W. 2009. O universo ao lado: um catálogo básico sobre cosmovisão. São Paulo: Hagnos.

Soares, R. R. 1997. Como tomar posse da bênção. 5ª ed. São Paulo: Graça Editorial.

De Souza, A. C. 2004. Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?; um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira. Viçosa: Ultimato.

Sproul, R.C. 2014. A mão invisível. São Paulo: Editora Cultura Cristã.

Sproul, R. C. 1997. O mistério do Espírito Santo. São Paulo: Editora Cultura Cristã.

Stott, J. 2007. Batismo e plenitude do Espírito Santo. São Paulo: Vida Nova.

Strong, A. H. 2002. Dicionário Bíblico Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.

Strong, A. H. 2003. Teologia sistemática. Vol.1. São Paulo: Hagnos.

Stuart, D. & Fee, G. D. 2008. Manual de exegese bíblica. São Paulo: Vida Nova.

Tasker, R. V. G. 1991. Mateus: introdução e comentário. São Paulo: Editora Mundo Cristão.

Tillich, P. 2005. Teologia sistemática. São Leopoldo: Sinodal.

VanGemeren, W. A. 2011. Novo dicionário de teologia e exegese. Vol. II. São Paulo: Cultura Cristã.

Wilkinson, P. 2001. O livro ilustrado da mitologia: lendas e histórias fabulosas sobre grandes heróis e deuses do mundo inteiro. 2ª ed. São Paulo: Publifolha.

Yancey, P. & Brand, P. 2005. A dádiva da dor. São Paulo: Editora Mundo Cristão.